



UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Medicina Veterinária

CÃES DE ASSISTÊNCIA EM PORTUGAL: CÃES-GUIA, CÃES PARA SURDOS E  
CÃES DE SERVIÇO

SOFIA ALEXANDRA PEREIRA DO CARMO

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:

Doutor Luís Miguel Alves Carreira

Doutora Isabel Maria Soares Pereira da

Fonseca de Sampaio

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

Doutora Ana Mafalda Gonçalves Xavier

Félix Lourenço Martins

ORIENTADOR

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

CO-ORIENTADOR

Doutora Isabel Maria Soares Pereira da

Fonseca de Sampaio

2013

LISBOA

---



UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Medicina Veterinária

CÃES DE ASSISTÊNCIA EM PORTUGAL: CÃES-GUIA, CÃES PARA SURDOS E  
CÃES DE SERVIÇO

SOFIA ALEXANDRA PEREIRA DO CARMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:

Doutor Luís Miguel Alves Carreira

Doutora Isabel Maria Soares Pereira da

Fonseca de Sampaio

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

Doutora Ana Mafalda Gonçalves Xavier

Félix Lourenço Martins

ORIENTADOR

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

CO-ORIENTADOR

Doutora Isabel Maria Soares Pereira da

Fonseca de Sampaio

2013

LISBOA

---



À minha mãe, por me ter transmitido o gosto e o respeito pelos animais e acima de tudo, por me ter ensinado a lutar pelo meu lugar ao sol.

## Agradecimentos

À Professora Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa, minha orientadora, por me ter esclarecido as dúvidas, dado conselhos e por me ter deixado assistir às suas consultas de comportamentos animal.

À Professora Doutora Isabel Maria Soares Pereira da Fonseca, por me ter tirado também as dúvidas que surgiram e por ter apoiado na elaboração da tese ou durante o estágio no Laboratório de Parasitologia e Doenças Parasitárias da FMV-UTL.

À Dra. Lídia Gomes do Laboratório de Parasitologia e Doenças Parasitárias da FMV-UTL, pela ajuda e pela disponibilidade em transmitir os seus conhecimentos sobre parasitas e não só.

À Dra. Filipa Paiva, da ABAADV, pela disponibilidade para ser entrevistada, tirar as minhas dúvidas posteriormente e em arranjar pessoas para me responderem ao questionário.

À Professora Doutora Liliana Sousa da ÂNIMAS, pela disponibilidade em ceder uma entrevista.

Ao João Vasconcelos, da Bocalán Portugal pela disponibilidade em ceder uma entrevista e esclarecer a minhas dúvidas relativamente ao treino deste tipo de cães.

Ao Francisco Alves por partilhar as suas histórias magníficas sobre o seu cão-guia, e assim mostrar-me um pouco o que é viver com este tipo de cão e quão fantásticos são.

Ao Nelson Gonçalves, Augusto Hortas, Carla Alexandre e Guilherme Jorge por me terem arranjado contatos para responderem ao questionário, sendo graças a eles que consegui ter um número adequado de respostas.

A todas as pessoas que responderam ao meu questionário.

Aos meus pais e à minha avó que permitiram ser quem sou.

À minha irmã e ao Pedro por permitirem que eu tivesse um teto e nunca me faltasse nada, nesta etapa da minha vida.

Ao Tótó, à Mimi e à Beatriz pelo amor incondicional que me deram e têm dado e pela felicidade com que me recebem sempre que me veem, mesmo que passado muitos meses.

## **Resumo**

### **Cães de Assistência em Portugal – Cães-guia, cães para surdos e cães de serviço.**

Cada vez mais a sociedade atual tenta fornecer meios que facilitam e melhoram a qualidade de vida dos seres humanos. Os cães de assistência são um desses meios.

Os cães-guia auxiliam pessoas cegas, os cães para surdos auxiliam pessoas com dificuldades de audição graves e os cães de serviço auxiliam pessoas com problemas motores, orgânicos ou mentais.

Este tipo de cães passa por um processo de aprendizagem através de um treino especializado de acordo com o tipo de utilizador, sendo o reforço positivo e o *clicker* as técnicas mais utilizadas para se obter tais objetivos. Além disso, a escolha das raças e os seus temperamentos são de extrema importância, pois está em causa a segurança de um ser humano com incapacidades.

O objetivo principal deste trabalho foi caracterizar os cães de assistência em Portugal, tendo sido feitos 2 tipos de questionários, um às associações que treinam cães de assistência e o outro aos utilizadores desses mesmos cães. Foram feitos inquéritos a 3 associações e a 32 utilizadores espalhados pelo País.

Verificou-se que a raça mais utilizada é a *Labrador Retriever* devido à sua personalidade calma, à sua memória e à sua destreza física. Também se aferiu a importância da esterilização de todos os cães de assistência assim como a sua vacinação. Finalmente averiguou-se que os utilizadores destes animais se sentem mais confiantes, seguros, com melhor autoestima e conseguem socializar-me com maior facilidade com a sociedade em geral, após estes animais fazerem parte das suas vidas. Também sentem uma ligação muito forte com o seu cão de assistência, pois cada vez mais a lei permite que este tipo de cães acompanhem os seus utilizadores em qualquer local público, sejam transportes ou estabelecimentos comerciais.

**Palavras-chave:** cães de assistência, cão-guia, cão para surdos, cão de serviço, temperamento, treino.

## **Abstract**

### **Assistance dogs in Portugal - guide dogs, hearing dogs and service dogs**

Today's society increasingly tries to provide a way to ease and improve the quality of the human being life. Assistance dogs is one of them.

Guide dogs help blind people, hearing dogs assist people with severe hearing difficulties and service dogs help people with mobility, organic or mental problems.

This type of dogs undergo a learning process using a specialized training in accordance with the type of users. Positive reinforcement and clicker techniques are the most used to achieve those aims. Moreover, breed and temperament choice is of utmost importance as the safety of people with disabilities is at stake.

The main objective of this study was to characterize assistance dogs in Portugal in order to achieve that goal, two types of questionnaires were made, the first one to associations that train assistance dogs, and the another one to assistance dogs users. Inquires were made to three associations and 32 users throughout the country.

It was found that Labrador Retriever is the most used breed due to its relaxed personality, its memory and its physical ability. The importance of neutering/spaying and vaccination was also accessed for all dogs. Finally we found that dog users feel more confident, secure, with better self-esteem and manage to socialize easier with society in general, after these animals were involved in their lifes. In our days, law's allow these type of dogs to accompany their users in any public place, whether transport or commercial facilities, therefore enabling establishment of very strong connection with their owners since they share almost all their daily tasks.

**Keywords:** assistance dogs, guide dog, hearing dog, service dog, temperament, training.

## Índice geral

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice geral.....	vi
Índice de figuras.....	viii
Índice de gráficos.....	viii
Índice de tabelas.....	ix
Índice de anexos.....	ix
Índice de abreviaturas e de siglas.....	x
Atividades desenvolvidas no estágio curricular.....	1
Parte I- Revisão bibliográfica.....	6
1- Introdução.....	6
2- A interação Homem - cão.....	6
2.1- A influência do homem no cão.....	7
3- Desenvolvimento do comportamento do cão.....	8
3.1- Período neonatal.....	9
3.2- Período de transição.....	9
3.3- Período de socialização.....	9
3.4- Período juvenil.....	10
4- A aprendizagem no cão.....	10
4.1- Condicionamento clássico.....	10
4.2- Condicionamento operativo.....	11
4.3- Habituação.....	11
4.4- Encadeamento ( <i>Chaining</i> ).....	11
4.5- Aprendizagem discriminativa.....	12
5- Técnicas de modificação de comportamento do cão.....	12
5.1- O reforço.....	12
5.1.1- Reforço positivo.....	13
5.1.2- Reforço negativo.....	13
5.2- A punição.....	14
5.2.1- Punição positiva.....	14
5.2.2- Punição negativa.....	15
6- Outras técnicas de modificação do comportamento do cão.....	15
6.1- Treino auditivo.....	15
6.1.1- <i>Clicker</i> .....	15
6.1.2- Treino com discos.....	16
6.2- Dessensibilização.....	16
6.3- Contra condicionamento.....	16
6.4- Exposição Repetitiva ( <i>Flooding</i> ).....	16
7- O cão de assistência.....	16
7.1- Como tudo começou.....	16
7.2- Os benefícios.....	17
7.3- Os tipos de cão de assistência.....	18
7.3.1- Cão-guia.....	19
7.3.2- Cão para surdos.....	21
7.3.3- Cão de serviço.....	21
7.4- A escolha do cão de assistência.....	22
7.5- Temperamento e predisposição das raças.....	22

7.5.1- As raças.....	23
7.6- A ligação entre o cão de assistência e o seu utilizador.....	26
7.7- A educação do cão de assistência.....	29
7.7.1- A importância da educação.....	29
7.7.2- O que aprendem.....	30
7.7.2.1- Cão-guia.....	30
7.7.2.2- Cão para surdos.....	31
7.7.2.3- Cão de serviço.....	32
7.7.3- Do cachorro ao adulto – aspetos importantes.....	33
8- A legislação do cão de assistência.....	37
9- Princípios éticos e morais dos utilizadores de cães de assistência.....	38
Parte II- Parte prática - Inquérito sobre cães de assistência.....	39
1- Objetivos.....	39
2- Materiais e métodos.....	39
2.1- Questionário 1.....	39
2.2- Questionário 2.....	40
2.3- Análises dos dados.....	41
3- Resultados.....	41
4- Discussão dos resultados.....	57
4.1- A opinião dos utilizadores de cães de assistência.....	62
5- Conclusão.....	63
Bibliografia.....	64
Anexos.....	69
Anexo 1- Questionário 1.....	70
Anexo 2- Questionário 2.....	81

## Índice de figuras

Figura 1: Ovo de <i>Trichuris vulpis</i> , encontrado nas fezes de cão, visto ao microscópio. Ampliação aproximadamente de $\times 288$ .....	2
Figura 2: <i>Demodex canis</i> , encontrados na pele de cão, visto ao microscópio Ampliação aproximadamente de $\times 153$ .....	2
Figura 3: Trofozoítio de <i>Giardia</i> sp. encontrado em fezes de cão, visto ao microscópio. Ampliação aproximadamente de $\times 1267$ .....	2
Figura 4: Dupla utilizador-cão-guia (raça <i>Flat Coated Retriever</i> ) ligados pelo arnês.....	20
Figura 5: Lana, a primeira cadela (raça <i>Pequinois</i> ) certificada como cão para surdos em Portugal.....	21
Figura 6: Cão de serviço da raça LR .....	22
Figuras 7 e 8: Cães-guia, da raça LR, ainda em fase de educação na ABAADV .....	31
Figura 9: Cão-guia ainda na fase da família de acolhimento, com colete onde se encontra inscrita a mesma informação .....	35
Figura 10: Distribuição geográfica dos cães de assistência cujos utilizadores responderam ao questionário 2 .....	45

## Índice de gráficos

Gráfico 1: Resultados das análises feitas às amostras recebidas no LPDP, durante o estágio curricular.....	4
Gráfico 2: Respostas à questão: é o primeiro cão de assistência que tem?.....	45
Gráfico 3: Respostas à questão: qual o sexo do cão de assistência?.....	46
Gráfico 4: Raça dos cães de assistência ( <i>Flat Coat Ret-</i> refere-se à raça <i>Flat Coat Retriever</i> ).....	46
Gráfico 5: Idade do cão de assistência quando foi atribuído ao seu utilizador .....	47
Gráfico 6: Vacinas que os cães de assistência possuíam neste estudo.....	47
Gráfico 7: Frequência das desparasitações externas e internas.....	48
Gráfico 8: Frequência da ida dos cães de assistência ao médico veterinário .....	48
Gráfico 9: Respostas à questão: o seu cão de assistência já teve alguma doença?.....	49
Gráfico 10: Frequência diária da alimentação do cão de assistência.....	49
Gráfico 11: Valor que o cão de assistência tem para os utilizadores do ponto de vista de utilidade e do ponto de vista emocional.....	50
Gráfico 12: Tempo diário que o cão de assistência tem para atividades fora do trabalho.....	50
Gráfico 13: Respostas à questão: quando recebe a recompensa?.....	51
Gráfico 14: Tipos de recompensa que o cão de assistência recebe.....	51
Gráfico 15: Respostas à questão: alguma vez o seu cão de assistência lhe desobedeceu?.....	52
Gráfico 16: Respostas à questão: qual será o destino do cão de assistência após terminada a vida útil de trabalho? .....	53
Gráfico 17: Respostas à questão: qual foi o destino do seu outro cão de assistência?.....	53
Gráfico 18: Tipos de percurso feito pelo cão-guia.....	54
Gráfico 19: Tipos de transporte mais usados pelos cães-guia.....	54
Gráfico 20: O que reconhecem os cães de assistência.....	55

## **Índice de tabelas**

Tabela 1: Número de amostras de cada espécie para análise no LPDP, no período que decorreu o estágio curricular.....	3
Tabela 2: Tipos de análises requisitadas durante o estágio curricular no LPDP.....	3
Tabela 3: Casos assistidos nas consultas de comportamento animal durante o estágio curricular.....	4
Tabela 4: Raças mais usadas pelas 3 associações inquiridas, nos diferentes tipos de cães de assistência.....	41
Tabela 5: Características relativas ao treino dos cães de assistência e ao acoplamento entre estes e os seus utilizadores.....	43
Tabela 6: Características dos utilizadores, com idades compreendidas entre os 22 e os 64 anos, que responderam ao questionário 2.....	44
Tabela 7: Exemplos do que reconhecem os cães-guia.....	56
Tabela 8: Exemplos do que reconhecem os cães para surdos.....	57
Tabela 9: Exemplos do que reconhecem os cães de serviço.....	57

## **Índice de anexos**

Anexo 1: Questionário 1, realizado às associações que treinam e doam de cães de assistência.....	70
Anexo 2: Questionário 2, destinado aos utilizadores de cães de assistência.....	81

## **Lista de abreviaturas e siglas**

ABAADV – Associação Beira Agueira de Apoio ao Deficiente Visual

ADEu - *Assistance Dogs Europe*

ADI – *Assistance Dogs International*

ÂNIMAS – Associação Portuguesa para a Intervenção com Animais de Ajuda Social

BB – *Bouvier Bernois*

FMV/UL – Faculdade de Medicina Veterinária/Universidade de Lisboa

GR – *Golden Retriever*

IAADP - *International Association of Assistance Dog Partners*

LPDP- Laboratório de Parasitologia e Doenças Parasitárias

LR- *Labrador Retriever*

PA – Pastor Alemão

### **Atividades desenvolvidas no estágio curricular**

O estágio curricular decorreu no Laboratório de Parasitologia e Doenças Parasitárias (LPDP), da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa (FMV/UL), no período de 10 de Setembro de 2012 a 8 de Março de 2013, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Doutora Isabel Pereira da Fonseca. Foram também assistidas algumas consultas de comportamento animal da Prof<sup>a</sup>. Doutora Ilda Gomes Rosa, no hospital veterinário da FMV.

No laboratório da FMV aprofundaram-se conhecimentos sobre técnicas parasitológicas, já aprendidas nas disciplinas de Parasitologia e de Doenças Parasitárias sendo elas:

- Métodos Coprológicos para pesquisa de ovos pelas técnicas de:
  - *Willis*;
  - Sedimentação;
  - Esfregaço Fecal com coloração *Ziel-Nielsen* (esta também para pesquisa de quistos de *Giardia* sp. e *Criptosporidium* sp.);
  - Câmara de *McMaster* para pesquisa de parasitas e ovos;
- Coprocultura para pesquisa de larvas infetantes;
- *Baermann* para pesquisa de parasitas pulmonares;
- Método *Knott* para pesquisa de microfilárias;
- Coloração de *Giemsa* para pesquisa de hemoparasitas;
- Raspagem de pele e pelos para pesquisa de ácaros com lactofenol;
- Imunofluorescência Indireta para pesquisa de *Leishmania* spp. em sangue ou em punção ganglionar;
- Identificação de parasitas;
- Esfregaço com zaragatoa da zona oral de pombos, para pesquisa de *Trichomonas* sp.;
- Esfregaço com zaragatoa da zona retal de pombos, para pesquisa de *Hexamita* sp.

Aprofundaram-se também conhecimentos sobre os parasitas mais comuns em cães, gatos, cavalos e pombos (como por exemplo: *Giardia* sp., microfilárias, *Leishmania* spp., *Theileria* sp., *Trichomonas* sp., etc) e até alguns menos comuns, como *Vampirolepis nana* em chinchilas.

As figuras 1, 2 e 3 são alguns dos exemplos de parasitas e ovos encontrados nas amostras analisadas no LPDP, durante o estágio.

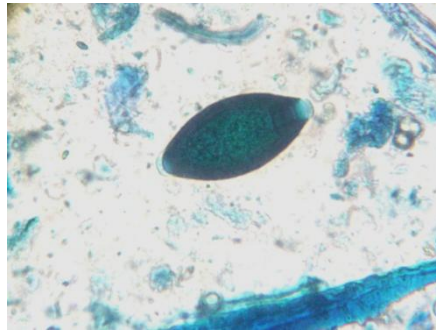


Figura 1: Ovo de *Trichuris vulpis*, encontrado nas fezes de cão, visto ao microscópio. Ampliação aproximadamente de  $\times 288$  (original).



Figura 2: *Demodex canis*, encontrado na pele de cão, visto ao microscópio. Ampliação aproximadamente de  $\times 153$  (original).

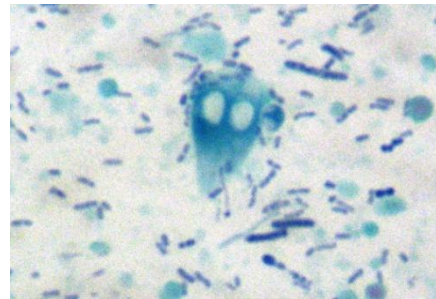


Figura 3: Trofozoíto de *Giardia* sp. encontrado em fezes de cão, visto ao microscópio. Ampliação aproximadamente de  $\times 1267$  (original).

No período que decorreu o estágio, foram processadas 319 amostras de 208 de animais e de 5 amostras de matéria orgânica de solos. Na Tabela 1 estão enumeradas as amostras analisadas de cada tipo de animal, verificando-se que as amostras de cão foram aquelas que mais surgiram no laboratório, durante este período.

Tabela 1: Número de amostras de cada espécie para análise no LPDP, no período que decorreu o estágio curricular.

<b>Animal</b>	<b>Número de amostras</b>
Cão	145
Gato	26
Equino	9
Bovino	9
Pombo	6
Chinchila	4
Pavão	3
Grifo	2
Cobra	1
Caracoleta	1
Cobaio	1
Dragão de Komodo	1

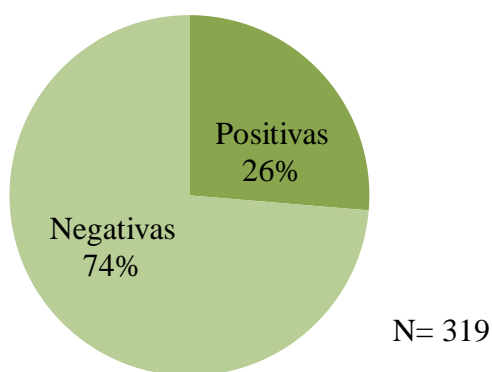
De todas as técnicas parasitológicas referidas anteriormente, verificam-se na Tabela 2 as utilizadas durante o estágio, sendo os métodos coprológicos aqueles que foram mais requisitados (principalmente as técnicas de *Willis* e de Sedimentação):

Tabela 2: Tipos de análises requisitadas durante o estágio curricular no LPDP.

<b>Tipo de análise</b>	<b>Número de análises</b>
Pesquisa de <i>Leishmania</i> sp.	53
Métodos coprológicos	110
Identificação de parasitas	6
Pesquisa de ácaros	45
Pesquisa de microfilárias	40
Pesquisa de hemoparasitas	49
Pesquisa parasitas zona retal (zaragatoa)	7
Pesquisa parasitas zona oral (zaragatoa)	9

Do total das amostras, 84 análises foram positivas (26%), enquanto 235 foram negativas (74%) (Gráfico 1).

Gráfico 1: Resultados das análises feitas às amostras recebidas no LPDP, durante o estágio curricular.



Relativamente às consultas de comportamento animal, foram apenas assistidas 5 consultas, sendo 4 delas de cães (1 fêmea e 3 machos) e 1 de gato (macho). Na Tabela 3 estão enumerados os casos e os problemas de cada um.

Tabela 3: Casos assistidos nas consultas de comportamento animal durante o estágio curricular.

<b>Espécie</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Problema</b>
Cão	7-8 anos (foi encontrada)	Fêmea	Vocalização, inquietação e ansiedade. Assustou-se com ruído forte e desde aí tem medo de ir à rua.
Cão	10 meses	Macho	Morde, estraga e arrasta os móveis/eletrodomésticos; vocaliza quando os donos saem de casa. Agressivo por vezes para as pessoas.
Gato	1-2 anos (foi encontrado)	Macho	De vez em quando e sem causa aparente começa a “bufar” ou a andar em círculos atrás da cauda mordendo-a com força (possível lesão neurológica?) (SIC).
Cão	10 anos	Macho	Rosna aos outros cães da casa e pessoas conhecidas ou desconhecidas (em casa ou na rua). Rosna se alguém tocar na dona (que está grávida).
Cão	9 meses	Macho	Tenta dominar outro cão macho mais velho que habita na mesma residência, criando lutas entre eles.

Foram criadas algumas tentativas de solução para cada caso, como por exemplo ignorar e/ou castigar (fechar sozinho numa divisão da casa durante uns minutos) quando os comportamentos são indesejados (saltar, rosnar, ladrar, etc) e manifestar agrado e recompensas (palavras e gestos carinhosos) quando demonstrarem os comportamentos desejados (como estarem sentados).

Como conclusão do trabalho realizado durante o período de estágio, salienta-se que o estágio em laboratório foi importante na aquisição de conhecimentos principalmente sobre cães, nomeadamente os seus possíveis parasitas e zoonoses (como a giardiose e a toxocarose). Foi também possível praticar e aperfeiçoar técnicas parasitológicas, assim como a observação mais regular de parasitas, o que permitiu conhecê-los e reconhecê-los, aos seus ovos e às suas larvas.

Finalmente, as consultas de comportamento animal permitiram adquirir conhecimentos sobre alguns comportamentos considerados anormais em cães e as suas possíveis soluções ou reduções. Nem sempre existem soluções para esses comportamentos, pois há vários fatores a ter em conta como: casos que já duram há anos; animais já com uma idade mais avançada; donos pouco empenhados, etc. Além disso, a maioria dos casos requer tempo, paciência e acima de tudo consistência para que seja solucionado o problema.

## **PARTE I – Revisão Bibliográfica**

### **1- Introdução**

Dos animais que coabitam com o Homem, o cão parece ser aquele que tem maior capacidade para perceber os seus sinais (Lucidi, Bernabo, Panunzi, Villa & Matioli, 2005).

Como o ser humano possui aptidão para modificar o comportamento de outras espécies, obtiveram-se animais de companhia ou de ajuda compatível e cooperante, através dessa competência (Lindsay, 2000b).

Há já muitos anos que o cão vem tendo os mais variados papéis na nossa sociedade, tais como, animal de companhia, de caça, de guarda, de pastoreio ou de tração (de trenó por exemplo). Mais recentemente surgiram novas funções como a de cão-guia, de serviço, de polícia, de procura de explosivos, de salvamento de pessoas perdidas, sob escombros, em avalanches ou noutras catástrofes naturais ou provocadas pelo Homem.

Os cães de trabalho têm características em comum, tais como serem sociáveis, adaptáveis, treináveis, autoconfiantes, corajosos, resistentes, confiantes em abordar pessoas e ambientes que lhes são estranhos (Tomkins, Thomson & McGreevy, 2012; Mariti, Ricci, Carlone, Moore, Sighieri & Gazzano, 2012).

Atualmente, muitas raças demonstram capacidade para ter comportamentos cooperativos complexos com o ser humano, sendo úteis na assistência de pessoas com as mais variadas incapacidades (Naderi, Miklósi, Dóka & Csányi, 2001).

### **2- A interação Homem - cão**

Não se sabe ao certo os motivos que levaram à domesticação do cão, tendo-se considerado que o homem capturou e domesticou canídeos selvagens para obter um animal de companhia e de ajuda humana. Mas, um estudo recente (Lopes & Silva, 2012) revelou que poderá ter sido um processo de seleção natural que aproximou o cão ancestral das povoações, para procurar alimento e água, e que essa aproximação e vivência conduziram, mais tarde, ao seu treino e domesticação.

Sabe-se no entanto, que a modificação gradual do lobo (*Canis lupus*) para o cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) resultou de um processo evolutivo que demorou milhares de anos e que parece ter culminado no Paleolítico, aquando do desenvolvimento da interação social entre humanos e cães. A prática de controlar e modificar o comportamento do cão para servir os propósitos do ser humano, parece anteceder ainda o surgimento da civilização. Surgiu mais tarde, a oportunidade e a necessidade de conhecer os hábitos dos animais e de desenvolver

métodos de controlo do comportamento animal. Estes conhecimentos foram transmitidos de geração em geração e permitiram o desenvolvimento do treino do cão (Lindsay, 2000a).

O processo de domesticação envolve vários elementos, tais como, o controlo da reprodução para obter determinadas características, o controlo da socialização e o treino para aquisição de hábitos específicos (Lindsay, 2000b). Deste modo, os cães foram criados seletivamente durante milhares de anos, surgindo um relacionamento que suscitou comportamentos de afeição entre o Homem e o cão. Forneceram-se assim as condições ideais para desencadear sistemas de prestação de cuidados pelo cão (Kwong & Bartholomew 2011).

Os cães começaram a realizar variados serviços para o ser humano, tais como ajuda a caçadores em jogos de perseguição, dar alarme na presença de intrusos, puxar trenós, providenciar calor e conforto e também oferecer distração lúdica para crianças.

Muitas raças, atualmente existentes, foram criadas para uma utilidade prática, como por exemplo o cão de pastor ou o cão de guarda. Reconheceu-se também, que o treino era necessário para o cão se habilitar à função em vista. Mesmo a interação mais casual entre o Homem e o cão requer a mínima compreensão do comportamento canino e habilidade para o controlar (Lindsay, 2000b).

Deu-se um ponto de viragem no uso do cão como possível prestador de serviços quando Darwin publicou “A expressão das emoções no Homem e nos animais” (*The Expression of the Emotions in Man and Animals*), onde descreve o comportamento do cão, levando a que se prestasse maior atenção para tal assunto. Também Pavlov com os seus estudos, sobre reflexos condicionados em cães e Thorndike com as suas experiências e observação de como os animais se adaptavam às situações que lhe eram impostas, permitiram uma melhor compreensão sobre o comportamento e as aprendizagens do cão. A partir daqui, muitos foram os que salientaram a importância da observação direta dos comportamentos típicos de cada espécie, em condições naturais, para melhor compreender o cão e para o treinar para um determinado objetivo (Lindsay, 2000a).

### 2.1- A influência do Homem no cão

O cão tem a capacidade inata de interpretar intenções por detrás de expressões não-verbais (gestos ou olhares humanos), tendo a capacidade de aprender pela observação. É portanto uma das espécies mais adequadas a ser um animal de assistência ao ser humano (Haupt, 2005; Lucidi *et al.*, 2005).

O comportamento de um cão é afetado por diversos aspetos, muitos relacionados com o seu dono/utilizador, como por exemplo a atitude destes e o modo como eles interagem com o seu cão e o seu maneo. Verificou-se que quando os donos/utilizadores brincam e ensinam os seus

cães, há menor probabilidade de surgirem comportamentos indesejados (como agressividade ou ansiedade). Um dono inconsistente no treino e no manejo origina mais facilmente comportamentos desobedientes por parte do seu cão.

Outro aspeto importante é se o dono/utilizador possui um cão pela primeira vez ou não. Isto porque pessoas que têm um cão pela primeira vez têm menor capacidade para lidar com ele, pois a experiência permite a aquisição de aprendizagens, tais como, saber interpretar os comportamentos do cão, controlando aqueles que são indesejados.

O modo como as ordens são dadas, afeta também o comportamento do cão, sendo importante que a pessoa esteja focada no cão. O momento, o tom de voz e os gestos, como apontar ou mover a cabeça, serão interpretados pelo cão, levando-o a manifestar um comportamento apenas se ele entender a mensagem e mais ainda se for recompensado. Há um estudo que mostra que um cão é menos obediente quando o dono dá a ordem enquanto foca a televisão ou um livro, ou ainda quando fecha os olhos ou está de costas para ele. É então de salientar que o dono ou utilizador tem de estar focado no seu cão quando o treina e depois quando lhe dá as ordens (Yamamoto, Ohtani & Ohta, 2011).

### **3- Desenvolvimento do comportamento do cão**

O comportamento do cão é determinado por diversos fatores: biológicos (endócrinos e neuro endócrinos), genéticos e empíricos. Estes fatores correlacionam-se entre si, uma vez que a experiência guia e modifica o comportamento do animal (Lindsay, 2000; Van der Waaij, Wilsson & Strandberg, 2008). Um exemplo desta correlação é o caso dos androgénios, que induzem os comportamentos agressivos enquanto os corticosteroides manifestam-se no stress e no medo (Fratkin, Sinn, Patall & Gosling, 2013).

O desenvolvimento do comportamento ocorre principalmente num cachorro, que está na fase de construção da aprendizagem e a adaptar-se ao ambiente que o rodeia, pois encontra-se numa etapa sensível a estímulos. Durante o crescimento, o cachorro passa por um processo de organização biológico progressivo e simultaneamente por diferenciações comportamentais (Lindsay, 2000; van der Waaij *et al.*, 2008).

Existe uma etapa crítica da vida do cão (desde que nasce até atingir a maturidade sexual) em que a maioria das suas experiências irá influenciar o seu comportamento no futuro (Haupt, 2005). Assim, o cão de assistência desde que nasce deve começar a adquirir aprendizagens que vão sendo cada vez mais específicas ao longo do seu crescimento (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013; L. Sousa, comunicação pessoal, Abril 16, 2013). Essa etapa divide-se em 4 períodos. O primeiro período é o neonatal, posteriormente vem o período de transição, segue-se o período de socialização e por fim o período juvenil. Não quer isto dizer que não

possa ocorrer socialização no cão adulto, apesar de tal, ser mais difícil. Além disso, os períodos não estão confinados às mesmas idades, pois diferentes raças de cães atingem a maturidade em idades também diferentes. Por exemplo, um cachorro da raça *Cocker Spaniel* atinge a maturidade mais tarde que um cachorro da raça *Basenji* (Haupt, 2005).

### 3.1- Período neonatal

Ocorre desde o nascimento até cerca das 2 semanas de idade.

É o período em que o cachorro é surdo e cego, procurando a mãe através do tato e do olfato. Para se deslocarem têm de se arrastar, usando os membros anteriores. O cachorro passa o seu tempo a comer e a dormir e a defecação e a micção têm de ser estimuladas pela mãe (Haupt, 2005).

### 3.2- Período de transição

Pode ir das 2 às 3 semanas de idade.

Os olhos abrem, mas apesar disso têm acuidade visual fraca. Os ouvidos também se abrem, aumentando assim os estímulos do ambiente à sua volta. A defecação e a micção tornam-se espontâneas. Começa a erupção dos dentes (Haupt, 2005).

### 3.3- Período de socialização

Ocorre aproximadamente entre as 3 e as 14 semanas de idade.

Do ponto de vista comportamental é o período mais importante, pois o cachorro assimila tudo do meio envolvente, da mãe, dos irmãos e dos seres humanos. Surge a brincadeira com muita frequência e começa a estabelecer-se a hierarquia entre os cachorros da ninhada.

Se os cachorros forem retirados da mãe e da companhia dos irmãos antes deste período, em adultos tenderão a ter dificuldades na socialização, manifestando medo ou agressividade com outros cães. Além disso, poderão ter tendência a orientarem-se para o humano de forma incorreta (por exemplo atenção sexual direcionada para o ser humano).

Mesmo que o cão tenha uma boa socialização com outros cães, mas não a tiver com pessoas, torna-se tímido e difícil de dominar, não procurando recompensas por exemplo, sendo assim um cão mais difícil de treinar. Não só a presença/ausência da pessoa é importante, como também o é a qualidade do contato entre o cachorro e o ser humano. Esta fase é útil para começar a aprendizagem de obediências, apesar de mais tarde essas obediências poderem vir a diminuir, principalmente com a pessoa que não a que treinou o cachorro (Haupt, 2005).

Ao desenvolver capacidades sociais, o cachorro torna-se menos reativo a novas situações, importante no cão de assistência, principalmente no cão-guia. Assim, o cão deve ser exposto a

uma variedade de experiências, sons, texturas, objetos, entre outros, o que permite comportamentos mais estáveis e calmos.

Apesar de a socialização dar-se nesta fase da vida do cachorro, esta não cessa totalmente, prolongando-se por toda a sua vida (Batt, Batt, Baguley & McGreevy, 2008).

Um estudo que comparou cães que se socializaram com humanos e cães que não se socializaram (de canil), mostrou que a grande maioria dos primeiros eram treináveis como cães-guia, enquanto os segundos falharam esse treino (Haupt, 2005). Assim, os cães que durante esta etapa não façam uma socialização correta, tendem a apresentar dificuldades na sua resposta social e no treino em geral (Lindsay, 2000a).

No caso do cão-guia, esta fase é passada com a família de acolhimento, permitindo uma socialização com pessoas e mesmo com outros cães até à idade ideal para serem educados, sendo uma das etapas mais importantes na educação deste tipo de cão de assistência. Pretende-se que o cachorro aprenda, nesta fase, a ter comportamentos apropriados (como fazer as necessidades fisiológicas no local certo) e a obedecer. Além disso, habitua-se a uma variedade de ambientes, sejam urbanos ou rurais. Deste modo, mesmo que surjam uma variedade de novas distrações, a atenção do cão-guia tenderá a ser desviada menos vezes, durante o seu trabalho.

As experiências vividas nos primeiros meses de vida têm efeitos duradouros no comportamento e influenciam o desenvolvimento dos comportamentos ao longo da vida do cão (Gazzano, Mariti, Sighieri, Ducci, Ciceroni & McBride, 2008).

Após esta socialização, quanto mais tarde os cachorros forem educados, mais difícil será o seu treino (Koda, 2001).

### 3.4- Período juvenil

Período que ocorre entre cerca das 14 semanas até à maturidade sexual.

Começam a mostrar comportamento sexual, e atingem a maturidade a partir dos 8 meses de idade (sendo a maturidade atingida aos 2/3 do seu peso adulto), variando com as raças (Haupt, 2005).

## **4- A aprendizagem no cão**

A aprendizagem nos animais pode ser adquirida de modos diferentes:

### 4.1- Condicionamento clássico

Pavlov mostrou este condicionamento em cães, em que um estímulo não condicionado que produz uma resposta no cão é associado a um condicionado. Este processo repetido por

diversas vezes, leva a que o estímulo condicionado, por si só, produza a mesma resposta dada pelo não condicionado (Haupt, 2005).

#### 4.2- Condicionamento operativo

É também chamado de aprendizagem instrumental, pois o comportamento é o meio pelo qual se obtém o reforço (Haupt, 2005).

É o método primário de treino do cão e do gato. Trata-se de fornecer uma recompensa sempre que o animal tem um determinado comportamento. Se a recompensa for boa, o cão tem maior tendência a repetir o comportamento recompensado, mas se a recompensa for má, esse comportamento tenderá a diminuir (Hunthausen & Seksel, 2002).

Este tipo de aprendizagem é mais útil no treino de micção e defecação no local correto (Haupt, 2005).

#### 4.3- Habituação

Trata-se de uma aprendizagem que envolve a redução de uma resposta perante um estímulo repetido. Não faz associação entre 2 eventos como se verifica no reforço. É importante a habituação durante o crescimento do cão, pois ao familiarizar-se com determinados objetos, pessoas, entre outros, o cão perde o medo e a ansiedade. O que se quer na habituação é que o cão desenvolva reações normais quando surge um novo estímulo.

Também se usa a habituação em situações em que os cachorros mostram grande excitação. Essa situação deve ser repetida várias vezes até que o cachorro a aceite como um evento pouco significativa. Em situações de ansiedade este tipo de treino pode resultar, mas o mesmo pode não se verificar quando o animal mostra medo de algo (Mills, 2002).

Também no treino de cães de assistência (cães-guia e cães de serviço) se usa a habituação quando se passeia um cachorro por uma cidade, de modo a habituar-se aos seus sons, à sua agitação e assim o cão se vá distraindo cada vez menos (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

#### 4.4- Encadeamento (*Chaining*)

Trata-se de o animal desempenhar uma série de respostas sequencialmente. Por exemplo, um cão pode sentar-se, deitar-se e rolar, quando apenas lhe for pedido para se sentar. A aprendizagem seguida dessas várias obediências pode levar a que inadvertidamente ou não, o cão as encadeie (Haupt, 2005).

#### 4.5- Aprendizagem discriminativa

Os cães aprendem a discriminar diferentes pistas visuais, auditivas ou táteis. Conseguem discriminar os comandos orais do dono ou do treinador, de modo a distinguir objetos (Haupt, 2005). Também aprendem que se o dono/treinador falar num tom áspero ou rude, está a mostrar desagrado, independentemente das palavras que forem usadas (Hunthausen & Seksel, 2002).

### **5- Técnicas de modificação do comportamento do cão**

Como já foi referido, a modificação do comportamento resulta da interação do genótipo com fatores ambientais. Estes fatores, por sua vez, podem ser manipulados de modo a alcançar as características desejadas no comportamento do cão. É necessário distinguir técnicas de modificação de comportamento dos métodos de treino (estes estão na sua maioria associados ao estabelecimento de obediência) (Mills, 2002).

#### 5.1- O reforço

É importante saber a diferença entre o reforço pretendido e o realmente atribuído, pois o reforço define-se pelo efeito que gerou. Assim, é necessário que o reforço seja bem estudado e adequado a uma determinada situação.

Os reforços podem ser positivos ou negativos. O positivo é o processo em que um estímulo aumenta a probabilidade de um comportamento se repetir. Este estímulo é geralmente uma recompensa. Um reforço negativo é o processo em que se retira o estímulo, levando ao aumento da probabilidade de um comportamento se repetir (Mills, 2002).

O reforço pode ser contínuo, intermitente ou de extinção. A escolha vai depender do comportamento que se quer promover ou pelo contrário, abolir.

O contínuo é aplicado sempre que o comportamento em questão se verifica. Com este reforço o cão aprende rapidamente novos comportamentos, mas se por outro lado, o reforço cessar, os comportamentos extinguem-se facilmente. Este tipo de reforço deve ser usado no início do treino, quando o cão ainda está a aprender que comportamentos deve ou não manifestar.

O intermitente ocorre ocasionalmente, ou seja, não é usado sempre que determinado comportamento se manifesta, mas só ao fim de um dado período de tempo. Por sua vez, este tipo de período pode ser: fixo (por exemplo a cada 6 vezes que o animal manifesta o comportamento), variado (o reforço é usado aleatoriamente) ou diferenciado (em que o reforço é determinado pela qualidade do comportamento). No reforço intermitente a quantidade de reforços é menor que no contínuo, mas por norma o treino consegue prolongar-se por mais tempo, uma vez que produz uma alteração comportamental mais duradoura.

O reforço de extinção baseia-se no princípio de que se não for dado nenhuma recompensa após um dado comportamento, que geralmente era reforçado, o cão tende a diminuir esse mesmo comportamento. É pois, uma forma de punição negativa para comportamentos aprendidos. É usado em situações em que o cão aprendeu comportamentos de forma não intencional.

O reforço de extinção tem várias limitações, tal como não poder ser usado em determinados comportamentos, por exemplo, quando existem situações exteriores que não podem ser controladas. Para o uso deste tipo de reforço, quanto melhor o controlo do ambiente à volta do cão, melhores serão os resultados. Por outro lado, poderá ser melhor implementado se usado em conjunto com o reforço positivo, noutros comportamentos aceitáveis (Mills, 2002).

#### 5.1.1- Reforço positivo

Existem 4 tipos de reforço positivo: consumíveis (alimento, por exemplo); atividades (como passear ou brincar); posse (de um determinado objeto); reforço social (dar atenção ao animal, através de contato físico ou verbal). Uma variedade de reforços pode ser usado de acordo com o animal a treinar, escolhendo-se alimentos, atividades ou objetos seus preferidos.

Para o reforço positivo ser bem-sucedido deve-se seguir algumas diretrizes, como por exemplo: escolher a forma de reforço adequada; fornecer as regras a serem seguidas (por exemplo: identificar o comportamento certo que deve ser reforçado); o acesso ao reforço escolhido deve estar restrito fora do treino (para evitar a saciedade); o reforço deve ocorrer na ocasião e lugar corretos (para evitar potencialização dos comportamentos errados); escolher inicialmente um local com riscos mínimos (por exemplo, começar o treino num local mais calmo para diminuir a distração do animal e só depois continuar o treino no lugar pretendido) (Mills, 2002).

Este tipo de reforço é o mais usado nos cães de assistência, sendo necessário usá-lo ao longo do tempo, não só nalgumas situações, mas em todos os comportamentos que o utilizador quer que o seu cão mantenha.

O reforço positivo é também usado na desobediência inteligente, característica importante no cão-guia, que ao detetar uma situação de perigo para o utilizador, desobedece aos comandos deste. Esta desobediência deve ser reforçada de modo a levar à repetição destes comportamentos, não permitindo que se dissipem (Froling, 2001; ABAADV, 2012).

#### 5.1.2- Reforço Negativo

Este reforço está associado a situações de desagrado ou prejudiciais ao cão (Mills, 2002), de modo a obter uma resposta específica (Houpt, 2005). Assim, através da tentativa de conseguir

alívio, a resposta do cão vai modificar-se e por isso é importante que não existam comportamentos alternativos que o cão possa escolher (Mills, 2002). Os reforços negativos podem variar, desde um beliscão até a um colar de choques. Não se deve confundir reforço negativo com punição, sendo que esta última ocorre como consequência de um comportamento considerado errado. O uso impróprio desses colares ou outros reforços negativos, de que o animal não consegue escapar, podem inibir aprendizagens futuras (Houpt, 2005), pois o bem-estar do cão pode estar comprometido.

Fizeram-se vários estudos sobre os efeitos a médio e a longo prazo, de técnicas aversivas no treino de cães, e verificou-se por exemplo, que o cortisol e os batimentos cardíacos eram elevados em cães treinados com coleiras de choques. Averiguou-se que esta técnica pode diminuir a postura de medo, que surge em cães treinados com espancamento ou colar de picos, e cessar um comportamento indesejado. No entanto foi considerado que houve desamparo aprendido (*learned helplessness*) e não obediência (Batt *et al.*, 2008).

O treino através do reforço deve ser bem estudado e organizado, pois num estudo de Van der Waaij *et al* (2008) verificou-se que se um cão recebe muitas recompensas, tende a ser mais tímido, nervoso e menos competitivo, apesar de menos agressivo.

## 5.2- A Punição

Tal como o reforço, a punição pode ser positiva ou negativa. Este tipo de modificação de comportamento não deve ser usado isoladamente, sendo preferível associá-lo ao reforço (Mills, 2002).

Para que a punição resulte, esta deve ser aplicada no momento imediatamente a seguir à manifestação do comportamento errado (Houpt, 2005).

### 5.2.1- Punição positiva

Pretende criar aversão a um comportamento contínuo usando um estímulo que seja desagradável ao cão (castigo). Este tipo de punição pode levar a comportamentos de agressividade, quando o animal tem medo ou está ansioso, por isso não deve ser usada nestas situações. Em todo o caso, quanto maior for o medo da punição, levando a inibir a repetição de determinados comportamentos no futuro, mais prejudicial ela será. A frequência da punição deve também ser ajustada de acordo com o animal e com o comportamento em questão (Mills, 2002).

Num estudo feito com cães e os seus donos, concluiu-se que os cães treinados com recompensas tendiam a ser mais obedientes que os treinados com punição positiva, que por

sua vez tinham maior probabilidade de demonstrar mais problemas (Rooney, Gaines & Hiby, 2009).

Existem técnicas menos aversivas, como por exemplo o uso do colar de *spray* com citronela (colar emite pulverizações de água com citronela quando o cão ladra, sendo-lhe desagradável) (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

#### 5.2.2- Punição negativa

Trata-se de remover ou negar uma situação de prazer, em resposta a um determinado comportamento. Esta punição pode levar a frustração, o que pode em vez de inibir um comportamento, reforçá-lo. Não obstante, é usual isto suceder antes de se obter o resultado esperado. Podem também surgir comportamentos de agressividade com este tipo de punição, por isso não deve ser usada, ou então ser usada com precaução em animais com tendências agressivas.

A punição negativa pode não ser apenas a retirada de toda a situação de prazer, podendo ser retirada através de uma redução gradual dessa situação. Este modo é o melhor para cães agressivos (Mills, 2002).

Sejam quais forem as recompensas ou as punições, o treinador deve escolher as mais apropriadas e consistentes, bastando muitas vezes uma palavra de elogio como recompensa ou uma ligeira palmada como punição, para conseguir uma aprendizagem eficaz (Haupt, 2005).

Concluindo, a punição no geral, pode além de ser prejudicial em cães nervosos ou ansiosos, provocar essas mesmas emoções em cães que não as tinham. Pode também diminuir a confiança do cão, levar a agressividade por medo e ainda relutância em tentar novos comportamentos, com medo da punição (Rooney et al, 2009).

No geral, o reforço positivo tem sido associado a uma maior capacidade de resposta a ordens, do que o reforço negativo ou a punição. Isto é importante, pois um cão de assistência deve mostrar obediência e não manifestar medos, distrações ou agressividade (Batt *et al.* 2008).

## **6- Outras técnicas de modificação do comportamento do cão**

### **6.1- Treino auditivo**

#### **6.1.1- Clicker**

Trata-se de um método que está associado a um comportamento correto, usando geralmente apenas o reforço positivo. Assim, sempre que se prime o *clicker* a seguir ao comportamento desejado e sendo dada a recompensa (por exemplo um alimento), o animal acaba por associar o comportamento ao som deste instrumento (armar o *clicker*). Esta técnica é vantajosa pois o cão está mais distanciado do dono, podendo manifestar os comportamentos desejados mesmo

que o dono esteja distante, além de não ser necessário castigar o cão (Mills, 2002; Davis, 2003).

#### 6.1.2- Treino com discos

Os discos servem para assinalar a remoção de uma recompensa, ou seja, sempre que o cão tiver um comportamento indesejado, a recompensa é retirada ao som dos discos. Assim, este método trata-se de uma punição negativa, podendo ser usada em diferentes circunstâncias e ambientes em que o animal exibe um comportamento indesejado. Será mais eficaz se for associado ao reforço positivo sempre que o cão exibir o comportamento requerido (Mills, 2002).

#### 6.2- Dessensibilização

Usado quando o animal tem medo de uma situação, de objetos, de outros animais ou pessoas. Deve ser identificado o estímulo que causa medo, sendo depois feita a habituação de forma gradual. Depois de o animal se habituar ao estímulo, deve ser feito um reforço sempre que o cão mostra um comportamento desejado, perante o estímulo em causa (Mills, 2002).

#### 6.3- Contra condicionamento

Associa-se um comportamento indesejado a outro comportamento desejado, de modo a eliminar o primeiro (Mills, 2002).

#### 6.4- Exposição Repetitiva (*Flooding*)

Também chamada prevenção de resposta, controla um estímulo indesejado, de modo que o cão não possa fugir até que aprenda a aceitar esse mesmo estímulo. É usado em problemas comportamentais. É uma técnica que requer habilidade e sensibilidade para ser aplicada, pois pode em vez de melhorar a situação, piorá-la (Mills, 2002).

### **7- O cão de assistência**

Segundo o Decreto-Lei n.º 74/2007, de 27 de Março, o cão de assistência é um cão treinado ou em fase de treino que acompanha, conduz e auxilia uma pessoa com deficiência.

#### **7.1- Como tudo começou**

Depois da primeira guerra mundial, onde o cão, principalmente o Pastor Alemão (PA), foi usado no trabalho militar (cão de serviço militar e cão-guia de soldados que ficaram cegos durante a guerra), o interesse pelo treino do cão aumentou e assim surgiram novas

perspetivas. Apesar de já existirem evidências anteriores, da presença de cães de trabalho, foi nesta altura que começou a surgir um maior interesse pelo treino de animais de trabalho, como o cão-polícia ou o cão-guia. Surgiram assim, as primeiras escolas de treino para cães de trabalho e de ajuda humana, na Suíça e nos Estados Unidos da América. Pouco se sabe sobre como o treino era feito no passado, mas a punição corporal através de chicotadas, seria muito usada para disciplinar comportamentos indesejáveis (Lindsay, 2000b; Davis, 2005).

## **7.2- Os benefícios**

Existem atualmente cães treinados de uma forma bem estabelecida, para reforçar a independência e a mobilidade de pessoas com as mais variadas deficiências (Lane, McNicholas & Collis, 1998).

Estes cães, chamados cães de assistência realizam tarefas de acordo com a deficiência dos seus utilizadores, conferindo além disso companhia e uma mudança no estilo de vida destes.

A sociedade em geral tende a evitar pessoas com deficiências, principalmente se forem visíveis, dificultando a interação social destes indivíduos. Constatou-se que os cães de assistência podem também facilitar as relações sociais dos seus utilizadores, diminuindo as dificuldades na socialização das pessoas sem deficiências perante as que as têm. Verificou-se que quando as pessoas, utilizadoras de cadeiras de rodas, eram acompanhados de cães de assistência, recebiam mais atenção da sociedade (Lane *et al.*, 1998), pois existe a tendência das pessoas evitarem cruzar olhares ou o caminho com pessoas em cadeiras de rodas. O mesmo se verificou nas escolas, com crianças acompanhadas de cães de serviço (Camp, 2001).

Verificou-se assim que as pessoas tendiam a sorrir e a conversar com utilizadores que possuíam cão de serviço e facilitavam deste modo a aquisição de amizades. Mas por outro lado, esta atenção virada para o cão de serviço pode distraí-lo, interferindo na sua concentração, podendo prejudicar aquilo que aprendeu (Winkle, Crowe, Hendrix, 2012).

A integração na comunidade ajuda o utilizador a ter mais confiança na obtenção de um emprego ou a usar os transportes públicos (Allen & Blascovich, 1996).

Deste modo, constata-se que a posse de um cão de assistência pode ajudar a ultrapassar as barreiras sociais, mudando a perspetiva que a sociedade tem destas pessoas e até a perspetiva que os incapacitados têm sobre si próprios (Camp, 2001).

O cão de serviço pode também providenciar um menor sentimento de solidão (moderando os efeitos de uma depressão), um maior sentimento de segurança e de autoestima. Criam-se por isso, laços apertados entre o cão de serviço e o seu utilizador (Winkle *et al.*, 2012; Rintala, Sachs-Ericsson & Hart, 2002).

No caso de pessoas com surdez, que têm uma deficiência que não é facilmente visível, geralmente não existe o evitar inicial por parte das pessoas, mas quando se apercebem da sua dificuldade tendem a afastar-se, causando sentimentos de rejeição. Revelou-se pois, que a presença de um cão de assistência para pessoas com surdez parcial ou total, melhorou os sentimentos de confiança, de independência, de saúde física e de segurança. Por outro lado diminuiu os sentimentos depressivos, de solidão (principalmente em pessoas que vivem sozinhas) e de fadiga (Hart, Zasloff & Benfatto, 1996; Lane *et al.*, 1998).

Um estudo (Rintala, Matamoros, Seitz, 2008) demonstrou que pessoas com cães de assistência tendem a ser mais alegres, faladoras, têm uma maior autoestima, sentem-se menos isoladas, não só devido à própria companhia do cão como também devido à socialização proporcionada pelo cão (Lane *et al.*, 1998). No caso de utilizadores de cães de serviço, estes demonstraram ser mais independentes e ter uma maior autoestima e assertividade.

Outro benefício é a promoção de uma ocupação do seu utilizador, no sentido em que estes se sentem responsáveis por outro ser vivo (Kwong & Bartholomew 2011).

Claro que também existem desvantagens de se ter um cão de assistência, tal como custos de manutenção (comida por exemplo) e de idas ao médico veterinário (Winkle *et al.*, 2012). No entanto, há utilizadores que antes da aquisição do seu cão de assistência, tinham uma pessoa assistente remunerada ou um familiar que o assistia. Para a maioria dos utilizadores, ter um cão de serviço ficou mais económico e prático, tendo um impacto positivo dentro da família. Os seus familiares relataram que ficavam mais descansados, sabendo que o cão de serviço estava presente na vida do utilizador (Allen & Blascovich, 1996; Rintala, Sachs-Ericsson & Hart, 2002). Desta forma, ter um cão de serviço permite diminuir o número de pessoas que uma pessoa incapacitada fisicamente, necessitaria nas tarefas do seu dia-a-dia.

Noutros estudos (Winkle *et al.*, 2012; Camp, 2001) relataram-se mais desvantagens, como o comportamento inapropriado do cão em público (como urinar ou defecar em locais inadequados), o impedimento da sua entrada em determinados estabelecimentos públicos ou ainda obtenção de residência, pois há senhorios que não permitem cães.

### **7.3- Os tipos de cão de assistência**

A terminologia cão de assistência foi adotada em Portugal e a nível internacional, abrangendo os vários tipos de cães: cão-guia, cão para surdos e cão de serviço.

Pelo Decreto-Lei n.º 74/2007, de 27 de Março, a definição de cada um desses tipos é:

Cão-guia - Cão que foi treinado ou que está na fase de treino, para ser atribuído e auxiliar uma pessoa com deficiência visual.

Cão para surdo - Cão que foi treinado ou que está na fase de treino, para ser atribuído e auxiliar uma pessoa com deficiência auditiva, parcial ou total.

Cão de serviço – Cão que foi treinado ou está em fase de treino, para ser atribuído e auxiliar uma pessoa com deficiência mental, motora ou orgânica.

### 7.3.1- Cão-guia

A principal tarefa do cão-guia é guiar pessoas com ambliopia – os utilizadores. Sendo assim, é requerida uma proximidade do cão com o seu utilizador e por isso é importante que o cão tenha uma boa capacidade de interação com os seres humanos (Koda, 2001).

O cão-guia não pode ter distrações (por outras pessoas ou animais, por cheiros, sons, entre outros) nem comportamentos que interfiram com o seu trabalho (como perseguir gatos e pássaros ou um macho atraído por uma fêmea no cio). Para isso, o cão-guia deve ter um alto grau de concentração e uma concentração prolongada, ser obediente, amigável, não ser agressivo, nem dominante, nem submisso. Não deve ser nervoso nem medroso/tímido, mas sim ter iniciativa, disposição, energia e uma resistência adequada ao seu trabalho (Gazzano *et al.*, 2008; Murphy, 1998; Weiss & Greenberg, 1997).

Os cães-guia proporcionam assim mobilidade a essas pessoas, ajudando-as no dia-a-dia, permitindo uma independência e alguma facilidade de movimento nos seus trajetos (Tomkins *et al.*, 2012). Além disso, ajudam nas interações sociais dos utilizadores e fornecem companheirismo (Tomkins *et al.*, 2011). Para isso, estes cães têm um treino especializado através de um programa desenvolvido para esse fim (Mizukoshi *et al.*, 2008).

Estes cães são uma ajuda complexa aos seus utilizadores, sendo uma das características mais desejadas nos cães-guia a capacidade de lidar com stresse emocional, de modo a evitar reações inesperadas que possam colocar os seus utilizadores em perigo. Assim, a maioria dos cães-guia apresenta reações emocionais controladas, revelando a sua ligação com os seus utilizadores (Fallani, Previde & Valsecchi, 2007).

Atualmente, a tendência é obterem-se cães através de programas de melhoramento, de modo a herdarem características como saúde, bom temperamento e facilidade de treinar (Davis, 2005).

O cão-guia deve ter um porte médio, isto é, não deve ser nem demasiado pequeno nem demasiado grande, pois precisam ser sentidos pelos utilizadores relativamente à orientação que o cão toma. Isto é, o utilizador deve conseguir aperceber-se se o cão está a subir ou a descer um degrau, a virar à esquerda ou à direita, de modo a segui-lo. Os cães-guia, por regra, encontram-se do lado esquerdo do utilizador, isto porque assim a mão direita do utilizador está livre para se necessitar de a usar (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

Devem também orientar nos movimentos de forma precisa, logo é necessário que o cão tenha uma boa percepção visual (Tomkins *et al.*, 2012).

Os cães-guia durante os seus primeiros 2 anos de vida convivem pelo menos com 3 tipos de pessoas. Primeiro ficam com uma família de acolhimento, depois passam à educação com um treinador (ou vários) especializado e por fim, são entregues ao utilizador (Fallani, Previde, Valsecchi, 2006).

Cada país e cada treinador treina o cão através do método que considera mais adequado, por isso existem variados métodos de treino, de escolha de raças e de obediências pretendidas (Naderi *et al.*, 2001).

Segundo estes autores, a educação do cão-guia não se deve restringir apenas a tarefas aprendidas, mas deve também abranger comportamentos inatos, derivados dos aprendidos. Deve adequar-se às situações que vão surgindo, adaptando as suas ações ao meio envolvente, tendo em conta os parâmetros físicos do seu utilizador. Deste modo, cada utilizador pode introduzir, modificar ou remover comportamentos aprendidos durante o treino, de acordo com as suas necessidades. No entanto, é necessário que ambas as partes da dupla utilizador-cão-guia (Figura 4) aceitem o papel de liderança do outro, ou assumam a liderança quando necessário, pois só assim será possível o bom funcionamento da dupla com objetivos comuns. Os problemas comportamentais e temperamentais são uma das razões que levam à desqualificação de cães para serem guias de pessoas com problemas visuais (Serpell & Hsu, 2001). Os fatores importantes são o medo/agressão a pessoas ou a outros cães, o medo não social, o nível de energia, a perseguição, a treinabilidade e por fim a ligação criada entre a dupla (Haupt, 2005).

Sendo assim, a seleção de candidatos para cães-guia é muito importante de modo a obterem-se bons cães-guia (Mizukoshi *et al.*, 2008).



Figura 4: Dupla utilizador-cão-guia (raça *Flat Coated Retriever*) ligados pelo arnês (original).

### 7.3.2- Cão para surdos

Os cães para surdos alertam pessoas com dificuldades auditivas para os mais variados sons do ambiente à sua volta (Weiss & Greenberg, 1997).

O modo de alertar o utilizador pode ser sinalizando à pessoa através do toque e/ou movendo-se na direção do som (Davis, 2005).

A raça e o porte deste tipo de cão não são tão importantes quantos os usados no cão-guia, sendo usadas frequentemente e preferencialmente raças de pequeno porte, de qualquer tipo de raça ou cruzamentos (Figura 5).

Este cão deve ser energético, alerta e rápido, de modo a ter capacidade para avisar a pessoa surda de imediato (Weiss & Greenberg, 1997, Davis, 2005).



Figura 5: Lana, a primeira cadela (raça *Pequinois*) certificada como cão para surdos em Portugal (retirado de: Arca de Noé, 2009)

### 7.3.3- Cão de serviço

O cão de serviço ajuda pessoas com dificuldades na sua mobilidade, incluindo as de baixa estatura (nanismo) (Animalia.pt - revista semanal online, 2007), tornando-as mais autónomas e funcionais nas atividades do dia-a-dia, na gestão doméstica e ainda na sua socialização (Camp, 2001). Este tipo de cão além de conseguir executar as tarefas que lhe são pedidas, deve também saber executar algumas tarefas sem que o utilizador lhas peça, o que é importante em situações de emergência (Davis, 2005).

É importante que o cão tenha um porte capaz de exercer tais tarefas, sendo portanto preferível um cão de porte médio e que tenha características de uma personalidade estável (tal como o *Labrador Retriever* (LR) ou o *Golden Retriever* (GR)) (Figura 6). Isto é, não ser dominante nem submisso e ser de fácil educação (Weiss & Greenberg, 1997; ADI, 2013).



Figura 6: Cão de serviço da raça LR (retirado de: Animalia.pt- revista semanal online, 2007).

#### **7.4- A escolha do cão de assistência**

Devem ser feitos uma seleção e um treino de cães tendo em conta o fator segurança. Isto é, escolher e treinar as raças e indivíduos adequados para que se crie uma relação segura entre o utilizador e cão de assistência.

Atualmente, as raças mais usadas para cães de assistência são a *Golden Retriever* e a *Labrador Retriever*. Pois, além das inúmeras características apropriadas que possuem, tendem a criar mais facilmente ligações com o ser humano (Kwong & Bartholomew, 2011).

A maioria das raças usadas hoje em dia vem de linhagens de conformação e de linhagens desenvolvidas a partir de programas de treino de cães de assistência (Davis, 2006), criadas pelas próprias escolas ou por criadores.

A escolha do cão deve começar cedo, havendo um processo de avaliação contínua durante o seu crescimento ainda com a família de acolhimento, de modo a validá-lo para o treino de cão de assistência (Davis, 2005).

A seleção e a domesticação do cão levaram a que surgissem diferenças no comportamento, na fisiologia e no temperamento das diferentes raças. Portanto devem-se escolher aquelas mais adequadas às tarefas pretendidas (van der Waaij *et al.*, 2008).

#### **7.5- Temperamento e predisposição das raças**

O temperamento de um cão pode ser definido como sendo as características comportamentais individuais estáveis, que são consistentes ao longo do tempo e através das várias experiências vividas. Estas características são importantes para os treinadores de cães, porque indicam ao treinador o quanto o cão é de confiança para trabalhar em determinadas situações, pois apesar do treino, o cão pode alterar o seu comportamento determinado pelo seu temperamento (Murphy, 1998).

Portanto, o cão deve ter uma personalidade consistente, pois o sucesso nas tarefas que vai desempenhar, depende da manifestação de comportamentos apropriados e previsíveis (Fratkin *et al.*, 2013).

Cada raça tem comportamentos específicos, predispondo cada cão a realizar tarefas de modo diferente às de outras raças (Grandin, 1998). Assim, cada cão deve ser escolhido para uma circunstância em particular. É pois, importante o seu temperamento (avaliar temperamento dos progenitores do cão) e a sua raça, entre outros aspetos. (Mills, 2002). O sexo, dentro da mesma raça, foi considerado um fator que pouco ou nada influencia a escolha do animal. Apesar de existirem indicações de que os machos se envolvem mais em disputas agressivas, constatou-se que os comportamentos agressivos eram mais influenciados pela sua maturidade social do que pelo seu sexo. O comportamento agressivo pode derivar de uma socialização intra e interespecífica inadequada. É importante que os cães de trabalho, principalmente o cão-guia, sejam expostos a uma variedade de pessoas, de diferentes sexos, idades e etnias, de modo a experimentar uma variedade de odores, roupas, hábitos, entre outros (Gazzano *et al.*, 2008).

Além disso, os cães devem ser esterilizados ainda com idade inferior a um ano, de modo a controlar melhor a cooperação entre eles e os seus utilizadores (Wilsson & Sundgren, 1997), além de que facilita, acelera e promove segurança no treino do cão de assistência, pois o cão está mais concentrado (J. Vasconcelos, comunicação pessoal, Agosto 13, 2013).

#### 7.5.1- As raças

As raças de cães de trabalho podem dividir-se em 2 grupos, sendo um deles o resultado do desenvolvimento num ambiente específico enquanto o outro inclui raças com o fenótipo e comportamento especializados (Grandin, 1998).

Inicialmente, o PA foi a raça escolhida para assistência de pessoas cegas, mas a tendência atual é usar o GR e ainda mais o LR, uma vez que estes são mais sociáveis e cooperativos, têm maior estabilidade nervosa e são menos possessivos e agressivos do que o PA. Além disso, por exemplo o GR adapta-se mais facilmente a atividades que requeiram contenção, como se pretende num cão-guia. (Fallani *et al.*, 2006; Wilsson & Sundgren, 1997).

O PA destaca-se mais na obediência competitiva (Lindsay, 2000b) e na defesa, sendo ideal para trabalho de cão polícia e de proteção (Wilsson & Sundgren, 1997). É, no entanto, uma raça com maior dificuldade em se manter sossegada por longos períodos (pouco controlo próprio) (Weiss & Greenberg, 1997).

Já entre o GR e o LR existem menos diferenças, o que pode indicar uma origem genética comum e recente (Gazzano *et al.*, 2008). As pequenas diferenças que podemos observar entre

estas 2 raças são que o GR demonstra ser mais tímido e inseguro que o LR, que por seu lado, é mais lúdico e explorador (Fallani *et al.*, 2006, Weiss & Greenberg, 1997).

Segundo Wilsson e Sundgren (1997), estas diferenças entre raças podem dever-se ao uso que lhes foi dado em tempos passados. O LR era originalmente usado como cão de caça, colaborando com o seu utilizador, sendo por isso hábil na procura de objetos e capaz de suportar sons, como os de tiros. Além disso é um cão maleável e tem uma mordida muito suave, facilitando o apanhar objetos sem os danificar (Animalia.pt, 2007). Enquanto o PA era usado para pastorear e guardar rebanhos, tendo assim tendência para estabelecer posse de objetos (Wilsson & Sundgren, 1997).

Assim, os cães da raça LR possuem grande resistência tanto física como mental, são responsáveis e até capazes de desobediência inteligente. Nem todos os cães conseguem este tipo de inteligência, nem mesmo todos os indivíduos da raça LR. Deve assim, o cão de assistência ser confiável e colocar os interesses do utilizador em primeiro lugar, o que não acontece com muitas raças (Davis, 2006).

Num estudo feito por Goddard e Beilharz (1985) verificou-se que os LR são cães com poucas fobias em comparação com outras raças como o PA ou o *Boxer*.

No entanto, verificou-se que as raças como a *Wirehaired Terriers*, a *Basenji* e a *Beagle* são emocionalmente mais reativas do que a Pastor de *Shetland* ou a *Cocker Spaniel*, sendo estas últimas mais responsivas ao treino.

A inteligência do cão é também um fator importante para o treino, mas não foram consideradas raças mais inteligentes do que outras, apesar de poder considerar a existência de inteligência individual. Sabe-se no entanto, que há cães que aceitam o treino melhor do que outros. Por exemplo, o *Border Collie* tem uma grande aptidão para pastorear ovelhas, tornando-o mais fácil de treinar com esse objetivo (Lindsay, 2000a).

Noutro estudo, verificou-se que as melhores raças no que respeita a obediência são: a *Border Collie*, a *Poodle*, a PA, a GR e a *Doberman Pincher*. Mostra-se assim, que em diferentes raças existem diferenças na capacidade de aprendizagem, ou pelo menos na aquisição e desempenho de diversas funções (Haupt, 2005).

Alguns cães são geneticamente predispostos a serem mais calmos e emocionalmente equilibrados (controlado pelo sistema límbico e pelo parassimpático), enquanto outros são mais reativos e sensíveis a estímulos que levam ao medo ou à luta (controlado pelo simpático) (Lindsay, 2000a).

Outro estudo importante na seleção do cão certo, prendeu-se com a medição do efeito da lateralidade na parte motora, sensorial ou estrutural dos cães para determinar se eram aptos ou não para serem treinados como cães-guia. Uma das conclusões foi que se o cão for demasiado

lateralizado, há uma redução na flexibilidade do comportamento do cão. Isto dificulta assim, a sobreposição das respostas autônomas treinadas em situações em que devia contrariar o dono, como por exemplo o cão negar-se a atravessar a estrada quando há trânsito e o dono ordena que ele atravesse a estrada – a chamada desobediência inteligente (Tomkins *et al.*, 2012).

Aspetos também importantes do cão de assistência são: o porte (principalmente no cão-guia), a força e a estrutura física corretas para conseguir realizar as tarefas esperadas, revelando que não é qualquer cão ou raça que podem ser usados para determinadas tarefas (Lucidi *et al.*, 2005). Todas estas características têm de ser tidas em conta, pois a agilidade do cão é importante nos cães-guia. Além disso, cães de porte pequeno tendem a cansar-se mais rapidamente (Tomkins *et al.*, 2012).

Apesar da maioria dos estudos indicar o contrário, Batt *et al.* (2008) mostraram que a cor do pelo pode ser relevante na seleção de cães para o treino de cão-guia. Estes autores destacam que esta característica, principalmente quando associada ao fator sexo, determina o sucesso do treino destes cães. Ou seja, uma fêmea amarela da raça LR tem uma maior taxa de sucesso que uma fêmea da raça GR. No entanto, os autores enfatizam que a amostra do estudo é pequena (60 cães) e que deve ser feita uma maior investigação.

Existe também um estudo (van der Waaij *et al.*, 2008) que mostra a existência de correlações genéticas, como a coragem e a cooperação, que podem variar entre raças.

É ainda importante que o cão exiba comportamentos instintivos, flexibilidade e variabilidade suficiente no seu comportamento, de modo que este possa ser modificado através do treino, pois existem predisposições comportamentais que requerem um esforço adicional para adquirir certas aprendizagens (Lindsay, 2000a).

Não quer tudo isto dizer que não há inconvenientes na escolha destas raças, para cães de assistência. Por exemplo, o LR tem uma alta prevalência de displasia da anca, que pode afetar o seu temperamento e comportamento (devido à dor pode mostrar-se agressivo, ansioso, anorético, entre outros) perturbando as funções de cão de assistência. O LR é também propenso a torção gastrointestinal, uma vez que esta raça tem por vezes o hábito de ingerir os mais variados objetos (Davis, 2006).

Fizeram-se também estudos (Weiss & Greenberg, 1997; Gazzano *et al.*, 2008) para verificar se cães de canil seriam bons candidatos a cão de assistência, de modo a utilizar cães que estejam facilmente disponíveis. Pretendia-se com o uso destes cães diminuir os gastos na formação e treino de um cão de assistência. Verificou-se, no entanto, que durante os primeiros meses, a maioria destes cães tinha dificuldade em socializar-se com as famílias de acolhimento, demonstrando mais tarde ou mais cedo problemas comportamentais (tal como medo extremo ou agressividade territorial), tornando-os inaptos para tal objetivo.

Assim, avaliar o temperamento e prever o desempenho futuro dos cães de trabalho é muito importante, na medida em que reduz o tempo e dinheiro perdidos com cães incompatíveis (Haupt, 2005), além de que o método de treino pode assim ser escolhido e adaptado a cada cão (Murphy, 1998).

#### **7.6- A ligação entre o cão de assistência e o seu utilizador**

Os cães devem ser compatíveis com as necessidades funcionais, com o nível de atividade e também com o temperamento dos seus futuros utilizadores, pois cada pessoa tem uma personalidade e um modo de vida diferente de outra. Por exemplo, um cão mais aventureiro deve ser junto a um utilizador que tem capacidade de o supervisionar. Isto, muitas vezes, não acontece nos cães de companhia em que o cão foi escolhido para aquela família, e não o utilizador que foi escolhido para um determinado cão de assistência (Kwong & Bartholomew 2011).

A condução de uma pessoa cega requer comportamentos complexos e, por isso, é importante haver uma sincronia das ações do cão-guia com o seu utilizador, podendo-se mesmo falar em cooperação. Esta cooperação pode ser definida como uma ação em que os indivíduos ao agirem em conjunto formam uma dupla que funciona e que alcança objetivos comuns (Naderi *et al.*, 2001, Fallani *et al.*, 2006).

No caso do cão-guia, é necessário que existam 2 tipos de ligação entre o cão e o utilizador, uma afetiva e outra física. Esta última faz-se através do arnês, que consiste num colete associado a uma alça em U invertido (feita de aço inoxidável), onde o humano segura e segue o cão, sendo perceptível os movimentos que ele executa. Não esquecer que o cão segue os comandos direcionais do utilizador. Este não deve exercer nenhuma influência na pega do arnês, tendo apenas de segurá-la e interpretar os sinais que o cão lhe dá com o corpo, para poder calcular por exemplo a altura de um degrau, mediante a inclinação do corpo do cão (ADI, 2013; F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

Na relação entre o dono e o seu animal de companhia surge companheirismo, carinho, amor e também benefícios fisiológicos e psicológicos. Assim, é provável que surjam laços fortes entre um cão de assistência e o seu utilizador. Surge também uma interdependência cão – utilizador, em que o primeiro recebe cuidados diários e o segundo recebe benefícios funcionais e psicológicos.

A maioria dos utilizadores acaba por passar mais tempo com os seus cães, considerando-os como um membro de família valorizado. Pensa-se que os cães têm características particulares que os torna propensos a tratar o ser humano com afeição, o que assegura a ligação entre o

cão de assistência e o seu utilizador, sendo provável que esses laços se iniciem logo na junção cão – utilizador (Kwong & Bartholomew, 2011).

Este vínculo deve ser estabelecido de modo a evitar uma ligação comprometida através de erros de manejo do cão. Exemplos destes erros são: separação precoce do cachorro da mãe e irmãos (importante para desenvolver uma socialização intra e interespecífica correta, do cachorro); interação incorreta com a pessoa que acolhe o cachorro durante as suas primeiras semanas de vida; o cachorro não ter oportunidade de expressar os comportamentos específicos da sua espécie, devido ao ambiente demasiado antropomorfizado (por exemplo a ansiedade de separação pode resultar de um desenvolvimento inadequado do relacionamento humano-cão); a escolha do cachorro ser mais direcionada para os seus traços morfológicos do que para o seu temperamento. No geral, a pessoa que cria o cachorro nas primeiras semanas de vida, deve possibilitar que o cão desenvolva uma ligação consigo e que esta se vá alterando com o aproximar da maturidade, continuando depois este desenvolvimento com os futuros pré educador e educador. O desenvolvimento de uma ligação correta é muito importante em cães de trabalho de modo a estabilizar um alto nível de coordenação com o seu companheiro humano ao longo do seu crescimento.

Entre os diferentes tipos de cooperação, entre ser humano e cão, aquela entre o utilizador cego e o seu cão-guia representa um caso especial de interação cooperativa, baseada numa ligação forte e de confiança.

Isto foi provado através de estudos comparativos entre cães-guia e cães de companhia, em que ao separarem-se os cães dos respetivos utilizadores/donos, os cães-guia mostraram ser mais controlados relativamente aos cães de companhia, apesar de manifestarem um batimento cardíaco mais acelerado e de se dirigirem por vezes para a porta. Estes resultados podem também, no entanto, dever-se à idade e à experiência do cão (Valsecchi, Previde, Accorsi & Fallani, 2010). Mas este estudo mostra ainda que surge habituação derivada da formação que estes cães têm, cujo objetivo é torná-los menos excitáveis e mais estáveis emocionalmente. Isto é importante, uma vez que o cão-guia deve conseguir permanecer sossegado por longos períodos, por exemplo enquanto o dono come num restaurante, assiste a um espetáculo, trabalha ou assiste a uma aula. Notou-se também que os cães-guia mantêm maior contato físico com o seu educador/utilizador, sendo um sinal de ligação entre eles, adquirido durante a sua educação e finalizado durante o acoplamento (Fallani *et al.*, 2006, Weiss & Greenberg, 1997).

A maior facilidade que o cão-guia tem de se separar do seu dono (não demonstrando sinais perceptíveis de ansiedade de separação, como a vocalização e urinar no chão de casa) pode dever-se ao hábito de ter ficado alojado nos mais variados locais e com pessoas diferentes,

durante o treino. Nesta fase, geralmente durante a semana o cão fica na escola de cães-guia e ao fim-de-semana fica com a família de acolhimento. Deste modo, o cão habitua-se a diferentes pessoas, ambientes e à rotina do canil da escola (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013; Gazzano *et al.*, 2008).

Uma família de acolhimento trata-se de um local de convivência com pessoas adultas e, por vezes crianças (sendo até preferível que existam membros de várias faixas etárias, desde crianças a idosos), que vão proporcionar ao cachorro a apreensão de regras de obediência. Além disso, contata com diversos tipos de ambientes sejam eles interiores, como o som da campainha, do telefone ou do aspirador, sejam exteriores, como o trânsito, cheiros, outros animais ou locais públicos (Gazzano *et al.*, 2008; Animalia.pt, 2007).

O cachorro permanece com esta família até cerca das 7 semanas, podendo ir até aos 3 meses de idade, dependendo de cada escola (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

No caso do cão-guia e do cão de serviço, o utilizador deve ser selecionado para um determinado cão e não o contrário, pois enquanto um cão mais ativo deve ser junto a uma pessoa mais ativa ou mais atlética, um cão mais calmo deve ser acoplado com uma pessoa com um estilo de vida mais calmo (Davis, 2006).

Quando o cão passa do treinador para o utilizador, devem existir estratégias de modo a que esta passagem seja o mais fácil possível para o utente, para o educador e acima de tudo para o cão (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013), pois este só deve ser colocado com um utilizador e um local que se saibam não serem prejudiciais ao seu bem-estar (Lane *et al.*, 1998). Por isso, em vez de o cão ser apenas deixado perante o novo utente e o educador abandonar a sala, a estratégia é que este último deixe de lhe dar atenção, passando o utilizador a fazê-lo. Deste modo, e com o tempo, o cão começa a dirigir-se mais para a pessoa que lhe dá atenção, o utente, e o acoplamento começa assim a ser feito (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

Depois do acoplamento, o cão pode aprender mais tarefas de acordo com o seu utilizador, sejam ensinadas por um educador ou pelo próprio utente. Exemplo dessas tarefas, no caso do cão de serviço, são por exemplo transferir a roupa da máquina de lavar para a máquina de secar, ir buscar o cartão de crédito ou dinheiro a um vendedor numa caixa de pagamento, entre outros (Camp, 2001).

Segundo Hart *et al.* (1996), o cão para surdos é muitas vezes o cão do próprio utilizador, sendo treinado posterior e devidamente. Deste modo, o relacionamento entre eles tem maior probabilidade de ser bem-sucedido. Estes autores verificaram que o acoplamento entre o cão e o utilizador obtinha melhor resultado em utentes de meia-idade. Outro fator importante a ter em conta é a seleção cuidadosa (nem todos os cães são aptos a serem cães para surdos) e uma

extensa formação, de modo a obter-se um cão mais fácil de gerir, relativamente a um cão de companhia. Cabe aos educadores e também ao médico veterinário dar instruções específicas sobre os cuidados sanitários a ter com o cão e a melhor forma de comunicarem entre si.

É ainda importante ter a noção que o cão não é o zelador do seu utilizador, mas sim o contrário. Por outras palavras, deve ser o utente que controla o seu cão para determinadas tarefas, formando assim uma equipa funcional (Davis, 2005).

Muitas das pessoas que possuem cães de assistência acabam por ficar com o seu cão, quando acaba a sua vida útil de trabalho, pois cria-se uma ligação de afeto entre o utilizador e o cão de assistência ao longo dos anos (Lane, *et al.*, 1998).

Assim, enquanto um cão de companhia tende a formar laços com apenas 1 ou 2 pessoas, ao longo da sua vida, o cão-guia cria 3 a 4 tipos de ligações: uma com a família de acolhimento, outra com o pré-educador, outra com o educador e finalmente com o seu utilizador (Gazzano *et al.*, 2008).

### **7.7- A educação do cão de assistência**

Segundo a Dra. Filipa Paiva da ABAADV (Associação Beira Agueira de Apoio ao Deficiente Visual) e a Prof. Doutora Liliana de Sousa da ÂNIMAS (comunicação pessoal, Abril 16, 2013), a palavra “treino” não é a mais adequada quando se fala em cães de assistência, deve sim, ser usado o termo “educação”.

Um dos objetivos mais importantes na educação do cão de trabalho é a modulação das brincadeiras do cachorro, tornando-as atividades cada vez mais complexas, desenvolvendo assim o sentido de cooperação e controlo próprio (Valsecchi *et al.*, 2010).

#### 7.7.1- A importância da educação

A educação de um cão de assistência deve ser feita com calma, paciência, consistência e persistência (Murphy, 1998; J. Vasconcelos, comunicação pessoal, Agosto 13, 2013).

A existência de fobias no cão é uma das razões que levam a que este não seja adequado para ser educado como cão de assistência, pois interfere com o seu desempenho durante a sua educação e mais tarde no seu trabalho. Isto é importante principalmente nos cães-guia, uma vez que irão, durante o seu trabalho, deparar-se com locais ruidosos, lotados de pessoas estranhas ou com estímulos diferentes aos que estão habituados (Goddard & Beilharz, 1985).

Um dos melhores métodos para o cão-guia perder os seus temores é habituá-lo aos mais variados estímulos, principalmente àqueles que sejam mais relevantes a um cão-guia no seu dia-a-dia de trabalho (Fallani *et al.*, 2006). Durante essas novas experiências os cães podem ganhar medos e fazer associações negativas com os locais, com os procedimentos e até com

as pessoas, e por isso, a habituação deve ser feita de um modo gradual (Rooney et al, 2009). Porém os cães são extremamente adaptáveis (Lindsay, 2000a).

### 7.7.2- O que aprendem

#### 7.7.2.1- Cão-guia

Primeira fase – O cão durante os primeiros meses de vida fica à responsabilidade de uma família de acolhimento que o recebe, para mais tarde ser educado como cão de assistência. Deste modo, permite uma socialização e adaptação do animal à convivência humana, sem o desenvolvimento de fobias à nossa espécie (F. Paiva, comunicação pessoal, Abril 16, 2013; Davis, 2005).

Segunda fase – Começa a ser educado na escola por um educador que o leva a conhecer a comunidade, pois é importante que este tipo de cão de assistência contate com o mundo real (tráfego, obstáculos, entre outros) e não apenas com o ambiente da escola. É uma fase que dura vários meses (Davis, 2005). As Figuras 7 e 8 mostram cães ainda na fase inicial do treino para se tornarem cães-guia, na escola de Mortágua.

Nesta fase o cão aprende tarefas como:

- andar em linha reta e no centro do passeio a menos que haja um obstáculo, virar à direita e à esquerda quando lhe indicado;
- contornar obstáculos (como um poste de eletricidade, parquímetros, pilares, buracos no chão, zonas de teto baixo), devendo por isso ter uma boa perceção espacial de modo a evitar que a cabeça do utilizador choque com objetos ;
- lidar com o trânsito;
- parar quando vai iniciar a descida/subida de degraus ou vai fazer uma curva;
- encontrar a saída de uma sala ou edifício;
- encontrar o elevador ou umas escadas;
- encontrar um lugar desocupado nos transportes públicos;
- seguir uma pessoa num local público até um determinado ponto;
- localizar o destino comandado pelo utilizador, como por exemplo, uma loja, um multibanco, um restaurante, um hotel, etc;
- recuperar objetos perdidos;
- encontrar um objeto requisitado pelo utilizador (por exemplo o jornal) (Froling, 2001, Naderi *et al.*, 2001; Tomkins *et al.*, 2012).

É importante que o cão-guia se desloque a uma velocidade constante, de forma que o utilizador o possa acompanhar nos seus movimentos (ABAADV, 2012)



Figuras 7 e 8: Cães-guia, da raça LR, ainda em fase de educação na ABAADV (originais).

Terceira fase – Acoplamento entre o utente e o cão. De acordo com a personalidade do cão, assim se escolhe o utilizador, tendo em conta por exemplo o nível de atividade de ambos.

O utente por vezes fica instalado na escola ou na sua proximidade, para que durante cerca de 2 semanas (no caso da ABAADV) se inicie a junção. O educador deve educar agora o utilizador, de modo que este aprenda a manusear o seu futuro cão-guia.

Há então uma transição do cão, do educador para o utente.

Nesta fase, o cão-guia aprende a lidar com o utilizador, como por exemplo com a sua altura (importante para calcular o espaço por onde o utente pode ou não passar sem se magoar).

A duração desta fase pode variar, dependendo da experiência que o utilizador tem com cães. (Davis, 2005).

#### 7.7.2.2- Cão para surdos

Os cães para surdos são educados para chamar a atenção do utilizador, não de uma forma sonora mas sim através do toque (tocando com o nariz ou arranhando) ou então conduzindo o utilizador à fonte do som.

Este tipo de cão de assistência aprende tarefas como:

- alertar para sons: campainha, bater à porta, alarme de incêndio, temporizador de forno ou micro-ondas, bebé a chorar, alguém a chamar pelo nome do utilizador, despertador, etc;

- alertar para sons fora de casa: sirene de carros de polícia, de bombeiros ou de ambulância, ou som de carro a aproximar-se rapidamente na direção do utente;

- alertar para sons no local de trabalho: alarme de incêndio, colega de trabalho a chamar o utilizador, receção de mensagem no telemóvel, etc;

- outras tarefas: recuperar objetos perdidos que façam som ao cair (chaves, moedas), levar mensagem entre cônjuges (um está a chamar o outro ou a gritar por ajuda) (Froling, 2001).

O cão para surdos como habitualmente é o cão do próprio utilizador, não existe propriamente uma fase de acoplamento, uma vez que já existe uma ligação entre o cão e o utilizador. Após a entrega do cão já treinado são feitos ajustes e um acompanhamento, para irem sendo esclarecidas as dúvidas que vão surgindo (L. Sousa, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

#### 7.7.2.3- Cão de serviço

Primeira fase – tal como no cão-guia, este tipo de cão fica também fica à responsabilidade de uma família de acolhimento durante os primeiros meses de vida. O objetivo é permitir uma socialização e adaptação do animal à coabitação com o ser humano (L. Sousa, comunicação pessoal, Abril 16, 2013; Davis, 2005).

Segunda fase – Começa a ficar na escola e a ser educado por um educador que o leva a conhecer a comunidade, para conhecer e habituar-se aos mais diversos ambientes. Esta fase dura vários meses, podendo ir até um ano ou mais (Davis, 2005).

Nesta fase, o cão de serviço aprende inúmeras tarefas, de modo a tornar a vida do utente mais fácil em alguns aspetos. Exemplos dessas tarefas são:

- trazer objetos ao utilizador: o telefone, as chaves, algo do frigorífico, a carteira, uma peça de roupa, sapatos, uma mala, medicamentos, o controlo remoto da televisão, a cadeira de rodas ou as muletas, o seu recipiente da comida, correio recebido, objetos caídos, etc;
- recolher as compras do balcão, transportá-las em sacos e tirá-las do saco;
- retirar roupa da máquina de lavar e transferi-la para a máquina de secar, colocar a loiça numa máquina da loiça ou pia;
- empurrar a cadeira de rodas até um determinado local;
- carregar num botão ou tecla de emergência, ladrar, acordar o utilizador ou trazer um medicamento quando este se encontra em perigo;
- arrastar o utente para longe de um perigo;
- deitar objetos no lixo;
- arrumar os objetos no seu local;
- abrir/fechar portas, gavetas, janelas;
- correr cortinas para as fechar/abrir;
- ajudar o utilizador a despir ou a descalçar;
- ligar/desligar interruptores;

- ajustar o braço, a perna ou o corpo do utilizador, na cadeira ou na cama, ou ajudar o utente a ser transferido para outro local (cama, banheira, sanita, etc) (Froling 2001; Rintala, *et al.*, 2008; Winkle, Crowe, Hendrix, 2012).

O utilizador pode indicar ao seu cão o objeto que pretende que ele traga ou que ligue/desligue um botão, através da voz ou então através de um ponteiro laser (Froling, 2001).

Terceira fase – Acoplamento entre utente e o cão. De acordo com a personalidade do cão, assim será escolhido o utilizador, tendo em conta por exemplo, o nível de atividade de ambos. Esta tem uma duração mais ou menos de 15 dias, em que o utente aprende a lidar com o seu cão de assistência.

Nesta altura inicia-se a ligação afetiva entre cão e utilizador.

Há por fim uma entrega formal.

Quarta fase – Há um acompanhamento do cão e do utilizador, de modo a colmatar as dúvidas que ainda possam surgir ou a fazer pequenos ajustes, principalmente em pessoas com doenças progressivas. No caso da ÂNIMAS, vão sendo feitas também ações de formação (L. Sousa, comunicação pessoal, Abril 16, 2013).

Deve-se ter em atenção o porte do cão e o peso que ele pode suportar. É ideal que o limite de peso dos objetos seja 15% do seu peso total (incluindo o arnês) ou de 10% se o cão estiver a executar outra tarefa em simultâneo (Froling, 2001).

Nem todas as associações treinam mediante estas fases, sendo que a Bocalán Portugal, o treino do cão passa pelo menos por 5 treinadores, de modo a colmatar as suas aprendizagens e a acompanhar o ritmo de cada cão de serviço.

### 7.7.3- Do cachorro ao adulto – aspetos importantes

A interação entre o cão de assistência e as pessoas que fazem parte da sua vida, durante o seu crescimento, deve ser bem gerida, para evitar comportamentos indesejados. Por exemplo, deve-se evitar dar demasiadas recompensas (Gazzano *et al.*, 2008).

É pois importante, que durante a educação e a vida útil do cão de assistência existam recompensas, não só de comida como experiências de que ele goste, por exemplo passeios, jogos, carícias, pois tais recompensas fortalecem a relação ente o cão e o educador/utilizador. A atenção do ser humano para com o cão é muito gratificante para este, devendo portanto, esta ser uma forma de recompensá-lo para favorecer os comportamentos desejados (Rooney *et al.*, 2009).

Durante o crescimento do cachorro, as brincadeiras com as pessoas são muito importantes, pois possibilitam o estabelecimento de uma boa relação entre eles, o desenvolvimento de um

temperamento sociável e também que o cão tenha oportunidade de aprender a resolver situações problema.

Uma das brincadeiras que ajudam neste desenvolvimento é a procura e recuperação. A brincadeira com brinquedos, como bonecos por exemplo, deve ser controlada de modo ao cão não ter acesso ilimitado a tais brinquedos. Isto é importante, principalmente durante o seu crescimento, pois pode dificultar mais tarde a recompensa por parte do utilizador (dar o brinquedo ao cachorro, pode ser uma forma de recompensar). Pode ainda dificultar o hábito de estar longos períodos inativado, situações comuns nos cães-guia.

A comida é das recompensas mais usadas nos cães de assistência e também esta deve ser controlada. Por exemplo, dar comida ao cachorro quando se está à mesa a comer, é um péssimo hábito. O cão deve apenas comer no prato que lhe está destinado, em tempos regulares e comida própria da sua espécie. Isto é essencial, pois além de se fazer o controlo do seu peso, mostra que a comida é controlada pelo seu utilizador, mantendo-se assim o nível de obediência e evitando assim comportamentos indesejados durante o trabalho do cão.

O LR é considerado um cão que tem um grande interesse por comida, tendo tendência a ficar com excesso de peso e portanto mais uma vez, o controlo da comida por parte do utilizador e de qualquer pessoa que interaja com ele durante o seu crescimento, é importantíssimo.

Este controlo da alimentação permite também controlar a defecação no caso do cão-guia, permitindo ao seu utilizador ter alguma noção da altura em que esta ocorre, evitando assim que ele o faça em lugares inadequados (Gazzano *et al.*, 2008).

O descanso físico durante a noite, tanto do cachorro como do cão adulto, é indispensável seja durante a sua educação, seja durante a sua vida útil, de modo a concentrar-se e focar-se nas suas competências como cão de trabalho (Tomkins *et al.*, 2011).

Koda (2001) verificou que os cães que socializam e brincam com os seus “donos temporários” (família de acolhimento) durante as primeiras semanas de vida aprendem a interagir corretamente com os seres humanos. Além disso, nesta fase é possível verificar certas características nos cachorros, tais como: se demonstra boa vontade (como por exemplo, partilha um brinquedo com o dono temporário), se vai adquirindo autocontrolo, se é mais/menos agressivo, o seu nível de concentração ou sua capacidade de cooperar com os seres humanos (Figura 9). Deste modo, a previsão e escolha dos cães para serem educados como cão de assistência, é mais fácil e segura.



Figura 9: Cão-guia ainda na fase da família de acolhimento, com colete onde se encontra inscrita a mesma informação (original).

Um cachorro que demonstre ter comportamentos agressivos tem maior probabilidade de os manifestar em adulto. Porém, a exibição deste comportamento não está totalmente relacionada com a sua tendência social futura. Isto é, ser agressivo em cãozinho, não implica que venha a ser dominante.

Cachorros muito excitáveis ou por outro lado, muito calmos, tendem a ser pouco treináveis em adultos, enquanto aqueles que exibem níveis de excitabilidade moderada provaram adaptar-se mais facilmente ao treino (Lindsay, 2000a).

Num estudo de Fallani *et al.* (2006) verificou-se que os cachorros que tinham poucas atividades lúdicas, durante o seu crescimento e a sua educação, não conseguiram tornar-se tão facilmente cães-guias, pois ansiedade e brincadeiras não se conjugam.

Uns dos fatores a ter em conta além da seleção e a educação dos cães é também a seleção dos utilizadores (Kwong & Bartholomew, 2011). Quando a educação do cão chega ao fim, este deve ser analisado física e temperamentalmente a fim de identificar o utilizador mais adequado para ele. Só assim se consegue formar uma “unidade” segura a partir da dupla formada (Murphy, 1998).

Mizukoshi *et al.* (2008) verificaram durante a educação de cães-guia algumas diferenças entre cães aptos a serem cães-guia e cães que não tinham competência para tal trabalho. Averiguaram que, ao longo da sua educação, os cães mais aptos iam ficando cada vez sob menor stresse, em que a cauda, que no início da educação mostrava empolgação, ia ficando numa posição cada vez mais calma e os animais distraíam-se menos com obstáculos que surgiam no percurso. No entanto, chegaram à conclusão que algumas dessas características, nomeadamente o stresse e a posição da cauda, podiam não se dever só à educação ou ao ambiente, mas sim também ao temperamento individual de cada cão. Deste modo, verifica-se

que é necessária uma avaliação precoce do cão, durante a sua educação, de modo a verificar se ele está apto ou não para ser um cão-guia e continuar assim a sua educação, obtendo um cão eficaz no seu trabalho.

Outro aspeto importante na educação de um cão, seja de trabalho ou não, é quando se dá as ordens. O tom de voz com que essas ordens são dadas, afeta igualmente a aprendizagem do cão (Yamamoto *et al.*, 2011).

Estes mesmos autores verificaram que é importante que o utilizador tenha a cara virada para o cão, quando lhe dá as ordens. No entanto, a direção do olhar mostrou não ser tão importante (pelo menos no LR, a raça usada neste estudo), pois como no caso do cão-guia que adquire as suas aprendizagens com pessoas que veem (durante o seu crescimento e a sua educação), aprende a usar a direção tanto do olhar como da cabeça da pessoa, para responder às ordens que lhe são dadas. Daí que um cão-guia obedeça regularmente ao seu utilizador, mesmo que este não lhe dirija o olhar, mas apenas a cabeça.

A concentração do cão é outro aspeto a ter em conta, podendo estar relacionada com a presença de outro, por exemplo podendo levar à diminuição da fiabilidade e da sua capacidade de funcionamento (Tomkins *et al.*, 2011).

É importante que os esforços, o tempo e os recursos sejam usados de forma eficiente para reduzir os custos da educação de cada cão selecionado (Serpell & Hsu, 2001). Por isso têm sido feitos estudos ao longo do tempo, para se identificar os fatores de sucesso e de insucesso da obtenção de um cão de assistência (Tomkins *et al.*, 2012), além de medidas e ferramentas que podem ser usados pelas escolas, que permitam avaliar e selecionar canídeos com potencial para se tornarem cães de assistência (Tomkins, Thomson & McGreevy, 2011).

Entre os mais variados testes, geralmente é importante testar a exposição do cachorro a diferentes situações que podem ajudar a avaliar determinadas respostas, como agressão, medo ou confiança (Serpell & Hsu, 2001).

A percentagem do sucesso da educação de um cão de assistência pode variar, pois depende dos métodos de educação escolhidos e de certos critérios, como por exemplo o tempo despendido na educação e a raça escolhida. É assim importante, identificar os melhores métodos para educar um cão de assistência, por exemplo através de estudos dos fatores genéticos das raças (Tomkins *et al.*, 2012), dos temperamentos e dos comportamentos adequados, para se selecionar e educar o cachorro mais adequado, o mais cedo possível (Serpell & Hsu, 2001).

O medo, a distração e a excitabilidade são motivos de fracasso na educação de um cão de assistência (Tomkins *et al.*, 2012), pois o stresse pode diminuir a confiança com que faz o seu trabalho, podendo resultar numa deterioração da relação cão-utilizador que é essencial para

que o trabalho de equipa resulte (Lane *et al.*, 1998). O medo pode, além disso, colocar o utilizador em perigo, nomeadamente junto ao trânsito (cão-guia) ou outras situações perigosas (Fallani *et al.*, 2006).

Sintetizando e de acordo com ADI (2013) e Froling (2001), os cães de assistência devem mostrar as seguintes competências gerais:

- responder ao primeiro comando 90% das vezes (em ambiente doméstico ou público);
- demonstrar conhecimentos básicos de obediências gerais (senta, deita, fica) e específicos;
- demonstrar normas de comportamento tanto em público como em casa;
- não devem urinar/defecar em público, a menos que recebam um comando para isso;
- não devem ter comportamento agressivo para com as pessoas e outros animais;
- não devem solicitar comida ou carinho a outras pessoas, quando estão de serviço;
- trabalhar tranquilamente com o colete/coleira.

## **8- A legislação do cão de assistência**

O Decreto-Lei n.º 118/99, de 14 de Abril, permitiu finalmente o direito de pessoas cegas utilizadoras de cão-guia. Deste modo, estas pessoas ganharam direito a entrar em estabelecimentos e transportes públicos acompanhados do seu cão de assistência. Este direito alargou-se mais tarde a pessoas com deficiência sensorial, mental, orgânica e motora.

O decreto tem em conta que o cão de assistência contribui para a vida ativa de pessoas com deficiências, por isso, só excecionalmente (quando a saúde ou a segurança pública possam estar comprometidas, por exemplo quando o cão apresenta sinais de doença, de agressividade ou falta de higiene) a pessoa não poderá entrar nestes locais com o seu cão.

O uso de açaímo nestes cães é dispensável.

Exemplos de locais em que são permitidos os cães de assistência são: transportes públicos, escolas, pavilhões desportivos, recintos de espetáculos, estabelecimentos de serviços públicos e de saúde, estabelecimentos comerciais, de restauração e hotelaria, casas de repouso, espaços públicos (praia, parque de campismo, jardins) e muito importante, nos locais de trabalho do utilizador.

Pretende-se deste modo promover o acesso à igualdade das pessoas com menos capacidades.

Mais tarde, o decreto-lei n.º 74/2007 de 27 de Março alargou os mesmos direitos aos restantes tipos de cães de assistência, estabelecendo depois que estes devem transportar consigo o distintivo da certificação de treino numa entidade credenciada. Além disso, o utilizador deve ter sempre consigo a identificação do animal, o seguro de responsabilidade civil e o boletim de saúde, pois ele é o responsável pelo comportamento e saúde do seu cão.

A *Assistance Dogs Europe* (ADEu, 2012) estipulou as seguintes responsabilidades para com o cão de assistência:

- tratar o cão com apreço e respeito;
- praticar obediência e tarefas específicas regularmente;
- manter o comportamento do cão em público e em casa;
- ter cuidados preventivos de saúde do cão, realizando exames e vacinas anuais;
- usar a coleira/colete e a licença de acordo com a lei;
- providenciar a limpeza imediata de resíduos do cão (sempre que possível, tendo em conta a natureza da deficiência do utilizador).

### **9- Princípios éticos e morais dos utilizadores de cães de assistência**

O bem-estar de um animal deve ser tanto fisiológico como psicológico, ou seja o cão de assistência deve ter direito às 5 liberdades: livre da fome e sede; do desconforto; da dor, lesões e da doença; do medo e da aflição; e para expressar os seus comportamentos normais.

Os utilizadores de cães têm o dever lícito e moral de maximizar o bem-estar deles. Um fraco bem-estar e stresse prolongado podem levar a doenças e claro, a um fraco rendimento de trabalho, além de diminuir a capacidade de aprendizagem durante a educação do cão (Rooney *et al.*, 2009).

Segundo a ADI (2013), há critérios que devem ser respeitados quando se educa um cão de assistência. Enumeram-se de seguida alguns deles:

- O cão deve ser educado de forma técnica, analítica e humanitária, permitindo assim a sua segurança física e emocional;
- Deve ser permitido ao animal aprender ao seu próprio ritmo e que não seja colocado em serviço antes de atingir a maturidade física e emocional adequada;
- Um cão de assistência deve ser colocado com um utente que saiba suprir as suas necessidades físicas, emocionais e financeiras, que saiba interagir com o seu animal e que lhe proporcione um ambiente estável e seguro.

Os cães que são considerados inaptos para serem guias são um problema nomeadamente do seu bem-estar (pois são geralmente cães com problemas comportamentais, sendo difíceis de adotar) e por isso, como já foi referido anteriormente, a educação deve ser eficiente tal como a escolha dos cães (Mizukoshi *et al*, 2008).

## **Parte II – Parte prática - Inquérito sobre cães de assistência**

### **1- Objetivos**

Pretendeu-se com este estudo caracterizar os cães de assistência no sentido de obter um maior e melhor conhecimento sobre estes animais em Portugal. Deste modo conseguiu-se conhecer o dia-a-dia de um cão de assistência e saber a importância que os utilizadores atribuem a estes cães. Outros objetivos foram a compreensão dos aspetos relacionados com a escolha dos animais, focando as características mais importantes na sua seleção e os aspetos relacionados com a sua educação, para serem aptos a auxiliarem seres humanos incapacitados.

### **2- Materiais e métodos**

A recolha dos dados foi feita através de 2 tipos de questionários (Anexo 1 e Anexo 2), dirigidos respetivamente a associações de treino e doação de cães e a utilizadores desses animais.

#### **2.1- Questionário 1**

O questionário 1 foi realizado em 3 associações que treinam e doam cães de assistência em Portugal. São elas a Associação Beira Agueira de Apoio ao Deficiente Visual (ABAADV), mais conhecida por Escola de cães-guia de Mortágua, no distrito de Viseu; a Associação Portuguesa para a Intervenção com Animais de Ajuda Social, mais conhecida por ÂNIMAS, que treina cães para surdos e cães de serviço, localizada no distrito do Porto; e a Bocalán Portugal, que treina cães de assistência e cães para intervenção assistida por animais, localizada no distrito de Lisboa.

O questionário foi elaborado com o objetivo de auxiliar numa entrevista, feita pessoalmente com um representante de cada associação, no caso da escola de cães-guia, a Dra. Filipa Paiva, médica veterinária, no caso da ÂNIMAS, a Prof. Doutora Liliana de Sousa, docente de Etologia Animal, e no caso da Bocalán Portugal, o diretor técnico João Vasconcelos, gestor e formador. Cada entrevista teve a duração de cerca de uma hora e decorreram no mês de Abril de 2013 (ABAADV e ÂNIMAS) e em Agosto de 2013 (Bocalán Portugal).

Este questionário foi dividido em 3 partes: a parte I focou-se na escolha do cão, nomeadamente a sua proveniência, as raças mais usadas, fatores e características de escolha do nome, da cor do pelo, do sexo, das doenças que podem levar à sua exclusão e o temperamento; a parte II focou-se no treino do cão, mais concretamente sobre a idade em que começam a ser treinados, o tipo e fases do treino, as técnicas e instrumentos usados nesse treino, os comportamentos que aprendem, o quotidiano do animal para além do treino, o modo como é feita a entrega ao utilizador e as taxas de sucesso; e finalmente na parte III

recolheram-se informações adicionais sobre os cães de assistência, tais como a sua distribuição geográfica, por Portugal, e que informações sobre zoonoses são transmitidas aos utilizadores.

## **2.2- Questionário 2**

O questionário 2 foi realizado a utilizadores de cães de assistência por 2 vias diferentes: via telefone, com a duração média de 10-15 minutos e via correio eletrónico, tendo-se obtido os contatos através das associações referidas e de utilizadores. Os questionários foram efetuados aos utilizadores entre o início de Abril e inícios de Setembro de 2013.

Este questionário foi dividido em 4 partes. Na parte I recolheram-se dados para caracterizar os utilizadores de cães de assistência, nomeadamente em termos de idade, sexo, localização geográfica, número de cães de assistência que já possuiu, há quanto tempo os possui e como os adquiriu. A parte II foca-se no cão de assistência: nome, sexo, idade, esterilização, vacinação, desparasitação, ida ao médico veterinário e doenças que já teve. Esta parte requereu-se ainda a recolha de informações sobre a rotina do animal, como a sua alimentação (o que come, quando e quantas vezes ao dia), onde dorme e o tempo para brincar. Tentou-se também saber a opinião dos utilizadores em termos de utilidade e a ligação emocional com o seu cão de assistência, saber se este recebe recompensas e de que tipo; se já desobedeceu e como foi resolvida essa desobediência. A parte II termina focando sobre qual será o destino do cão quando acabar a sua vida útil como animal de assistência e também, caso o utilizador já tenha tido mais cães de assistência, o que lhes sucedeu. A parte III está subdividida em 3 alíneas: A- Cão-guia; B- Cão para surdos; C- Cão de serviço. A alínea A aplica-se aos cães-guia, e recolheram-se informações sobre o tipo de percurso e o tipo de transportes que o utilizador usa com o seu animal e saber também o que este reconhece (como palavras, sons, gestos, objetos, entre outros). A alínea B aplica-se ao cão para surdos, pretendendo-se também obter informações sobre o que o cão para surdos reconhece (como palavras, gestos, sons, objetos, etc) e ainda o modo como ele chama a atenção do utilizador, para os sons. Na alínea C, obtiveram-se informações sobre o que o cão de serviço reconhece (palavras, gestos, sons, objetos, etc). Finalmente a parte IV é uma questão de resposta aberta, em que se solicitou ao utilizador uma opinião sobre os cães de assistência ou contasse uma história sobre o seu animal, de modo a tentar compreender do ponto de vista do utente, a importância na sua rotina e na sua vida.

### 2.3- Análise dos dados

A análise dos dados obtidos nas respostas, ao questionário 2, foi processada no programa informático *Microsoft Office Excel* de 2007 e analisados através de métodos de estatística descritiva.

As entrevistas permitiram comparar e colmatar as respostas dadas pelos utilizadores de cães de assistência, ao questionário 2.

### 3- Resultados

Relativamente ao questionário 1, os aspetos mais relevantes que se destacaram foram: fatores a ter em conta na escolha das raças, existência de esterilização, existência de doenças, os temperamentos dos cães, o treino, a escolha do utilizador, a taxa de sucesso, a distribuição geográfica pelo país e as zoonoses.

Relativamente à escolha das raças das 3 associações, pode-se verificar na Tabela 4 quais as mais usadas para cada tipo de cão de assistência.

Tabela 4: Raças mais usadas pelas 3 associações inquiridas, nos diferentes tipos de cães de assistência.

<b>Tipo de cão</b>	<b>Raças mais usadas</b>
<b>Cão para cegos</b>	<i>Labrador Retriever</i>
	<i>Flat Coated Retriever</i>
	LR X GR
<b>Cão para surdos</b>	Qualquer raça
<b>Cão de serviço</b>	<i>Labrador Retriever</i>

Os fatores que estas associações destacam na escolha dos cães são:

- capacidade de aprendizagem;
- bom temperamento (calmo);
- bons índices de obediência;
- boa capacidade de adaptação a novas circunstâncias;
- estrutura física média;
- facilidade em se integrar no meio (ser um cão bonito e sociável, ajudando a ser mais facilmente aceite nos locais públicos, nomeadamente aqueles que não permitem entrada de animais);

- sem fobias;
- sem atração excessiva por outros animais (cães e gatos);
- tenha uma sensibilidade média (nem demasiado distraído nem demasiado atento).

O nome do cão de assistência não é importante tal como não o é a cor do pelo (exceto para a Bocalán Portugal), como se explica mais à frente neste estudo.

A esterilização é considerada importantíssima pelas 3 associações, se não obrigatória.

Quanto à existência de doenças que impossibilitam um cão de ser um cão de assistência, as associações referiram que não há doenças específicas que provoquem a exclusão de um cão. No entanto, enfatizam a importância do bem-estar animal, no sentido em que um cão de trabalho deve ser saudável. É claro que doenças como a displasia da anca, doenças cardiovasculares que sejam detetadas durante o treino, geralmente são motivos de exclusão.

O treino destes cães passa por várias fases:

- ninhada: escolha só de alguns cães a partir dos 2-3 meses de idade;
- família de acolhimento: até 7-8 meses (ÂNIMAS) ou até 11 meses (ABAADV);
- pré educador: 11-13/14 meses (ABAADV);
- educador: até cerca de 2 anos (depende dos cães), podendo prolongar-se até 2 anos e meio;

O cão é entregue então ao utilizador no fim do treino, ficando com ele até à reforma. Nesta altura, é devolvido à associação ou então é obtido um acordo caso o utente ou a família de acolhimento pretendam adotá-lo como cão de companhia.

No caso da Bocalán Portugal, o cão com 8 semanas passa diretamente ao treinador (ficando alojado com este), e como já foi referido, passa pelo menos por 5 treinadores. Nesta associação os 3 tipos de cães de assistência são treinados com um treino base semelhante, tendo depois seguimentos diferentes e direcionado para o tipo de utilizador em questão.

Exemplos de aprendizagens direcionadas são:

Cão-guia: condução do utilizador pelo meio da plataforma do metro/comboio, ou dos passeios; evitar obstáculos; desviar de buracos ou poças de água; desviar de ramos de árvores; procurar lugar vago num transporte público; levar a um balcão de atendimento; encontrar a máquina do multibanco/telefone público; localizar as passadeiras (que o cão conhece através da palavra “linhas”); impedir o utente de atravessar a estrada quando há trânsito a passar, mesmo que este insista (desobediência inteligente); sinalizar escadas (parar no primeiro degrau para mostrar que vai subir ou vai descer), entre outros.

Cão para surdos: chamar a atenção do utilizador e/ou guiá-lo até: fontes sonoras como o alarme do despertador, do micro-ondas, a campainha da porta ou mesmo o aproximar de uma pessoa ou alguém a chamar pelo nome do utilizador.

Cão de serviço: apanhar objetos caídos; abrir portas; abrir gavetas (e tirar de lá objetos); ligar/desligar interruptores de luz; ajudar a puxar a cadeira de rodas; carregar em botões de um elevador; etc.

Através da Tabela 5, pode-se verificar características relacionadas com o treino dos cães de assistência e a formação da dupla cão-utilizador.

Tabela 5: Características relativas ao treino dos cães de assistência e ao acoplamento entre estes e os seus utilizadores.

Métodos de treino mais usados	Reforço positivo através da recompensa (maioria das vezes alimento) e o uso do <i>clicker</i> .
Socialização	Feita com ambientes, animais e pessoas diferentes.
Duração do treino	Cão-guia: pode ir de 1 a 2 anos.
	Cão para surdos: até 6-9 meses.
	Cão de serviço: até 1 ano.
Entrega do cão	Escolhidos para um determinado cão e não o contrário, salvo em casos excecionais, em que é feito o perfil (psicológico, físico e sociológico) do utente e assim que um cão treinado se lhe adequa, é iniciado o acoplamento (que tem a duração de cerca de 2 semanas).

A taxa de sucesso no treino de cães de assistência, no caso da ÂNIMAS é de 100%, enquanto a da ABAADV é de cerca de 75% (dos 16 cães treinados por ano, 12 são entregues aos utilizadores). A Bocalán Portugal, sendo uma associação com menos de um ano de existência, ainda não entregou nenhum cão de assistência. A ABAADV considera que o insucesso do treino de um cão de assistência prende-se com problemas físicos ou com o seu temperamento (fobias, hiperatividade, capacidade de aprendizagem).

A distribuição e o pedido de cães de assistência verificam-se maioritariamente nas zonas de Lisboa e do Porto (existindo atualmente cerca de 90 cães-guia doados pela ABAADV, enquanto a ÂNIMAS doou 1 cão para surdos e 5 cães de serviço).

Sobre as zoonoses, as associações alertam os utilizadores principalmente para a leishmaniose e para a dirofilariose. Enfatizam a importância do médico veterinário para esclarecer as prevalências nas regiões em causa, para as vacinas e para a desparasitação.

Relativamente ao questionário 2 foram obtidas respostas de 32 utilizadores de 31 cães de assistências (o cão para surdos presta serviço em simultâneo a 2 membros de um casal de surdos. De referir também que é o único cão para surdos em Portugal).

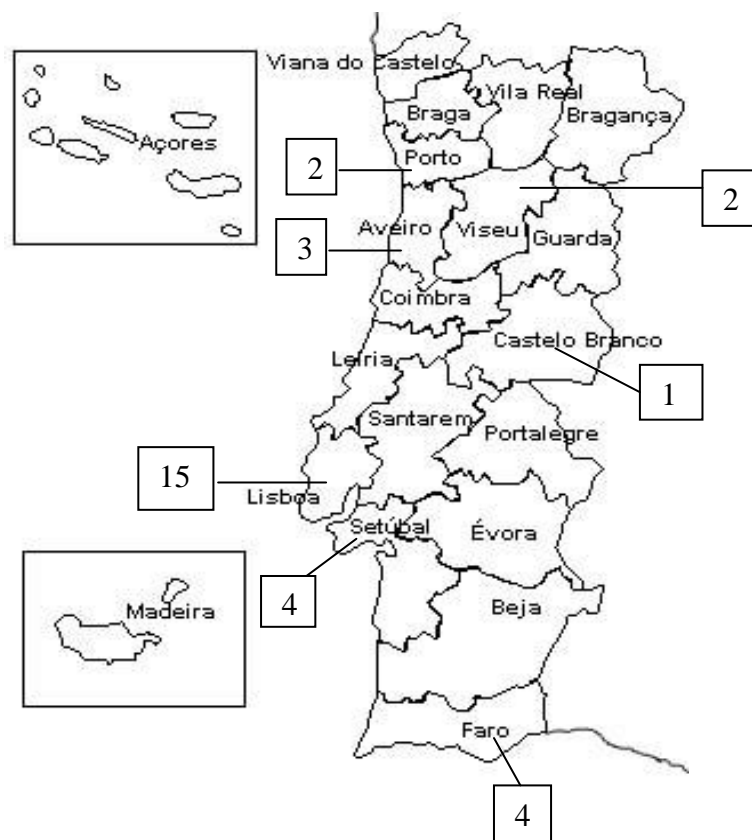
A Tabela 6 indica as características dos utilizadores que responderam aos questionários.

Tabela 6: Características dos utilizadores, com idades compreendidas entre os 22 e os 64 anos, que responderam ao questionário 2.

	Número de utilizadores	Sexo	Modo como responderam ao questionário
Cães-guia	29	♂ - 12 ♀ - 17	8 utilizadores - via correio eletrónico 21 utilizadores – via telefone
Cães para surdos	2	♂ - 1 ♀ - 1	2 utilizadores - via correio eletrónico
Cães de serviço	1	♂ - 0 ♀ - 1	1 utilizadora - via correio eletrónico

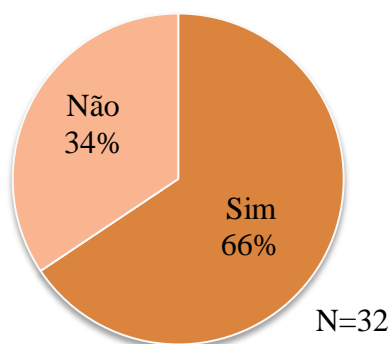
A localização geográfica dos cães de assistência cujos utilizadores responderam ao questionário, por distrito, é: 3 de Aveiro, 1 de Castelo Branco, 4 de Faro, 15 de Lisboa, 2 do Porto (3 utilizadores), 4 de Setúbal e 2 de Viseu. Como mostra o mapa abaixo (Figura 10), verificou-se que a maioria deles se encontra no distrito de Lisboa. As associações entrevistadas referiram não terem cedido animais para as regiões autónomas, no entanto não é possível auferir à inexistência deste tipo de cães nas ilhas, porque poderão terem sido importados de outros países.

Figura 10: Distribuição geográfica dos cães de assistência cujos utilizadores responderam ao questionário 2 (mapa adaptado de: Geografia de Portugal, 2006).



Como mostra o Gráfico 2, cerca de 66% dos utilizadores possuem cão de assistência pela primeira vez. Dos restantes 34% que já tiveram mais cães de assistência para além do atual, foi apenas 1 ou 2.

Gráfico 2: Respostas à questão: é o primeiro cão de assistência que tem?

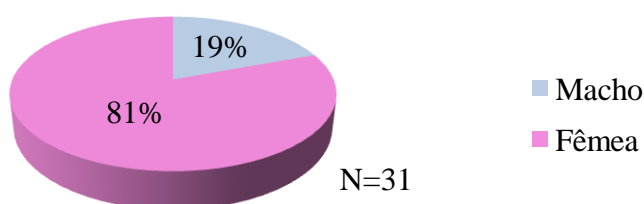


Relativamente ao tempo que os utilizadores possuem os cães de assistência, verificou-se que a maioria (24 utilizadores) os tem há mais de 4 anos, indo até 14 anos.

A aquisição dos animais foi feita através de diferentes associações. 26 dos cães-guia foram obtidos através de doação da ABAADV, sendo que dos 3 cães-guias restantes, 2 foram doados pela Escola Guidig Eyes for the Blind, de Nova York, através de um protocolo com a ABAADV e 1 deles foi obtido através de uma escola francesa de cães-guia para crianças cegas (Mira Europe) . O cão para surdos e o cão de serviço, cujos utilizadores responderam ao questionário, foram doados pela ÂNIMAS.

Outra questão pertinente neste estudo era o sexo mais usado para cão de assistência, e como mostra o Gráfico 3, verificou-se que 81% é do sexo feminino.

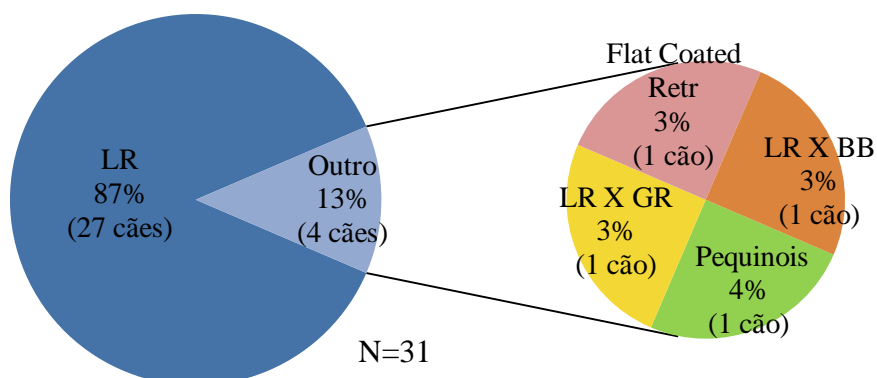
Gráfico 3: Respostas à questão: qual o sexo do cão de assistência?



Verificou-se que 100% dos cães de assistência são esterilizados (nas 3 associações).

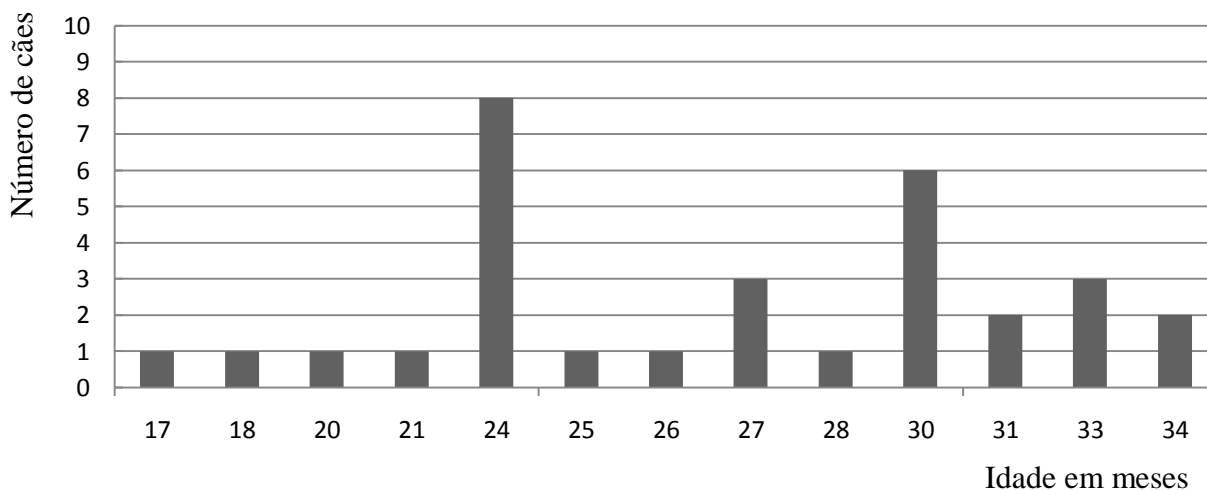
Apesar de a LR ser a raça mais usada para cão-guia, como mostra Gráfico 4, existem outras raças que também são usadas, no caso deste estudo: um cruzamento entre LR e GR, o *Flat Coated Retriever* e LR cruzado com *Bouvier Bernois* (BB). A raça *Pequinois* pertence ao utilizador que possui o cão para surdos.

Gráfico 4: Raça dos cães de assistência (Flat Coat Ret- refere-se à raça *Flat Coat Retriever*).



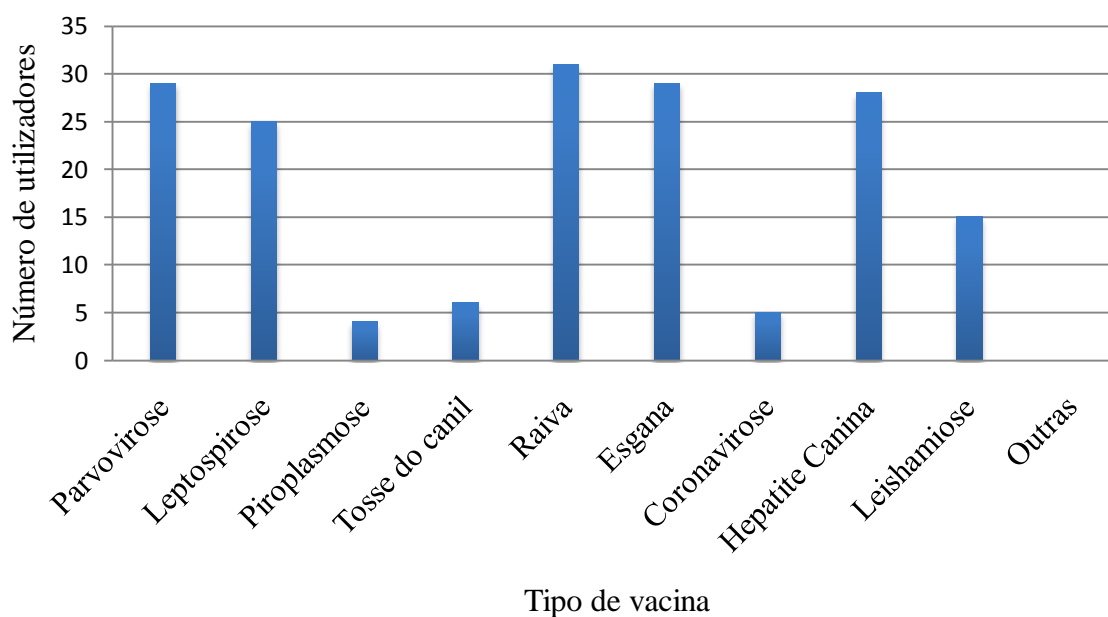
Através do Gráfico 5, verificou-se que as idades dos cães de assistência quando são doados aos seus utilizadores vão de 1 ano e 5 meses (17 meses) até quase aos 3 anos (34 meses). A média é de 2 anos e 3 meses (27 meses).

Gráfico 5: Idade do cão de assistência quando foi atribuído ao seu utilizador.



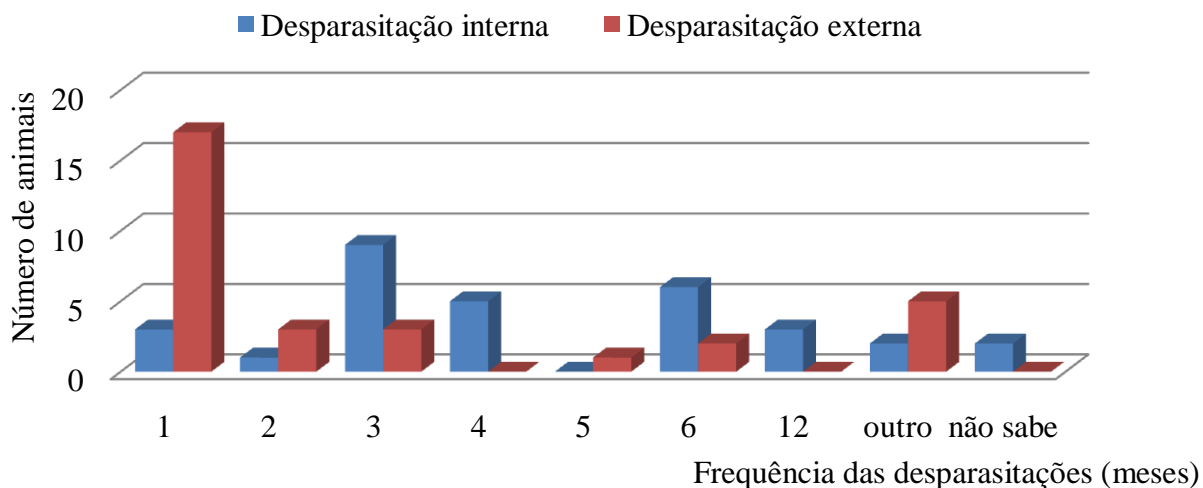
A vacinação verificou-se também em 100% dos cães, sendo que os tipos de vacinas administradas variaram um pouco, exceto a vacina da raiva, que 100% dos cães de assistência a possuíam. As vacinas da parvovirose, da leptospirose, da esgana e da hepatite canina existem em quase 100% dos cães de assistência (Gráfico 6).

Gráfico 6: Vacinas que os cães de assistência possuíam neste estudo.



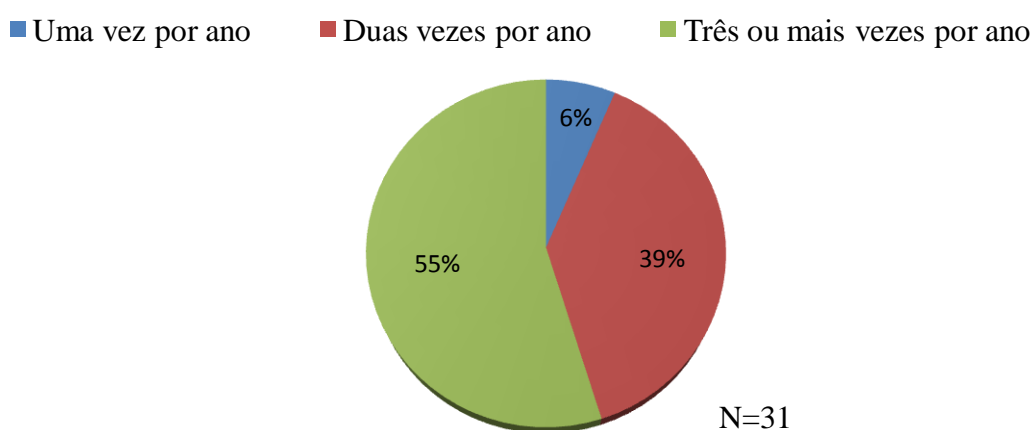
A questão sobre desparasitação, tanto interna como externa, obteve 100% de respostas positivas. A frequência da desparasitação mostrou alguma variação entre as respostas dos utilizadores. A da interna varia entre uma vez por mês até uma vez por ano. Por outro lado, a externa varia entre mensalmente e semestralmente (Gráfico 7).

Gráfico 7: Frequência das desparasitações externas e internas.



Na frequência da ida ao médico veterinário verificou-se que a maioria dos animais foi mais de 3 vezes por ano (Gráfico 8).

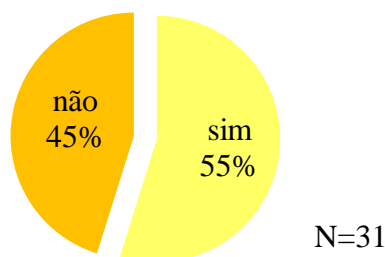
Gráfico 8: Frequência da ida dos cães de assistência ao médico veterinário.



O Gráfico 9 refere-se à questão “já teve alguma doença?” e verificou-se que as respostas sim e não estão quase equiparadas (55% sim e 45% não). No caso da resposta afirmativa, as doenças referidas foram: alergia, otite, artroses, viroses, gastrite ou gastroenterite,

incontinência urinária, epilepsia, cancro, pneumonia, hepatite, infeção do útero, volvo intestinal e quisto. As mais frequentes foram a otite (8 casos) e os quistos (2 casos).

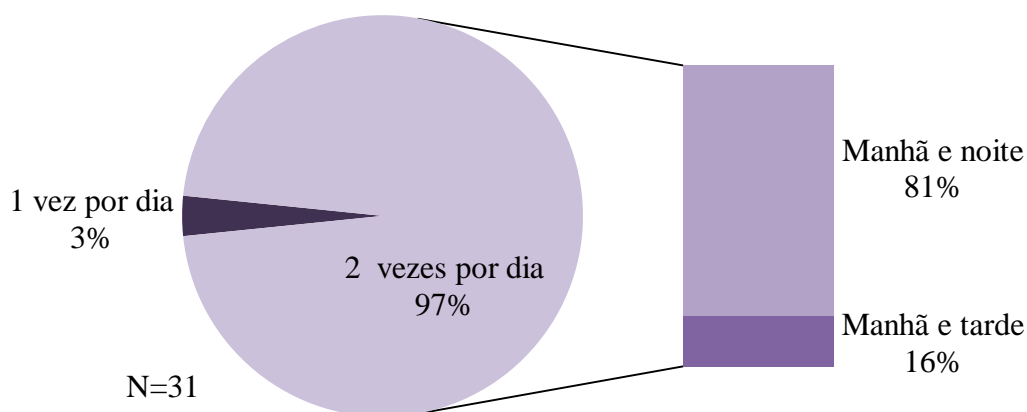
Gráfico 9: Respostas à questão: o seu cão de assistência já teve alguma doença?



Relativamente à alimentação dos cães, 97% deles comem alimento comercial de ração. Os restantes 3%, sendo apenas um cão (o cão para surdos), recebem ração dietética específica, que o utilizador referiu ser prescrita pelo médico veterinário.

Foi também questionada a quantidade de vezes que o cão come ao dia e quando, verificando-se que em 97% dos casos, os cães comem 2 vezes por dia, sendo que a maioria come uma vez de manhã e a outra à noite. Apenas um caso (3%) referiu que o seu cão come apenas uma vez por dia (Gráfico 10).

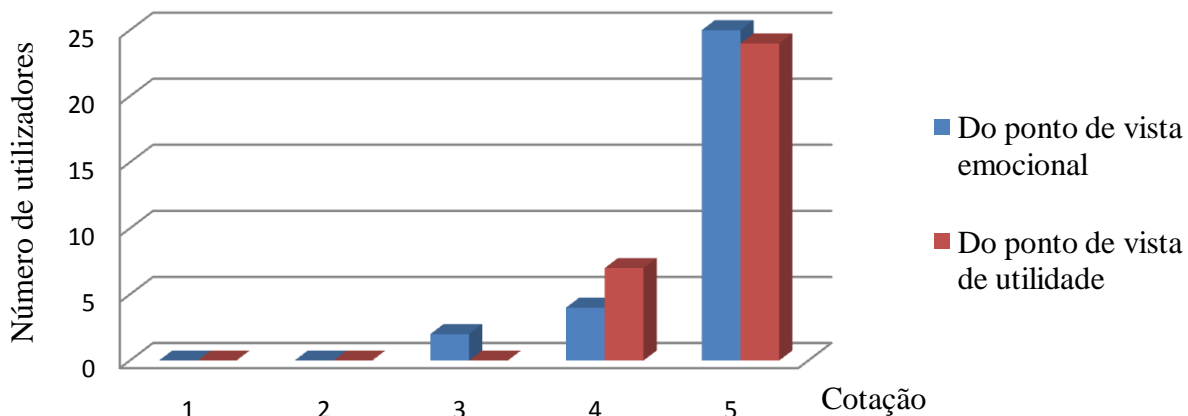
Gráfico 10: Frequência diária da alimentação do cão de assistência.



O cão de assistência, no geral, possui cama própria (localizada ou no quarto do utilizador ou na sala), mas certos utentes referiram que, apesar disso, o cão pode, por vezes, dormir consigo.

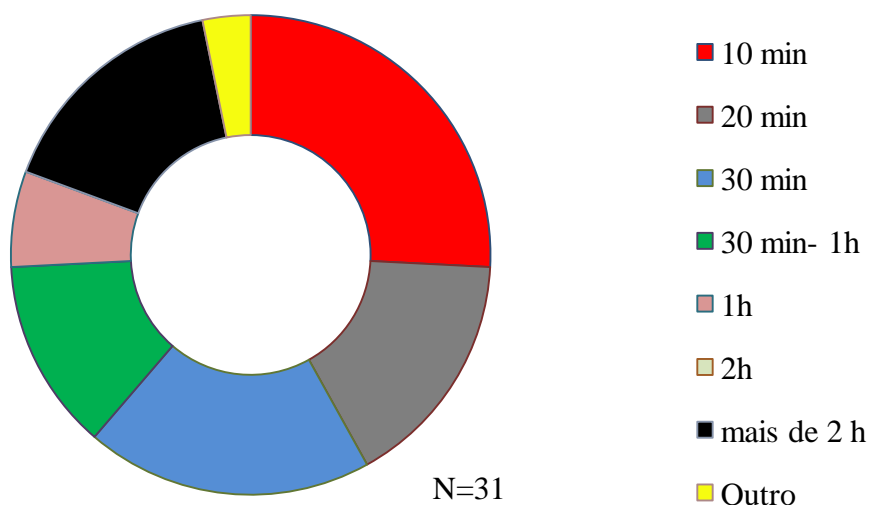
Os utilizadores foram questionados quanto ao valor emocional e ao valor útil que atribuíam ao seu cão de assistência, numa escala crescente de 1 a 5. Verificou-se que a maioria deles deu uma pontuação de nível 5 (Gráfico 11)

Gráfico 11: Valor que o cão de assistência tem para os utilizadores do ponto de vista de utilidade e do ponto de vista emocional.



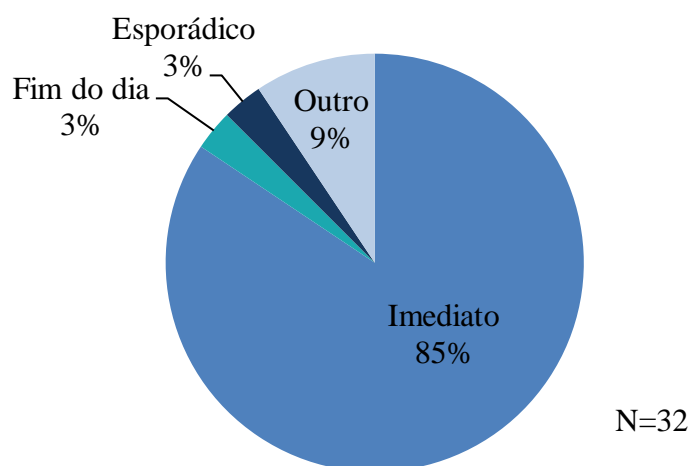
A frequência com que os cães de assistência trabalham é diária para os 31 animais em estudo. Todos os utilizadores responderam que o seu cão de assistência tem todos os dias tempo para brincar, variando este tempo entre 10 minutos a mais de 2 horas, como mostra o Gráfico 12. Um utilizador referiu que o tempo para brincar variava dependendo do seu próprio trabalho (resposta: outro).

Gráfico 12: Tempo diário que o cão de assistência tem para atividades fora do trabalho.



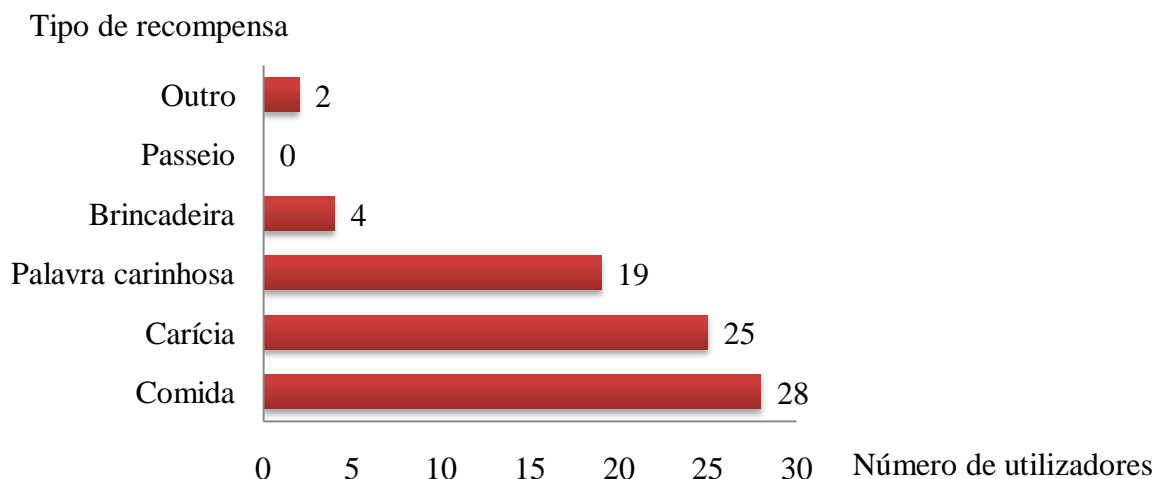
A totalidade dos utilizadores referiram que davam recompensas ao seu cão. Uma percentagem de 85 % referiram dar a recompensa de imediato, isto é, imediatamente após o trabalho bem efetuado, enquanto os outros 15% variaram entre dar a recompensa esporadicamente, dar ao fim do dia ou dar apenas quando o cão faz bem uma nova aprendizagem (Outro). Ainda na opção “Outro”, 2 utentes referiram que além da recompensa imediata atribuíam também uma recompensa noutras ocasiões, sendo que, um utilizador dá também ao fim de cada dia de trabalho bem efetuado, enquanto o outro o faz ao início do dia (Gráfico 13).

Gráfico 13: Respostas à questão: quando recebe a recompensa?



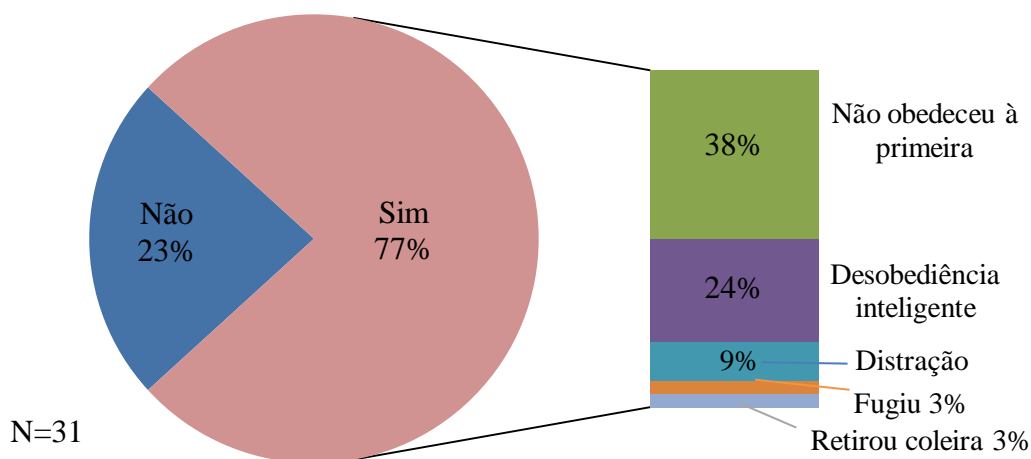
O tipo de recompensa varia, sendo que a maioria dá comida, mais concretamente um biscoito (87%). Outras recompensas dadas com frequência são uma carícia ou uma palavra carinhosa (Gráfico 14). A resposta dada como “outra recompensa” trata-se de um beijinho que os utilizadores dão ao seu cão como sinal de gratidão.

Gráfico 14: Tipos de recompensa que o cão de assistência recebe.



Em termos de obediência, a maioria refere que o seu cão de assistência já desobedeceu (77%). Na maioria das vezes, desobediências foram: não obedeceu aos primeiros comandos (38%) ou desobediência inteligente (24%). As restantes desobediências referidas, e em menor percentagem, foram: distração, retirou a coleira ou fugiu (Gráfico 15).

Gráfico 15: Respostas à questão: alguma vez o seu cão de assistência lhe desobedeceu?

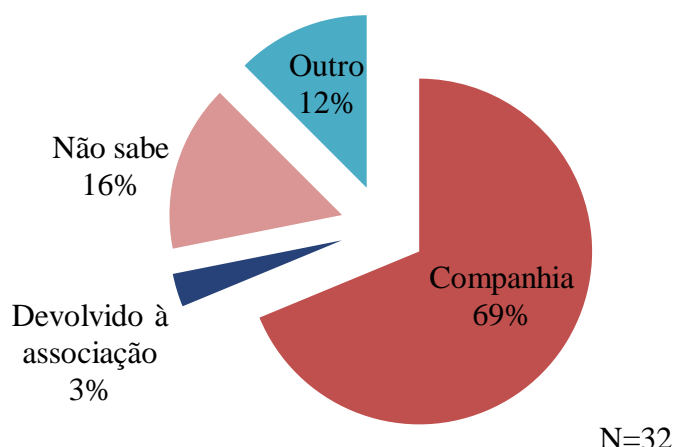


Na resolução da desobediência, a maioria dos utilizadores referiu que se zangou, castigou, ou optou por outras soluções: insistiram no comportamento pretendido (no caso de não responder aos comandos); deram uma recompensa no caso da desobediência inteligente, para que o cão compreendesse que fez bem em contrariar o utilizador; mandaram o cão parar, sentar e insistiram na ordem pretendida; ou puxaram a trela na direção que pretendiam que o cão se dirigisse.

Uma percentagem de 88% dos utilizadores referiu que o seu cão de assistência exerce sempre a sua função na presença de outras pessoas, enquanto os restantes 12% (4 utilizadores) referiram que nem sempre o fazem, e que é principalmente na presença de familiares do utilizador que o cão se distrai mais.

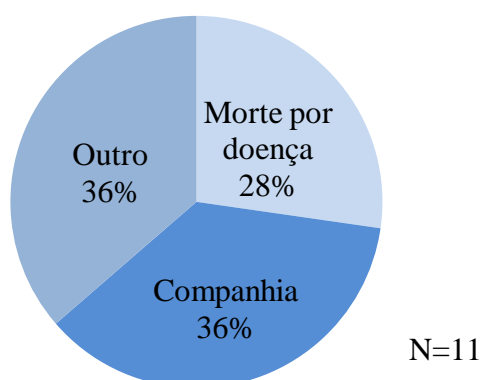
A maioria dos utilizadores (69%) refere que após terminada a vida útil de trabalho do seu cão de assistência pretendem ficar com ele, como cão de companhia. Os restantes ou não sabem ainda, ou devolverão à associação (o cão é na maior parte dos casos pertença das associações, exceto o cão para surdos em estudo neste trabalho) e ainda outros querem que seja entregue a um seu familiar (Gráfico 16).

Gráfico 16: Respostas à questão: qual será o destino do cão de assistência após terminada a vida útil de trabalho?



Dos 34% dos utilizadores (11 utilizadores), que já tiveram mais do que um cão de assistência referiram que o cão ou cães anteriores ficaram: como cão de companhia (36%), morreram por doença (28%) ou tiveram outro destino (36%). Dos 4 cães que tiveram outro destino, 3 deles ficaram com a família que os acolheu no seu início de vida - família de acolhimento - e o outro foi para adoção (Gráfico 17).

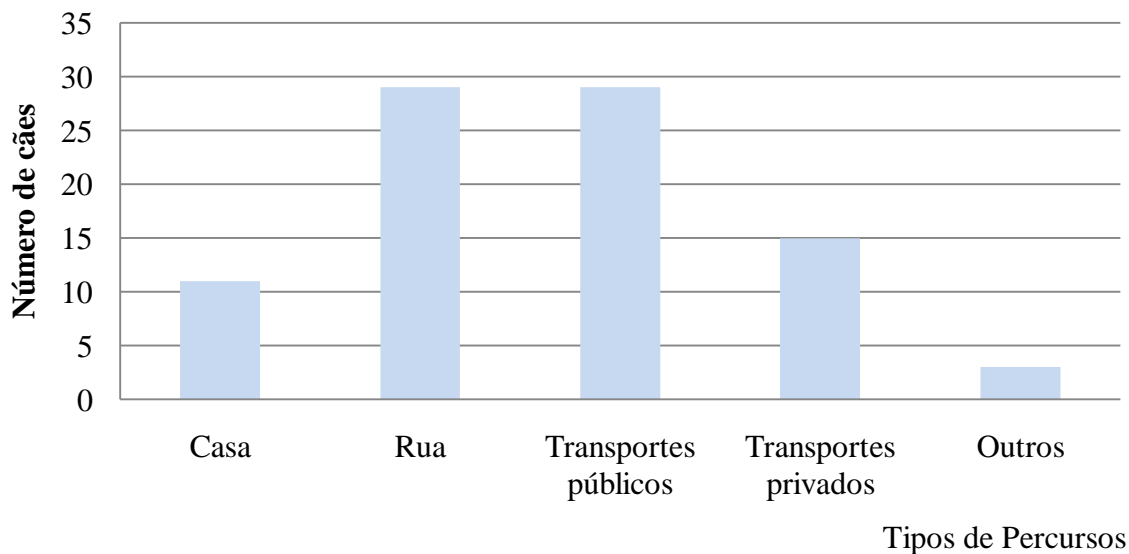
Gráfico 17: Respostas à questão: qual foi o destino do seu outro cão de assistência?



A parte 3, do Questionário 2, refere-se aos comportamentos aprendidos pelos diferentes tipos de cães de assistência.

Relativamente aos tipos de percurso que fazem os cão-guia (29 casos), verifica-se que todos trabalham nos percursos de rua e usam transportes públicos, como mostra o Gráfico 18. Neste gráfico, os 3 utilizadores que selecionaram a opção “Outros” referiram que o seu cão-guia também reconhece percursos em estabelecimentos públicos.

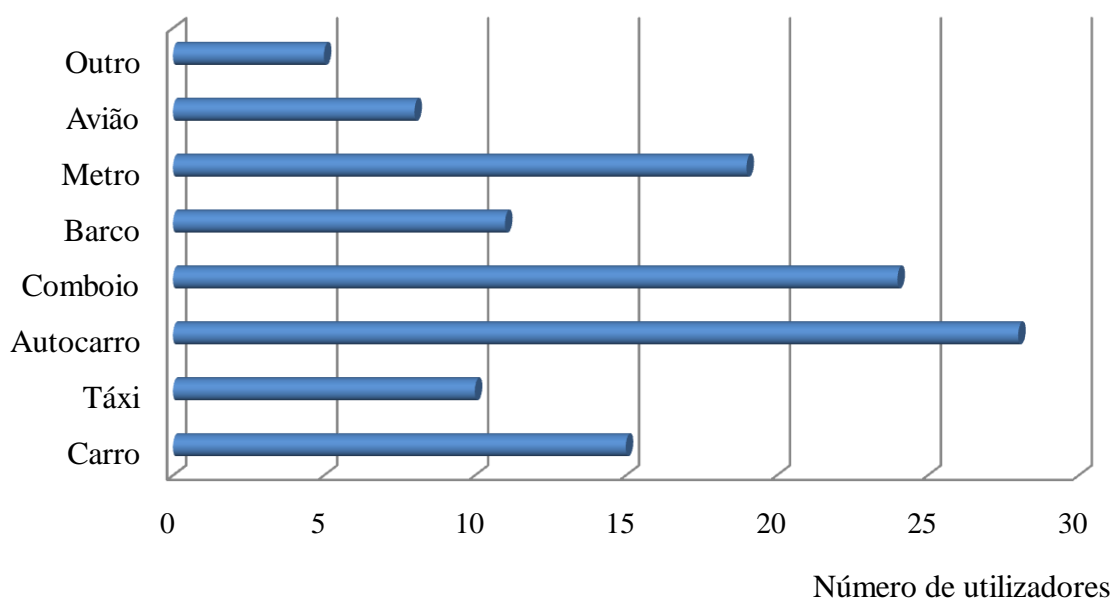
Gráfico 18: Tipos de percurso feito pelo cão-guia.



No Gráfico 19 observam-se os tipos de transportes que os cães-guia mais usam com os seus utilizadores, sendo que na opção “Outros” os utilizadores referiram na sua maioria o elétrico (3 utilizadores) e ainda outro utilizador referiu os cestos que descem uma rua na Madeira (meio de transporte usado no século XIX e XX, usado atualmente para fins turísticos).

Gráfico 19: Tipos de transporte mais usados pelos cães-guia.

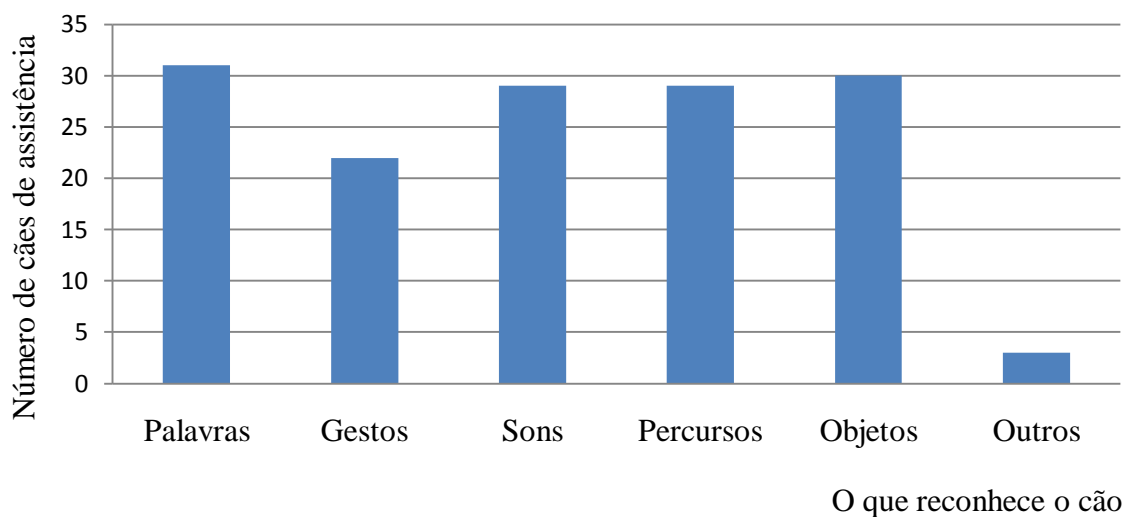
Tipo de transporte



Quanto ao reconhecimento de palavras, gestos, sons, percursos ou objetos, os cães de assistência têm uma grande capacidade de memória (interiorizam uma grande quantidade de informação) e mais importante ainda, uma boa capacidade de registo (não devem esquecer o

que aprenderam). Como mostra o Gráfico 20, todos os cães reconhecem palavras e quase todos reconhecem gestos, sons e objetos. Relativamente aos percursos, esta questão apenas se aplicou aos cães-guia, verificando-se que todos (29 cães-guia em estudo) reconhecem percursos. Na opção “Outros” os utilizadores referiram pessoas, objetos que deixam cair, carros (de pessoas amigas ou familiares) e comestíveis.

Gráfico 20: O que reconhecem os cães de assistência.



Neste estudo as palavras que os cães mais reconhecem são as relacionadas com ordens e no caso dos gestos são principalmente os de orientação. O percurso mais reconhecido pelos cães-guia foi o percurso entre casa e o trabalho do utilizador. Os objetos mais reconhecidos foram os brinquedos.

As Tabelas 7, 8 e 9 reúnem respetivamente exemplos das respostas dadas pelos utilizadores de cães-guia, de cães para surdos e de cães de serviço ao questionário, relativamente ao que consegue reconhecer cada um deles.

Finalmente, a última questão refere-se ao modo como o cão para surdos chama a atenção do seu utilizador, para um determinado som. O único cão para surdos existente em Portugal serviu de referência, sendo que a chamada de atenção do utilizador pode ser feita de várias formas como saltar, correr para o local de onde vem a fonte do som, colocar-se de pé ou ainda outro modo (tocar com o focinho no joelho do utilizador).

Tabela 7: Exemplos do que reconhecem os cães-guia.

O que reconhece	Exemplos
Palavras	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ordens: avança, para/stop/fica, direita, esquerda, inverte, deita, salta, de pé, atenção, junto, porta, escadas, escadas rolantes, linhas, calma/devagar, rápido, cadeira, passeio, balcão, caixa; não mexe;</li> <li>- afeto: linda menina, muito bem, bom trabalho;</li> <li>- nome de locais: lojas, jardim/parque, café, restaurante, bar, hospital, centro comercial, banco, multibanco, piscina, correios, cabeleireiro;</li> <li>- nome de pessoas: familiares, amigos e proprietários de lojas;</li> <li>- nome de objetos: principalmente de brinquedos no caso dos cães-guia, e de objetos da habitação no caso do cão para surdos e cão de serviço.</li> </ul>
Gestos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ordens: apontar para complementar as ordens proferidas: palavra avança complementada com o apontar para a frente; palavra deita complementada pelo apontar para o chão;</li> <li>- orientação: palavras direita e esquerda complementadas pelo apontar para o lado respetivo.</li> </ul>
Sons	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sinais sonoros: semáforos de peões;</li> <li>- sons de estimulação: estalar os dedos, bater os pés, chiu, <i>clicker</i>, bater palmas, assobiar;</li> <li>- vozes de pessoas conhecidas; carros de familiares.</li> </ul>
Objetos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- brinquedos;</li> <li>- comedouro; arnês; trela; chinelos do utilizador; carros.</li> </ul>
Percurso	<ul style="list-style-type: none"> <li>- casa-trabalho ou casa-faculdade;</li> <li>- lazer: centro comercial, café ou restaurante, casa de familiar ou amigo, trajetos de fim de semana, praia;</li> <li>- utilidades: segurança social, banco, finanças, CTT, supermercado, farmácia, estação/paragem de autocarros ou de comboios, hospital, posto médico, clínica veterinária.</li> </ul>
Outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>- pessoas: amigos, familiares.</li> </ul>

Tabela 8: Exemplos do que reconhecem os cães para surdos.

O que reconhece	Exemplos
Palavras	- função: senta, deita, quieta, pára, anda, corre, espera, porta, Glória (nome da utilizadora), Armando (nome do utilizador), nome de outros familiares, campainha, busca, não ouves (quando não cumpre alguma função); - outras: fome, comer, água, dorme, rua, passear, popó, ua (significa cão para a cadela), bola.
Gestos	- função (cão para surdos): as mesmas palavras em língua gestual, ou gestos que acompanham ordens de forma complementá-las.
Sons	- sons da habitação: alarmes, campainha, telefone; pessoa a chamar.
Objetos	- função: telefone, telemóvel, despertador; - da habitação (pertences dos utilizadores).

Tabela 9: Exemplos do que reconhecem os cães de serviço.

O que reconhece	Exemplos
Palavras	- ordens: senta, busca/traz, quieta, deita; - orientação: atrás, junto.
Gestos	- ordens: apontar para complementar as ordens proferidas (exemplo: palavra deita complementada pelo apontar para o chão).
Objetos	- função: telemóvel, chinelos, papel.

#### **4- Discussão dos resultados**

Apesar das aprendizagens base serem semelhantes nos 3 tipos de cães de assistência, as aprendizagens posteriores são diferenciadas relacionando-se as dificuldades e as necessidades de cada tipo de utilizador. Um cão-guia precisa ser os “olhos” do seu utente, o cão para surdos precisa ser os seus “ouvidos” e o cão de serviço precisa principalmente de ser as “mãos e as pernas” do seu utilizador.

A ÂNIMAS até agora teve 100% de sucesso, também devido a ainda terem entregue apenas 6 cães de assistência (1 para surdos e 5 de serviço). Por outro lado a ABAADV, que entrega 12 cães-guia por ano, já entregou até à data da entrevista, cerca de 125 cães. Como já foi

referido, a Bocalán Portugal sendo uma associação recente, apesar de já bem estruturada ainda não doou cães de assistência.

Dos 31 cães de assistência em estudo, 3 deles vieram do estrangeiro (2 dos Estados Unidos da América e o outro de França), e logo os comandos dados ao cão de assistência são em língua inglesa e em língua francesa, respetivamente. A aquisição de cães de assistência em Portugal além de permitir uma curta distância até aos utilizadores permite também que os comandos sejam em língua portuguesa, o que será mais fácil para os utentes. Estes factos poderão justificar a pouca aquisição dos cães de assistência noutros países e a lista de espera de utilizadores nestas associações, por cães de assistência (ABAADV e ÂNIMAS).

Em relação ao número de utilizadores que já tiveram mais de um cão de assistência, ter sido apenas um para além do atual, deve-se à existência relativamente recente destas associações em Portugal (ABAADV treina cães desde 1999, a ÂNIMAS desde 2002 e a Bocalán Portugal desde 2012). Há países como os Estados Unidos da América ou a França que possuem escolas de cães-guia há mais de 60 anos. Assim, a resposta à questão 6 da parte I, “Há quantos anos possui cães de assistência”, o tempo mais longo foi apenas 14 anos.

Apesar da maioria dos cães de assistência serem fêmeas, a ABAADV reconheceu que não tem preferência, e que cada vez mais, a tendência é usar tanto machos como fêmeas. Já a ÂNIMAS e a Bocalán Portugal referiram que preferem usar fêmeas por serem mais concentradas, além dos utilizadores preferirem fêmeas no geral.

Apenas a Bocalán Portugal referiu dar importância à cor do pelo, principalmente no cão de serviço, dando preferência a cores claras (branco ou amarelo). Isto porque a cor escura tem tendência a estar ligado com o obscuro e a noite (cães de cor escura podem ser mais assustadores para as pessoas do que os cães de pelo claro), além de haver uma maior dificuldade de ser visto à noite, por exemplo.

Apesar de o cão para surdos existente neste estudo ser uma fêmea da raça *Pequinois*, este tipo de cão de assistência pode ser de qualquer raça, desde que tenha as características já referidas no tópico “Os tipos de cães de assistência”.

No questionário 2 confirmou-se que 100% dos cães de assistência são esterilizados, sendo um requisito nestes cães. Isto permite que os animais tenham um temperamento mais calmo, principalmente devido à não existência de cio ou atividade sexual.

Também a vacinação se verificou em 100% do cães de assistência, de modo que se verifica que os utilizadores dão importância à prevenção da saúde do cão, tanto pelo seu bem-estar para estar apto a trabalhar como para prevenir maiores despesas no futuro.

O facto de apenas a vacina da raiva ser a única dada em 100% dos casos, a parvovirose, esgana, hepatite canina e leptospirose também se aproximaram desse valor. No entanto, como

alguns utilizadores não tinham a certeza de todas as vacinas que o seu cão tinha, a resposta dada como “não” pode ser dúbia.

A frequência da desparasitação externa tem uma variação menor que a desparasitação interna, sendo que também variam com a época do ano. Alguns utilizadores referiram que no inverno espaçavam mais a administração do desparasitante externo, relativamente ao verão, seguindo as recomendações do médico veterinário.

Apesar da prevalência da ida ao médico veterinário ser mais de 3 vezes por ano, os utentes referiram que é uma média e que depende da saúde do seu animal. Mas muitos utilizadores referiram que vão com mais frequência para verificarem se está tudo bem com a saúde do seu cão de assistência.

Quanto ao facto da maioria dos cães de assistência comerem 2 vezes ao dia, o único utilizador que referiu dar a alimentação apenas uma vez por dia (à tarde), destacou que lhe dá de uma só vez a quantidade de alimento que deveria dar em 2 vezes ao dia, dando uma pera de manhã por vezes. Destacou ainda que esta opção foi feita pelo médico veterinário para regularizar o intestino do animal.

Os utilizadores referiram que a cama do seu cão geralmente se localiza ou no seu quarto ou na sala, sendo os que dormem no quarto dos utentes o fazem por estes se aperceberem que o seu cão prefere estar próximo.

Os utilizadores que deram cotação 4 (da escala de 1 a 5), do ponto de vista de utilidade, referiram que este valor prende-se principalmente com o facto de quererem enfatizar que não sentem que são totalmente dependentes do seu cão de assistência. Isto é, destacaram a importância do cão para a sua vida, mas que sem ele também têm capacidade de se orientar e fazer o seu dia-a-dia, dentro das suas limitações.

O tempo diário para brincar é diferente se for ao fim de semana, em que alguns utilizadores referiram que é nesta altura que os seus cães têm mais tempo para descansar e brincar. A variação do tempo para brincar diariamente deve-se principalmente ao facto de alguns utentes terem empregos que ocupam mais tempo que outros. Os que referiram que o seu cão tinha apenas entre 10 a 30 minutos por dia destacaram, apesar de tudo, que este tempo para o seu cão é importante e que as suas condições de trabalho não o permitiam, mas que ao fim de semana davam mais descanso ao seu cão.

Relativamente à recompensa, o facto de a maioria a dar imediatamente a seguir ao trabalho bem efetuado, prende-se com a facilidade com que o cão percebe o que fez bem e que repita esse comportamento. A maioria dos utilizadores referiu dar de recompensa um biscoito por ser mais fácil e ser um “prémio” bastante apetecível para o cão. Aqueles que referiram não dar alimentos como recompensa, consideram um mau hábito e que assim também faziam um

melhor controlo da dose diária de alimentação. Estes utilizadores preferem outros tipos de recompensa, como demonstração de carinho através de palavras ou gestos carinhosos.

Muitos dos utentes referiram que nenhum cão é uma máquina e que é normal desobedecerem, principalmente no início, quando a dupla ainda se está a conhecer. A desobediência inteligente é aqui referida, não se tratando exatamente de uma desobediência (principalmente negativa) mas sim de algo aprendido juntamente com o inato. Exemplos deste tipo de desobediência são as 2 experiências a seguir referidas:

- Uma utilizadora de cão-guia referiu um acontecimento em que insistiu para que a cadela avançasse, mas esta não o fazia acabando por deitar-se aos seus pés. Uns momentos depois alguém a avisou de que estava um carro a recuar na sua direção e a cadela simplesmente não a deixou avançar na direção do carro.

- Outra utente referiu que se encontrava num piso superior de um centro comercial e pediu “busca escadas” ao seu cão-guia, mas este insistia em levá-la para junto do que ela considerava uma parede. Ao fim de algumas tentativas sempre com o mesmo resultado, alguém lhe referiu que aquele piso não tinha escadas para o piso inferior e que o seu cão de assistência estava a colocá-la em frente a uma porta de elevador.

O modo como é feita a resolução destas desobediências varia de acordo com o tipo de insubordinação. A recompensa é apenas atribuída na desobediência inteligente, já que no geral as desobediências são consideradas negativas e que não se pretende que sejam repetidas. O cão de assistência, apesar de ser um cão treinado, distrai-se por vezes com outras pessoas ou animais, sendo necessário chamar-lhe novamente a sua atenção através do parar, sentar para captar a sua atenção e dar então novamente a ordem. O zangar e o castigo mostrou ser uma resolução apenas quando o cão teima em não obedecer aos comandos do utilizador, ou outra situação na qual o cão não está a cumprir o seu trabalho.

O facto de o cão de assistência pertencer sempre à associação que o doou, implica que no fim da sua vida útil de trabalho o seu destino seja a devolução à mesma, para fins de adoção. Porém, se o utilizador quiser ficar com o cão, como animal de companhia, as associações geralmente facilitam. Se não for esse o caso, as famílias de acolhimento são a primeira linha de adoção. A maioria dos utentes quer ficar com o seu cão de assistência atual, sendo que aqueles que já tiveram mais de um cão de assistência ficaram na sua maioria com eles. Também os cães de assistência anteriores, que morreram por doença, foram referidos como pretendidos para ficar com os seus utilizadores. Aqueles que foram adotados pelas famílias de acolhimento deveu-se principalmente ao facto dos utentes não poderem sustentar mais do que um cão, já que tinham um novo cão de assistência ou estavam à espera de um.

Todos os cães-guia utilizam transportes, sendo que a maioria anda nos transportes públicos como o autocarro, o metro ou comboio. Foram referidos outros transportes para além dos enunciados no questionário, destacando-se o elétrico e ainda um utilizador referiu que o seu cão chegou a deslocar-se nos cestos que descem uma rua na Madeira. Pode-se assim reconhecer que o cão de assistência se adapta até ao transporte menos comum.

O reconhecimento de palavras por todos os cães de assistência é muito importante, já que é o principal modo de comunicação e funcionamento da dupla. É através das palavras que os utilizadores dão os comandos aos seus cães e estes percebem como devem agir. Muitas ordens são iniciadas com a palavra “buscar/busca”. Exemplos dessas palavras são: busca linhas (passadeira para peões), busca escadas, busca porta, busca passeio, busca multibanco, busca café, entre outros. Reconhecem ainda nomes de locais, nomes de familiares ou amigos e nome dos objetos mais comuns no dia-a-dia do cão, tanto da habitação como fora dela.

Os sons são importantes para a maioria dos cães-guia e fundamental para os cães para surdos, já que são os sons que os seus utilizadores não conseguem captar (sendo essencialmente os que ocorrem na habitação como: telefone/telemóvel, campainha ou bater à porta, alguém a chamar pelo nome do utilizador).

Os gestos são importantes para a maioria dos utilizadores de cães de assistência pois são usados como uma forma de complementar palavras, principalmente as de orientação (direita, esquerda, em frente, avança) ou de ordens (senta, deita, pára). Deste modo facilita-se a compreensão do cão e melhora-se a execução das suas tarefas.

Os percursos são referidos apenas nos cães-guia, pois são a sua principal função, a de guiar uma pessoa cega através de caminhos importantes para ela. O percurso casa-trabalho é o mais reconhecido, sendo que no caso de um estudante, o percurso é casa-faculdade. Outros percursos importantes são os da rotina de qualquer pessoa, como as utilidades (banco, segurança social, correios, finanças, farmácia, etc) ou de lazer (café, restaurante, praia, *shopping*).

Os utilizadores que referiram outro, na questão “O que reconhece o seu cão de assistência?” referiram que também reconhecem pessoas, locais ou objetos que o utilizador deixa cair.

O cão para surdos quando ouve um som que seja importante para o seu utilizador, pode chamar a atenção deste, de várias formas. Além dos sons que aprendeu a destacar, a cadela em questão desenvolveu, de forma autónoma, capacidade de destacar e alertar o utilizador para outros sons, como o de uma trovoadas ou o de uma chuva mais intensa. No caso da cadela para surdos que existe em Portugal, esta faz uma sequência de comportamentos, sendo que primeiro salta, depois toca no joelho dos utentes e depois corre para a fonte do som (ou então para o local mais próximo possível). Esta sequência, por vezes, é encurtada pois quando a

cadela vê que o utilizador está a olhar para ela, apenas corre para o local de onde vem o som, sem saltar ou lhe tocar. Sendo então de destacar, que o tocar e o saltar serve apenas para chamar a atenção do utilizador e só então se desloca para a fonte do som. Se o utilizador já está a olhar para ela, por exemplo porque estava deitada e de repente se levantou, a cadela como já tem a sua atenção, apenas corre para a fonte sonora. De destacar que esta cadela tem 2 utilizadores, uma vez que, tanto o utilizador que respondeu ao questionário como a sua esposa são surdos. Esta cadela é também um meio de comunicação entre eles, nomeadamente quando um utilizador chama o outro. Além disso, sendo um cão para surdos, entende palavras tanto em língua oral como gestual, de modo que os seus utilizadores possam comunicar com ela.

#### **4.1- A opinião dos utilizadores de cães de assistência**

A maioria dos utilizadores de cães de assistência, que responderam ao questionário, referiu que o cão fornece companhia, amor incondicional, menos stresse na rua, maior segurança, independência, confiança e mobilidade (permite fazer um percurso em menos tempo), integração e interação social. Apesar de tudo isto, não é só importante o cão, como também é o próprio utilizador que permita que tal aconteça. Possibilitam deste modo uma maior autonomia na vida do utilizador e uma relação de companheirismo que leva ao trabalho da dupla “perfeita”. Alguns utilizadores consideram o seu cão de assistência como pertencente à família.

É de destacar que os utentes têm em conta que o seu cão de assistência é um ser vivo com necessidades, que além de virtudes também têm falhas e que é importante o seu bem-estar. São cães com boa memória e bons pontos de referência, sendo uma “ferramenta” ideal de trabalho e uma mais-valia.

Os aspetos negativos que os utilizadores assinalaram, foram que, apesar de tudo, é mais um encargo, mais uma responsabilidade e o facto de, apesar de a lei o permitir, não serem bem-vindos em alguns estabelecimentos públicos. Enfatizaram no entanto, que estes aspetos valiam a pena serem suportados, perante a grande quantidade de aspetos positivos.

A utilizadora do cão de serviço, que integrou neste estudo, referiu que ainda há muitas pessoas que confundem o cão de serviço com o cão-guia, talvez porque este último existe há mais tempo no nosso país. As pessoas concluem assim que a utilizadora é cega, ainda que se desloque numa cadeira de rodas (por exemplo: avisam a utilizadora que o semáforo dos peões está verde). Por isto, e muitas outras situações, os utentes alertam para que a sociedade tenha menos preconceitos e que sejam feitas mais campanhas de sensibilização à sociedade em

geral, para que além dos estabelecimentos conhecerem melhor a lei, as pessoas não distraiam o cão de assistência quando este está em trabalho.

Entende-se que o objetivo principal dos utilizadores ao possuírem os cães de assistência, é a possibilidade de uma melhor qualidade de vida.

## **5- Conclusão**

Foram atingidos os objetivos pretendidos deste trabalho, ficando-se a conhecer um pouco mais os cães de assistência em Portugal. Deste modo, concluiu-se que estes cães necessitam de um treino intensivo, que implica custos e esforço de uma variedade de pessoas (associações, utilizadores e famílias de acolhimento). Além disso, os cães de assistência requerem uma rotina e cuidados extra, para que o seu trabalho não seja afetado. Mesmo assim, verifica-se que os utentes se preocupam com os seus cães, nomeadamente com a sua saúde e o seu bem-estar.

Concluiu-se também que estes cães têm efeitos sociais positivos nas pessoas com deficiências sejam motoras, visuais ou auditivas, aumentando a sua participação na comunidade.

Verificou-se que a sociedade apesar de aceitar os cães de assistência, ainda existem muitos preconceitos que precisam ser modificados, para que o utilizador de cão de assistência se sinta mais próximo da sociedade em geral.

Surgiram algumas dificuldades neste estudo, tais como o acesso ao público-alvo, pois sendo uma minoria, a aquisição de respostas aos questionários tornou-se mais difícil. No entanto, os utilizadores mostraram-se disponíveis e acima de tudo muito satisfeitos por terem um cão de assistência.

Outra dificuldade foi a adaptação adequada do questionário, para ser respondido via correio eletrónico pelas pessoas amblíopes.

Finalmente conclui-se que apesar de em Portugal ainda haver poucos cães de assistência, nomeadamente cães para surdos e cães de serviço, verifica-se um esforço para que haja maior evolução, que teima em ser lenta.

Espera-se que a realização deste trabalho leve a uma maior consciencialização pela sociedade, sobre a importância que os cães de assistência têm para as pessoas com os mais variadas deficiências. Além disso pretende-se dar um maior destaque aos cães de assistência, que apesar de serem apenas cães, fazem um trabalho admirável.

## Bibliografia

ABAADV - Associação Beira Aguieira de Apoio ao Deficiente Visual (2012). O papel do cão-guia. Acedido em Jun., 28, 2013, disponível em:

[http://www.caesguia.org/familia\\_papel.html](http://www.caesguia.org/familia_papel.html)

ADEu - Assistance Dogs Europe (2012). Minimum standards for graduates with assistance dogs Acedido em Abr., 5, 2013, disponível em:

<http://www.assistancedogseurope.org/standards/ad-partners.pdf>

ADI - Assistance Dogs International (2013). Acedido em Jun., 28, 2013, disponível em:

<http://www.assistancedogsinternational.org/standards/assistance-dogs/ethics-for-dogs/>

Allen, K.; Blascovich, J. (1996). The value of service dog for people with severe ambulatory disabilities. *Journal of the American Medical Association*. Vol.275. Nº 13. p. 1001-1002, 1004. Acedido em Fev., 21, 2013, disponível em:

<http://www4.uwsp.edu/psych/s/275/Work/servdogs-JAMA96.pdf> -

Animalia .pt (2007). Cães de assistência em Portugal. Acedido em Jan., 27, 2013, disponível em: [http://www.animalia.pt/canal\\_detalhe.php?id=42](http://www.animalia.pt/canal_detalhe.php?id=42)

Arca de noé - vivapets (2009) Lana, a primeira cadela de assistência a surdos em Portugal: um ano depois. Acedido em Jun., 27, 2013, disponível em:

[http://arcadenoe.sapo.pt/artigo/lana\\_a\\_primeira\\_cadela\\_de\\_assistencia\\_a\\_surdos\\_em\\_portugal\\_um\\_ano\\_depois/453](http://arcadenoe.sapo.pt/artigo/lana_a_primeira_cadela_de_assistencia_a_surdos_em_portugal_um_ano_depois/453)

Batt L.; Batt M; Baguley J.; McGreevy P. (2008). The effects of structured sessions for juvenile training and socialization on guide dog success and puppy-raiser participation. *Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research*. 3 (5). p. 200, 204-205. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em:

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787808000816>

Camp, M. M. (2001). The use of service dogs as an adaptive strategy: a qualitative study. *The American Journal of Occupational Therapy*. 55 (5). p. 509-510, 5015-516. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://ajot.aotapress.net/content/55/5/509.full.pdf>

Davis, K. D. (2003). The canine behavior series: clicker training. Acedido em Abr., 3, 2013, disponível em: <http://www.veterinarypartner.com/Content.plx?P=A&C=2&A=1428&S=0>

Davis, K. D. (2005). The canine behavior series: assistance dogs to people with disabilities. Acedido em Abr., 3, 2013, disponível em:

<http://www.veterinarypartner.com/Content.plx?P=A&S=0&C=0&A=1988>

Davis, K. D. (2006). The canine behavior series: Labrador Retriever revelations. Acedido em Abr., 3, 2013, disponível em:

<http://www.veterinarypartner.com/Content.plx?P=A&S=0&C=0&A=2244>

Decreto-Lei n.º 74/2007, de 27 de Março. *Diário da República, 1.ª série — N.º 61*. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Lisboa

Fallani, G.; Previde, E. P.; Valsecchi, P. (2006). Do disrupted early attachments affect the relationship between guide dogs and blind owners? *Applied Animal Behaviour Science*. 100. p. 242, 253-255. Acedido em Fev., 21, 2013, disponível em: [http://ac.els-cdn.com/S0168159105004211/1-s2.0-S0168159105004211-main.pdf?tid=c4e60ca2-7c13-11e2-a7bc-00000aab0f6c&acdnat=1361443692\\_e11412f12ecb74520a4c30a413dd0e33](http://ac.els-cdn.com/S0168159105004211/1-s2.0-S0168159105004211-main.pdf?tid=c4e60ca2-7c13-11e2-a7bc-00000aab0f6c&acdnat=1361443692_e11412f12ecb74520a4c30a413dd0e33)

Fallani, G.; Previde, E. P.; Valsecchi, P. (2007). Behavioral and physiological responses of guide dogs to a situation of emotional distress. *Physiology & Behavior*. 90. p. 648-649, 654. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: [http://ac.els-cdn.com/S0031938406005208/1-s2.0-S0031938406005208-main.pdf?tid=d7d24b78-7c13-11e2-a7bc-00000aab0f6c&acdnat=1361443724\\_7cf00f80b7aee8b18c1bc0bc4f07c72f](http://ac.els-cdn.com/S0031938406005208/1-s2.0-S0031938406005208-main.pdf?tid=d7d24b78-7c13-11e2-a7bc-00000aab0f6c&acdnat=1361443724_7cf00f80b7aee8b18c1bc0bc4f07c72f)

Fratkin, J. L.; Sinn, D. L.; Patall, E. A.; Gosling, S. D. (2013). Personality consistency in dogs: a meta-analysis. *Plos one*. 8. Acedido em Abr., 5, 2013, disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3553070/pdf/pone.0054907.pdf>

Froling, J. (2001). International Association of Assistance Dog Partners (IAADP). Assistance dog tasks. Acedido em Jun., 27, 2013, disponível em: <http://www.iaadp.org/tasks.html>

Gazzano, A.; Mariti, C.; Sighieri, C.; Ducci, M.; Ciceroni, C.; McBride, E. A. (2008). Survey of undesirable behaviors displayed by potential guide dogs with puppy walkers. *Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research*, 3. p.105, 108-111. Acedido em Fev, 21, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787808000774>

Geografia de Portugal (2006). Acedido em Ago., 14, 2013, disponível em: <http://ajudasticeb1.do.sapo.pt/recursos/mapa.jpg>

Goddard, M. E.; Beilharz, R. G. (1985). A Multivariate analysis of the genetics of fearfulness in potential guide dogs. *Behavior Genetics*. Vol. 15. No. 1. p. 69-70, 82. Acedido em Abr. 1, 2013, disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/BF01071933>

Grandin, T. (1998). *Genetics and the behavior of domestic animals*. San Diego: Academic Press.

Hart, L. A.; Zaslhoff, R. L.; Benfatto, A. M. (1996). The socializing role of hearing dogs. *Applied Animal Behaviour Science*. 47. p. 8-9, 13 Acedido em Fev., 21, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0168159195010068>

Houpt, K. A. (2005). *Domestic animal behavior*. (4th ed.) Ames: Blackwell Publishing.

Hunthausen, W. & Seksel, K (2002). Preventive behavioural medicine. In D. Horwitz, D. Mills & S. Heath (Eds). *Manual of canine and feline behavioural medicine*, pp. 50. Gloucester, UK: BSAVA.

Koda, N. (2001). Development of play behavior between potential guide dogs for the blind and human raisers. *Behavioural Processes*. 53. p. 41, 45-46. Acedido em Fev., 24, 2013, disponível em: [http://ac.els-cdn.com/S0376635700001467/1-s2.0-S0376635700001467-main.pdf?tid=2763770c-7c14-11e2-803b-00000aab0f26&acdnat=1361443857\\_8620252a17d49a6c4a2c75f8b9f34c7e](http://ac.els-cdn.com/S0376635700001467/1-s2.0-S0376635700001467-main.pdf?tid=2763770c-7c14-11e2-803b-00000aab0f26&acdnat=1361443857_8620252a17d49a6c4a2c75f8b9f34c7e)

Kwong, M. J.; Bartholomew, K (2011). "Not just a dog": an attachment perspective on relationships with assistance dogs. *Attachment & Human Development*. Vol. 13. p. 422, 433. Acedido em Fev. 21, 2013, disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14616734.2011.584410>

Lane, D. R.; McNicholas J.; Collis, G.,M. (1998). Dogs for the disabled: benefits to recipients and welfare of the dog. *Applied Animal Behaviour Science*. 59. p. 49-50, 52, 58-59. Acedido em Fev., 24, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0168159198001208>

Lindsay, S. R. (2000a). *Handbook of applied dog behavior and training: adaptation and learning. Volume one*. Ames: Iowa State Press.

Lindsay, S. R. (2000b). *Handbook of applied dog behavior and training: etiology and assessment of behavior problems. Volume two*. Ames: Iowa State Press.

Lopes, K. R. F.; Silva, A. R. (2012). Considerações sobre a importância do cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) dentro da sociedade humana. *Acta Veterinaria Brasilica*. Vol. 6. Nº3. p. 177-179. Acedido em Mai., 8, 2013, disponível em: [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=9&cad=rja&ved=0CHEQFjAI&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufersa.edu.br%2Fvistas%2Findex.php%2Ffacta%2Farticle%2Fdownload%2F2941%2F5139&ei=8d-IUc\\_nJYuI7AbpmoGoDg&usq=AFQjCNHPOWP\\_8Tc5Ok06zFggo5EuHsurvg&sig2=tjksUMsSfQHEKWmYXmpBYQ&bvm=bv.45960087,d.ZGU](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=9&cad=rja&ved=0CHEQFjAI&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufersa.edu.br%2Fvistas%2Findex.php%2Ffacta%2Farticle%2Fdownload%2F2941%2F5139&ei=8d-IUc_nJYuI7AbpmoGoDg&usq=AFQjCNHPOWP_8Tc5Ok06zFggo5EuHsurvg&sig2=tjksUMsSfQHEKWmYXmpBYQ&bvm=bv.45960087,d.ZGU)

Lucidi, P.; Bernabo, N.; Panunzi, M.; Villa, P. D.; Matioli, M. (2005). Ethotest: a new model to identify (shelter) dogs' skills as service animals or adoptable pets. *Applied Animal Behaviour Science*. 95. p.104. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: [http://www.researchgate.net/publication/228853832\\_Ethotest\\_A\\_new\\_model\\_to\\_identify\\_\(shelter\)\\_dogs%27\\_skills\\_as\\_service\\_animals\\_or\\_adoptable\\_pets/file/9fcfd50f006d6df0b7.pdf](http://www.researchgate.net/publication/228853832_Ethotest_A_new_model_to_identify_(shelter)_dogs%27_skills_as_service_animals_or_adoptable_pets/file/9fcfd50f006d6df0b7.pdf)

Mariti, C.; Ricci, E.; Carlone, B.; Moore, J. L.; Sighieri, C.; Gazzano, A. (2012). Dog attachment to man: a comparison between pet and working dogs. *Journal of Veterinary Behavior*. 8. p. 2. Acedido em Fev., 24, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787812000780>

Mills, D. S. (2002) Learning, training and behavior modification techniques. In D. Horwitz, D. Mills & S. Heath (Eds). *Manual of canine and feline behavioural medicine*, pp. 37-48. Gloucester, UK: BSAVA.

Mizukoshi, M.; Kondo, M.; Nakamura, T. (2008) Evaluation of the potential suitability of guide dog candidates by continuous observation during training. *Journal of Veterinary Behavior*. 3. p. 193, 197. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787808000828>

Murphy, J. A. (1998). Describing categories of temperament in potential guide dogs for the blind. *Applied Animal Behaviour Science*. 58. p. 164-165 Acedido em Fev.,24, 2013, disponível em: [http://ac.els-cdn.com/S0168159197000476/1-s2.0-S0168159197000476-main.pdf?tid=f3e1e466-7c15-11e2-95ca-00000aab0f27&acdnat=1361444630\\_b2872c699481e0a2f386de8c1fbbb667](http://ac.els-cdn.com/S0168159197000476/1-s2.0-S0168159197000476-main.pdf?tid=f3e1e466-7c15-11e2-95ca-00000aab0f27&acdnat=1361444630_b2872c699481e0a2f386de8c1fbbb667)

Naderi, S.; Miklósi, Á.; Dóka, A.; Csányi, V. (2001). Co-operative interactions between blind persons and their dogs. *Applied Animal Behaviour Science*. 74. p. 59-62, 78-79. Acedido em Fev., 21, 2013, disponível em: [http://www.behav.org/behav/cases/AABS\\_Naderi\\_dog\\_blind.pdf](http://www.behav.org/behav/cases/AABS_Naderi_dog_blind.pdf)

Rintala, D. H.; Matamoros, R.; Seitz, L. L. (2008). Effects of assistance dogs on persons with mobility or hearing impairments: a pilot study. *Journal of Rehabilitation Research & Development*. Vol. 45. No. 4. p. 489-490. Acedido em Fev., 21, 2013, disponível em: [http://www.research.va.gov/programs/JRRD/45\\_4/rintala.pdf](http://www.research.va.gov/programs/JRRD/45_4/rintala.pdf)

Rintala, D. H.; Sachs-Ericsson, N.; Hart, K. A. (2002). The effects of service dogs on the lives of persons with mobility impairments: a pre-post study design. *SCI Psychosocial Process*. 15(2). p. 69, 80. Acedido em Mai., 8, 2013, disponível em: <http://www.academyscipro.org/PSWArticles/Vol.%2015%20No.%202%20The%20Effects%20of%20Service%20Dogs%20on%20the%20Lives%20of%20Persons%20with%20Mobility%20Impairments-%20A%20Pre-Post%20Study%20Design.pdf>

Rooney, N.; Gaines, S; Hiby, E. (2009). A practitioner's guide to working dog welfare. *Journal of Veterinary Behavior*. Vol. 4. No 3. p. 127-128, 131-133. Acedido em Fev., 21, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787808002633>

Serpell, J. A.; Hsu, Y. (2001). Development and validation of a novel method for evaluating behavior and temperament in guide dogs. *Applied Animal Behaviour Science*. 72. p. 347-348, Acedido em Fev.,24, 2013, disponível em: [http://research.vet.upenn.edu/Portals/36/media/serpell\\_temperament\\_in\\_guide\\_dogs.pdf](http://research.vet.upenn.edu/Portals/36/media/serpell_temperament_in_guide_dogs.pdf)

Tomkins, L. M.; Thomson, P. C.; McGreevy, P. D. (2011). Behavioral and physiological predictors of guide dog success. *Journal of Veterinary Behavior*, Vol 6, No 3. p.178, 185-186. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787810002480>

Tomkins, L. M.; Thomson, P. C.; McGreevy, P. D. (2012). Associations between motor, sensory and structural lateralisation and guide dog success. *The Veterinary Journal*. 192. p. 359-360, 364-365. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090023311003649>

Valsecchi P.; Previde, E. P.; Accorsi, P. A; Fallani, G. (2010). Development of the attachment bond in guide dogs. *Applied Animal Behaviour Science*. 123. p. 43-44, 49. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0168159109003566>

Van der Waaij, E. H.; Wilsson, E.; Strandberg, E. (2008). Genetic analysis of results of a swedish behavior test on German Shepherd dogs and Labrador Retrievers. *Journal of Animal Science*. 83. p. 2853, 2860. Acedido em Abr., 19, 2013, disponível em: <http://www.journalofanimalscience.org/content/86/11/2853.full.pdf+html>

Weiss, E.; Greenberg, G. (1997). Service dog selection tests: effectiveness for dogs from animal shelters. *Applied Animal Behaviour Science*. 53. p.298-301. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0168159196011768>

Wilsson, E.; Sundgren, P. (1997). The use of a behaviour test for the selection of dogs for service and breeding, I: method of testing and evaluating test results in the adult dog, demands on different kinds of service dogs, sex and breed differences. *Applied Animal Behaviour Science*.53. p. 293, 295. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0168159196011744>

Winkle, M.; Crowe, T.; Hendrix, I. (2012). Service dogs and people with physical disabilities partnerships: a systematic review. *Occupational Therapy International*. 19. p.55, 57-58, 64. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21858889>

Yamamoto, M.; Ohtani, N.; Ohta, M. (2011). The response of dogs to attentional focus of human beings: a comparison between guide dog candidates and other dogs. *Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research*. 6. p. 4-5, 8-9. Acedido em Abr., 1, 2013, disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1558787810002200>

## Anexos

**Anexo 1: Questionário 1, realizado às associações que treinam e doam de cães de assistência**



Data: \_\_\_\_\_

**Questionário 1**

Este questionário pretende recolher dados sobre cães de assistência em Portugal, no âmbito de uma tese de mestrado integrado, sob o tema “Estudo sobre cães de assistência em Portugal” do curso de Medicina Veterinária, da Faculdade de Medicina Veterinária, da Universidade de Lisboa.

Associação/Escola: \_\_\_\_\_

**PARTE I- Escolha do cão**

**1- Qual a proveniência dos cães treinados?**

- Criadores
- Canil
- Cão do próprio utilizador
- Criação da associação
- Outra  Qual? \_\_\_\_\_

**2- Quais as raças mais usadas?**

Cão-guia:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cão para surdos:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cão de serviço:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**3- Quem decide as raças a treinar?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**3.1- Quais os fatores a ter em conta, na escolha dessas raças?**

Cão-guia:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cão para surdos:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cão de serviço:

---

---

---

**4- Quem escolhe o cão a treinar?**

A associação

O utilizador

O treinador

Outros  Qual? \_\_\_\_\_

**5- Quem escolhe o nome do cão?**

Associação

Utilizador

Treinador

Outros  Qual: \_\_\_\_\_

**6- O nome do cão é importante?**

Cão-guia Sim

Não

Cão para surdos Sim

Não

Cão de serviço Sim

Não

**6.1- Se sim, porquê?**

Cão-guia:

---

---

---

Cão para surdos:

---

---

---

Cão de serviço:

---

---

---

**6.2- Exemplos de nomes.**

Cão-guia: \_\_\_\_\_

Cão para surdos: \_\_\_\_\_

Cão de serviço: \_\_\_\_\_

**7- A cor do pelo do cão é importante?**

Cão-guia Sim

Não

Cão para surdos Sim

Não

Cão de serviço Sim

Não

**7.1- Se sim, porquê?**

Cão-guia:

---

---

---

Cão para surdos:

---

---

---

Cão de serviço:

---

---

**8- São usados mais machos ou fêmeas?**

Cão-guia Macho  Fêmea       Cão para surdos Macho  Fêmea       Cão de serviço Macho  Fêmea

**9- São esterilizados antes de serem entregues ao utilizador?**

Cão-guia Sim  Não  Por vezes   
Cão para surdos Sim  Não  Por vezes   
Cão de serviço Sim  Não  Por vezes

**9.1- Se sim, porquê?**

Cão-guia:

---

---

---

Cão para surdos:

---

---

---

Cão de serviço:

---

---

---

**10- A existência de doenças leva à rejeição do cão para treino?**

Cão-guia Sim  Não  Por vezes   
Cão para surdos Sim  Não  Por vezes   
Cão de serviço Sim  Não  Por vezes

**10.1- Que doenças levam à exclusão do cão?**

Cão-guia:

D. cardiovasculares   
D. alérgicas   
D. infecciosas   
D. genéticas   
D. congénitas   
D. dermatológicas   
D. endócrinas   
D. do trato GI   
D. hepáticas   
D. neurológicas   
D. respiratórias

Cão para surdos:

D. cardiovasculares   
D. alérgicas   
D. infecciosas   
D. genéticas   
D. congénitas   
D. dermatológicas   
D. endócrinas   
D. do trato GI   
D. hepáticas   
D. neurológicas   
D. respiratórias

Cão de serviço:

D. cardiovasculares   
D. alérgicas   
D. infecciosas   
D. genéticas   
D. congénitas   
D. dermatológicas   
D. endócrinas   
D. do trato GI   
D. hepáticas   
D. neurológicas   
D. respiratórias

**11- O temperamento do cão é importante?**

<u>Cão-guia</u>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Por vezes <input type="checkbox"/>
<u>Cão para surdos</u>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Por vezes <input type="checkbox"/>
<u>Cão de serviço</u>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Por vezes <input type="checkbox"/>

**11.1- Se sim, quais os temperamentos a ter em conta e porquê?**

Cão-guia:

---

---

---

Cão para surdos:

---

---

---

Cão de serviço:

---

---

---

**PARTE II - Treino**

**1- Com que idade começam a ser treinados?**

A partir das 2 semanas   
A partir dos 3 meses   
A partir dos 6 meses   
A partir de 1 ano   
Mais tarde  Quando? \_\_\_\_\_

**2- Qual a duração dos treinos?**

Cão-guia Semanas  \_\_\_\_\_  
Meses  \_\_\_\_\_  
Anos  \_\_\_\_\_

Cão para surdos Semanas  \_\_\_\_\_  
Meses  \_\_\_\_\_  
Anos  \_\_\_\_\_

Cão de serviço Semanas  \_\_\_\_\_  
Meses  \_\_\_\_\_  
Anos  \_\_\_\_\_

**2.1- É um treino:**

Cão-guia: Único   
Vários ao longo de semanas, meses ou ano   
Vários ao longo de toda a vida de trabalho do cão

Cão para surdos:      Único   
                                 Vários ao longo de semanas, meses ou ano   
                                 Vários ao longo de toda a vida de trabalho do cão

Cão de serviço:      Único   
                                 Vários ao longo de semanas, meses ou ano   
                                 Vários ao longo de toda a vida de trabalho do cão

**2.2-** Se o treino é único, as aprendizagens adquiridas não se perdem ao longo do tempo?

Sim   
Não   
Por vezes

**2.2.1-** Se o treino se perde, o que fazem para evitar isso?

Nada   
Treino frequente   
Treino esporádico   
Trocaram o cão   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**3-** Quais as fases da educação do cão?

Cão-guia:      <1 ano \_\_\_\_\_  
                                 1-2 anos \_\_\_\_\_  
                                 >2 anos \_\_\_\_\_

Cão para surdos:      <1 ano \_\_\_\_\_  
                                 1-2 anos \_\_\_\_\_  
                                 >2 anos \_\_\_\_\_

Cão de serviço:      <1 ano \_\_\_\_\_  
                                 1-2 anos \_\_\_\_\_  
                                 >2 anos \_\_\_\_\_

**4-** Quais os comportamentos que o cão aprende?

Cão-guia:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cão para surdos:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Cão de serviço:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### 4.1- Aprende a reconhecer:

<u>Cão-guia:</u>	Palavras	<input type="checkbox"/>	<u>Cão para surdos:</u>	Palavras	<input type="checkbox"/>	<u>Cão de serviço:</u>	Palavras	<input type="checkbox"/>
	Gestos	<input type="checkbox"/>		Gestos	<input type="checkbox"/>		Gestos	<input type="checkbox"/>
	Sons	<input type="checkbox"/>		Sons	<input type="checkbox"/>		Sons	<input type="checkbox"/>
	Percursos	<input type="checkbox"/>		Percursos	<input type="checkbox"/>		Percursos	<input type="checkbox"/>
	Objetos	<input type="checkbox"/>		Objetos	<input type="checkbox"/>		Objetos	<input type="checkbox"/>
	Outros	<input type="checkbox"/>		Outros	<input type="checkbox"/>		Outros	<input type="checkbox"/>

##### 4.1.1- Se outros, quais?

Cão-guia:

---

---

Cão para surdos:

---

---

Cão de serviço:

---

---

#### 5- Quais as técnicas usadas durante o treino do cão?

Cão-guia:

Técnica do <i>Clicker</i>	<input type="checkbox"/>
Técnica do apito	<input type="checkbox"/>
Técnica da recompensa	<input type="checkbox"/>
Técnica do castigo	<input type="checkbox"/>
Técnica da coleira com picos/choques	<input type="checkbox"/>
Técnica de puxar a trela/coleira estranguladora	<input type="checkbox"/>
Técnica da coleira <i>Gentle Leader</i>	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/> Quais? _____

Cão para surdos:

Técnica do <i>Clicker</i>	<input type="checkbox"/>
Técnica do apito	<input type="checkbox"/>
Técnica da recompensa	<input type="checkbox"/>
Técnica do castigo	<input type="checkbox"/>
Técnica da coleira com picos/choques	<input type="checkbox"/>
Técnica de puxar a trela/coleira estranguladora	<input type="checkbox"/>
Técnica da coleira <i>Gentle Leader</i>	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/> Quais? _____

Cão de serviço:

Técnica do <i>Clicker</i>	<input type="checkbox"/>
Técnica do apito	<input type="checkbox"/>
Técnica da recompensa	<input type="checkbox"/>
Técnica do castigo	<input type="checkbox"/>
Técnica da coleira com picos/choques	<input type="checkbox"/>
Técnica de puxar a trela/coleira estranguladora	<input type="checkbox"/>
Técnica da coleira <i>Gentle Leader</i>	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/> Quais? _____

### 5.1-Quais as recompensas/castigos?

---

---

---

### 6- Quais os instrumentos usados durante o treino do cão?

Cão-guia:      *Clicker*        
Comida        
Brinquedo        
Apito        
Coleira        
Trela        
Outros       Quais? \_\_\_\_\_

Cão para surdos:      *Clicker*        
Comida        
Brinquedo        
Apito        
Coleira        
Trela        
Outros       Quais? \_\_\_\_\_

Cão de serviço:      *Clicker*        
Comida        
Brinquedo        
Apito        
Coleira        
Trela        
Outros       Quais? \_\_\_\_\_

### 7- Durante o treino há intervalos para:

Cão-guia      Brincadeiras        
Passeios        
Conviver com outros cães        
Outras atividades       Quais? \_\_\_\_\_

Cão para surdos      Brincadeiras        
Passeios        
Conviver com outros cães        
Outras atividades       Quais? \_\_\_\_\_

Cão de serviço      Brincadeiras        
Passeios        
Conviver com outros cães        
Outras atividades       Quais? \_\_\_\_\_

**8- Que tipo socialização fez?**

Cão-guia Ambiente  Quais? \_\_\_\_\_  
Pessoas  Quais? \_\_\_\_\_  
Outros animais  Quais? \_\_\_\_\_  
Outros  Quais? \_\_\_\_\_

Cão para surdos Ambiente  Quais? \_\_\_\_\_  
Pessoas  Quais? \_\_\_\_\_  
Outros animais  Quais? \_\_\_\_\_  
Outros  Quais? \_\_\_\_\_

Cão de serviço Ambiente  Quais? \_\_\_\_\_  
Pessoas  Quais? \_\_\_\_\_  
Outros animais  Quais? \_\_\_\_\_  
Outros  Quais? \_\_\_\_\_

**9- Durante o treino, onde fica alojado o cão?**

Cão-guia Com o treinador   
Com o utilizador   
Canil isolado   
Canil com outros cães   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

Cão para surdos Com o treinador   
Com o utilizador   
Canil isolado   
Canil com outros cães   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

Cão de serviço Com o treinador   
Com o utilizador   
Canil isolado   
Canil com outros cães   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**10- Qual a alimentação dada durante o treino?**

Cão-guia Comida caseira   
Comida comercial de ração   
Comida comercial húmida   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

Cão para surdos Comida caseira   
Comida comercial de ração   
Comida comercial húmida   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

Cão de serviço Comida caseiro   
Comida comercial de ração   
Comida comercial húmida   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

**11-** Antes de ser entregue ao utilizador e durante o treino, o cão tem contato com o futuro utilizador?

Cão-guia Sim  Não       Cão para surdos Sim  Não       Cão de serviço Sim  Não

**11.1-** Se sim, qual o objetivo deste contato?

Cão-guia

---

---

---

Cão para surdos

---

---

---

Cão de serviço

---

---

---

**12-** Como é escolhido o utilizador, para cada cão?

Cão-guia:

---

---

---

---

Cão para surdos:

---

---

---

---

Cão de serviço:

---

---

---

---

**13-** Têm sempre sucesso nos treinos?

Cão-guia Sim  Não       Cão para surdos Sim  Não       Cão de serviço Sim  Não

**13.1-** Que comportamentos levam a considerar o treino um insucesso?

Cão-guia:

---

---

---

Cão para surdos:

---

---

---

Cão de serviço:

---

---

---

**13.2-** Qual a taxa de sucesso? (número de sucessos/número total)

Cão-guia: \_\_\_\_/\_\_\_\_    Cão para surdos: \_\_\_\_/\_\_\_\_    Cão de serviço: \_\_\_\_/\_\_\_\_

**13.3-** Quando não têm sucesso, o que é feito ao cão?

- Voltam a fazer novo treino
- Utilizador fica com ele com fim de animal de companhia
- Vai para adoção
- Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**14-** Depois de atribuído o cão ao utilizador, fazem seguimento do mesmo?

<u>Cão-guia</u>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Por vezes <input type="checkbox"/>
<u>Cão para surdos</u>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Por vezes <input type="checkbox"/>
<u>Cão de serviço</u>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Por vezes <input type="checkbox"/>

### PARTE III – Outras informações

**1-** Que zonas do país requisitam mais cães?

<u>Cão-guia:</u>		<u>Cão p/ Surdos:</u>		<u>Cão de serviço:</u>	
Norte	<input type="checkbox"/>	Norte	<input type="checkbox"/>	Norte	<input type="checkbox"/>
Centro	<input type="checkbox"/>	Centro	<input type="checkbox"/>	Centro	<input type="checkbox"/>
Lisboa	<input type="checkbox"/>	Lisboa	<input type="checkbox"/>	Lisboa	<input type="checkbox"/>
Alentejo	<input type="checkbox"/>	Alentejo	<input type="checkbox"/>	Alentejo	<input type="checkbox"/>
Algarve	<input type="checkbox"/>	Algarve	<input type="checkbox"/>	Algarve	<input type="checkbox"/>
R. A. dos Açores	<input type="checkbox"/>	R. A. dos Açores	<input type="checkbox"/>	R. A. dos Açores	<input type="checkbox"/>
R. A. da Madeira	<input type="checkbox"/>	R. A. da Madeira	<input type="checkbox"/>	R. A. da Madeira	<input type="checkbox"/>

**2-** Quantos cães já atribuíram?

Cão-guia: \_\_\_\_\_    Cão para surdos: \_\_\_\_\_    Cão de serviço: \_\_\_\_\_

**2.1-** Qual o número de cães atribuídos em cada zona do país?

<u>Cão-guia:</u>	<u>Cão p/ Surdos:</u>	<u>Cão de serviço:</u>
Norte: _____	Norte: _____	Norte: _____
Centro: _____	Centro: _____	Centro: _____
Lisboa: _____	Lisboa: _____	Lisboa: _____
Alentejo: _____	Alentejo: _____	Alentejo: _____
Algarve: _____	Algarve: _____	Algarve: _____
R. A. dos Açores: _____	R. A. dos Açores: _____	R. A. dos Açores: _____
R. A. da Madeira: _____	R. A. da Madeira: _____	R. A. da Madeira: _____

**3- Costumam dar alguma informação ao futuro utilizador sobre zoonoses?**

Cão-guia Sim  Não       Cão para surdos Sim  Não       Cão de serviço Sim  Não

**3.1- Se sim, sobre que doenças?**

D. Parasitárias      Leishmaniose   
Dirofilariose   
Toxocarose   
Dipilidiose   
Difilobotriose   
Toxoplasmose   
Giardiose   
Ancilostomose (*Larva migrans*)   
Sarnas   
Equinococose   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

D. bacterianas      Leptospirose   
Brucelose   
D. de Lyme   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

D. virais      Raiva   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

D. fúngicas      Dermatofitoses   
Criptococose   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

**Anexo 2:** Questionário 2, destinado aos utilizadores de cães de assistência



Data: \_\_\_\_\_

### Questionário 2

Este questionário pretende recolher dados sobre cães de assistência em Portugal, no âmbito de uma tese de mestrado integrado, sob o tema “Estudo sobre cães de assistência em Portugal” do curso de Medicina Veterinária, da Faculdade de Medicina Veterinária, da Universidade de Lisboa. As respostas dadas serão de carácter anónimo e usadas apenas no âmbito do referido estudo.

#### PARTE I – O utilizador

1- Nome: (facultativo) \_\_\_\_\_

2- Idade: \_\_\_\_\_

2.1- Sexo: F  M

3- Localização geográfica (Freguesia/concelho/distrito): \_\_\_\_\_

4- Possui: Cão-guia   
Cão para surdos   
Cão de serviço

5- É o primeiro cão de assistência que tem? Sim  Não

5.1- Se não, quantos já teve? 1  2  3  mais de 3

6- Há quantos anos tem cães de assistência?

<1 ano  1 ano  2 anos  3 anos  4 anos  > 4 anos  Quantos? \_\_\_\_\_

7- Como adquiriu o seu cão de assistência?

Cão próprio   
Associação portuguesa de treino de cães de assistência  Qual? \_\_\_\_\_  
Associação estrangeira de treino de cães de assistência  Qual? \_\_\_\_\_  
Treinador particular   
Outra proveniência  Qual? \_\_\_\_\_

#### PARTE II – O cão

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Idade: \_\_\_\_\_

3- Sexo F  M

4- É esterilizado? Sim  Não

5- Raça? Labrador Retriever  Golden Retriever  Pastor Alemão  Outra   
Qual? \_\_\_\_\_

6- Que idade tinha o cão, quando lho foi atribuído?

<1 ano  1 ano  2 anos  3 anos  >3 anos

7- É vacinado? Sim  Não

7.1- Se sim, quais as vacinas que tem?

Parvovirose	<input type="checkbox"/>	Esgana	<input type="checkbox"/>
Leptospirose	<input type="checkbox"/>	Coronavirose	<input type="checkbox"/>
Piroplasmose	<input type="checkbox"/>	Hepatite canina	<input type="checkbox"/>
Tosse do canil	<input type="checkbox"/>	Leishmaniose	<input type="checkbox"/>
Raiva	<input type="checkbox"/>	Outras	<input type="checkbox"/> Quais? _____
Doença de Lyme	<input type="checkbox"/>		_____

8- Desparasitação? Interna: Sim  Não   
Externa: Sim  Não

8.1- Se sim, com que frequência?

<u>Internamente:</u> 1 x mês	<input type="checkbox"/>	<u>Externamente:</u> 1 x mês	<input type="checkbox"/>
A cada 2 meses	<input type="checkbox"/>	A cada 2 meses	<input type="checkbox"/>
A cada 3 meses	<input type="checkbox"/>	A cada 3 meses	<input type="checkbox"/>
A cada 6 meses	<input type="checkbox"/>	A cada 6 meses	<input type="checkbox"/>
Anualmente	<input type="checkbox"/>	Anualmente	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>
Não sabe	<input type="checkbox"/>	Não sabe	<input type="checkbox"/>

9- Vai ao médico veterinário com que frequência?

Nunca   
Só quando está doente   
Quando tem dúvidas sobre a saúde do cão   
Uma vez por ano   
Duas vezes por ano   
Três ou mais vezes por ano

10- Já teve alguma doença? Sim  Não

10.1- Se sim, qual ou quais?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

11- Qual a alimentação que lhe dá?

Comida caseira   
Comida comercial de ração   
Comida comercial húmida   
Outras  Quais? \_\_\_\_\_

11.1- Quantas vezes come ao dia? 1x dia   
2x dia   
3x dia   
Mais de 3x dia   
Comida *ad libitum*

11.2- Quando come o cão? De manhã   
De tarde   
De noite   
De manhã e de tarde   
De manhã e de noite   
De tarde e de noite   
A qualquer hora do dia

12- Onde dorme o cão?

Com o utilizador

Cama própria

Canil

Outro  Qual? \_\_\_\_\_

13- Do ponto de vista de utilidade do seu cão, classifique-o de 1 a 5, em que 1 considera-o nada útil e 5 imprescindível.

1 2 3 4 5

14- Do ponto de vista de valor emocional do seu cão, classifique-o de 1 a 5, em que 1 considera-o apenas cão de trabalho e 5 o seu companheiro.

1 2 3 4 5

15- Frequência com que o cão trabalha?

Diariamente

Semanalmente

Mensalmente

Anualmente

16- O seu cão tem tempo para atividades fora do trabalho, como brincadeiras, passeios, entre outros?

Sim Não

16.1- Se sim, quanto tempo por dia, tem para estas atividades?

10 minutos

20 minutos

30 minutos

Entre 30 minutos e 1 hora

1 hora

2 horas

Mais de 2 horas

Outro

17- Recebe recompensas? Sim Não

**17.1-** Se sim, quando recebe?

- Imediatamente após trabalho efetuado   
Ao fim de cada dia de trabalho   
Esporadicamente   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**17.2-** Se sim, que recompensa recebe?

- Comida   
Carícia   
Palavra carinhosa   
Brincadeira   
Passeio   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**18-** Alguma vez lhe desobedeceu? Sim  Não

**18.1-** Se sim, qual a situação?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**18.2-** Como a resolveu essa desobediência?

- Castigo   
Ignorou   
Zangou-se   
Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**19-** Na presença de outras pessoas, o cão continua a exercer a sua função?

- Sim  Não  Nem sempre

**19.1-** Se não, como resolve a situação?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**20-** Qual será o destino do cão, após terminada a sua vida útil, como cão de assistência?

- Abate   
Passa a animal de companhia   
É devolvido à associação/escola   
Não sabe   
Outros  Qual? \_\_\_\_\_

**20.1-** Se já teve outros cães de assistência, o que lhes aconteceu?

- Abate   
Morte natural   
Morte por doença   
Passa a animal de companhia   
Foi devolvido à associação/escola   
Outros  Qual? \_\_\_\_\_

## PARTE III – Tipo de cão

### A- Cão-Guia

1- Que tipo de percurso faz?

Casa

Rua

Transportes públicos

Transportes privados

Outros  Qual? \_\_\_\_\_

1.1- Se anda de transportes, quais?

Carro

Táxi

Autocarro

Comboio

Barco

Metro

Avião

Outros  Qual? \_\_\_\_\_

2- O que reconhece?

Palavras

Gestos

Sons

Percursos

Objetos

Outros

2.1- Quais as palavras?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.2- Quais o gestos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.3- Quais os sons?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.4- Quais os percursos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.5- Quais os objetos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.6- Que mais reconhece?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**B- Cão para surdos**

1- O que reconhece?

Palavras

Gestos

Sons

Objetos

Outros

1.1- Quais as palavras?

---

---

1.2- Quais o gestos?

---

---

1.3- Quais os sons?

---

---

1.4- Quais os objetos?

---

---

1.5- Que mais reconhece?

---

---

2- Como chama a atenção do utilizador?

Salta

Corre para o local que toca

Puxa pela roupa do utilizador

Senta-se

Coloca-se de pé

Arranha

Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**C- Cão de serviço**

1- O que reconhece?

Palavras

Gestos

Sons

Objetos

Outros

1.1- Quais as palavras?

---

---

